

ÁGUAS, TRILHOS E MANACÁS



as cores da memória

Marcelo de Paiva é historiador com formação na UNESP (Universidade Estadual Paulista) e na USP (Universidade de São Paulo), atua nas áreas de pesquisa, exposições, museus e outras atividades culturais e tem experiência em importantes instituições culturais como o Museu Paulista da USP (Museu do Ipiranga) e a Fundação Bienal. Nascido no Grande ABC, também já esteve envolvido com programas de ação social na região.

Idealizador: Édison Carlos
Coordenação: Estúdio Brasileiro
Croquis de abertura dos capítulos: Arthur Zobaran Pugliese
Projeto Gráfico e Capa: Isabela A. T. Veras
Diagramação: Fabricando Ideias
Revisão: Nora Augusta Correa
Sílvia Passarelli

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, São Paulo, Brasil)

Paiva, Marcelo de
Águas, trilhos e manacás : as cores da memória / Marcelo de Paiva.
-- Santo André : Solvay Indupa , 2010.

1. Artes 2. Cidades - São Paulo - Descrição 3. Cidades - São Paulo - História 4. Cultura 5. Mauá (SP) - História 6. Memórias 7. Parana-
piacaba (SP) - História 8. Ribeirão Pires (SP) - História 9. Rio Grande
da Serra (SP) - História 10. Santo André (SP) - História I. Título

10-07453

CDD - 981.61

Índices para catálogo sistemático:

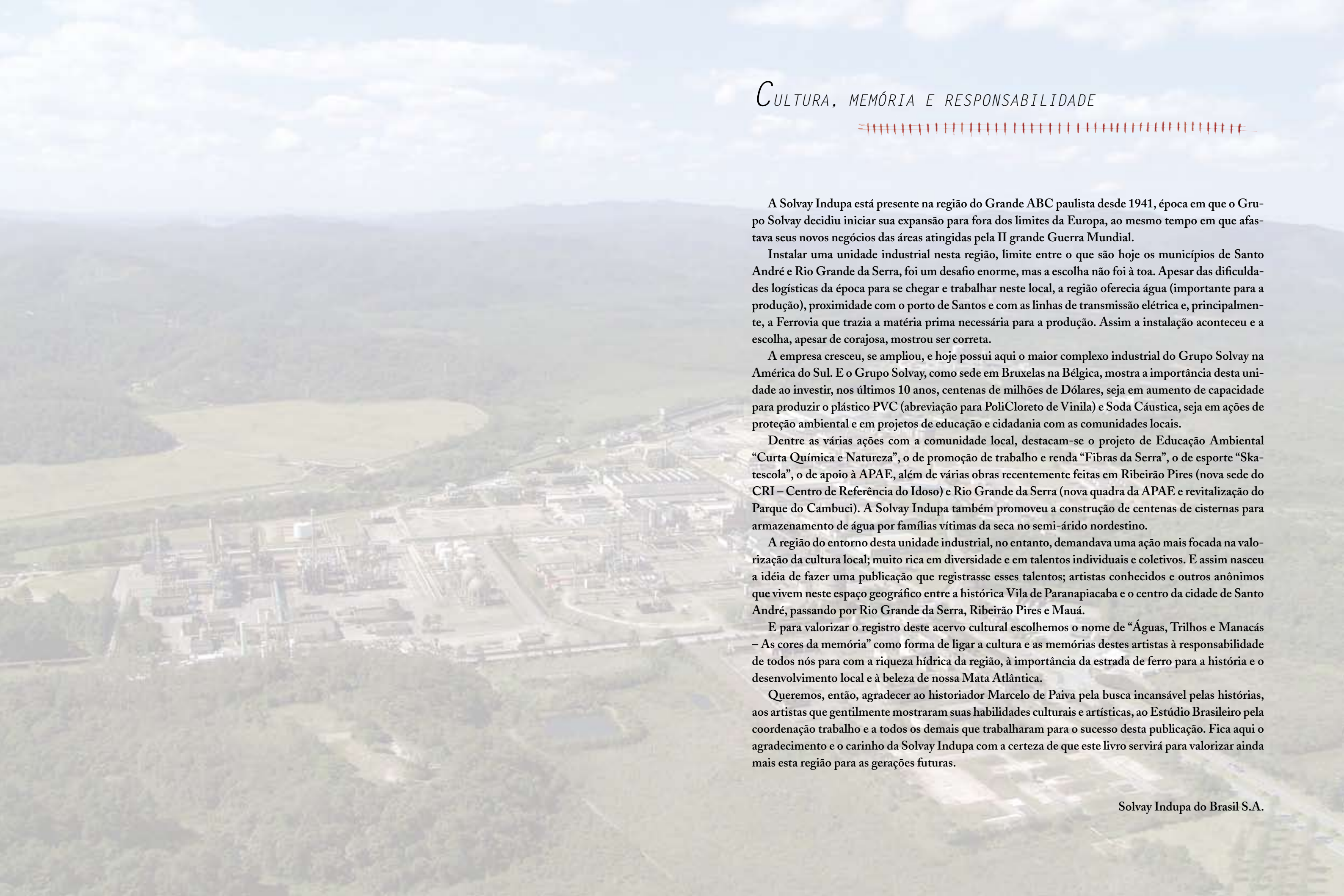
1. Cidades paulistas : Memória local : História 981.61



ÁGUAS, TRILHOS E MANACÁS

as cores da memória

Santo André
2010



CULTURA, MEMÓRIA E RESPONSABILIDADE

A Solvay Indupa está presente na região do Grande ABC paulista desde 1941, época em que o Grupo Solvay decidiu iniciar sua expansão para fora dos limites da Europa, ao mesmo tempo em que afastava seus novos negócios das áreas atingidas pela II grande Guerra Mundial.

Instalar uma unidade industrial nesta região, limite entre o que são hoje os municípios de Santo André e Rio Grande da Serra, foi um desafio enorme, mas a escolha não foi à toa. Apesar das dificuldades logísticas da época para se chegar e trabalhar neste local, a região oferecia água (importante para a produção), proximidade com o porto de Santos e com as linhas de transmissão elétrica e, principalmente, a Ferrovia que trazia a matéria prima necessária para a produção. Assim a instalação aconteceu e a escolha, apesar de corajosa, mostrou ser correta.

A empresa cresceu, se ampliou, e hoje possui aqui o maior complexo industrial do Grupo Solvay na América do Sul. E o Grupo Solvay, como sede em Bruxelas na Bélgica, mostra a importância desta unidade ao investir, nos últimos 10 anos, centenas de milhões de Dólares, seja em aumento de capacidade para produzir o plástico PVC (abreviação para PoliCloreto de Vinila) e Soda Cáustica, seja em ações de proteção ambiental e em projetos de educação e cidadania com as comunidades locais.

Dentre as várias ações com a comunidade local, destacam-se o projeto de Educação Ambiental “Curta Química e Natureza”, o de promoção de trabalho e renda “Fibras da Serra”, o de esporte “Skatescola”, o de apoio à APAE, além de várias obras recentemente feitas em Ribeirão Pires (nova sede do CRI – Centro de Referência do Idoso) e Rio Grande da Serra (nova quadra da APAE e revitalização do Parque do Cambuci). A Solvay Indupa também promoveu a construção de centenas de cisternas para armazenamento de água por famílias vítimas da seca no semi-árido nordestino.

A região do entorno desta unidade industrial, no entanto, demandava uma ação mais focada na valorização da cultura local; muito rica em diversidade e em talentos individuais e coletivos. E assim nasceu a ideia de fazer uma publicação que registrasse esses talentos; artistas conhecidos e outros anônimos que vivem neste espaço geográfico entre a histórica Vila de Paranapiacaba e o centro da cidade de Santo André, passando por Rio Grande da Serra, Ribeirão Pires e Mauá.

E para valorizar o registro deste acervo cultural escolhemos o nome de “Águas, Trilhos e Manacás – As cores da memória” como forma de ligar a cultura e as memórias destes artistas à responsabilidade de todos nós para com a riqueza hídrica da região, à importância da estrada de ferro para a história e o desenvolvimento local e à beleza de nossa Mata Atlântica.

Queremos, então, agradecer ao historiador Marcelo de Paiva pela busca incansável pelas histórias, aos artistas que gentilmente mostraram suas habilidades culturais e artísticas, ao Estúdio Brasileiro pela coordenação trabalho e a todos os demais que trabalharam para o sucesso desta publicação. Fica aqui o agradecimento e o carinho da Solvay Indupa com a certeza de que este livro servirá para valorizar ainda mais esta região para as gerações futuras.

Solvay Indupa do Brasil S.A.

ÍNDICE



09	Apresentar o conhecido que se esconde
13	Ponto de Partida
21	UMA VILA, DUAS CIDADES - Paranapiacaba
22	Flor da Serra
23	Zé Mário apresenta: uma serra cheia de vida
24	A vila que aparece e desaparece
25	Flautosofia
26	Aumião da Serra
28	O Marquês do Funicular apresenta: uma vila sem trem?
31	Texturas, sabores... arte sob neblina
32	Novos sopros
33	O Camelô do Riso no alto da serra
34	Barro moldado, fogo dourado
35	Memórias do Pau da Missa
37	NO CAMINHO HÁ UM GRANDE RIO - Rio Grande da Serra
39	Uma conversa com dona Gisela
40	As cores da memória
42	Papelão, pedras, três irmãos e um russo na serra
45	Madeira morta, madeira viva
46	Fibras da serra
47	Palavras na serra
50	Sons no caminho do Zanzalá
52	Nos palcos de Rio Grande
54	Das escolas para os projetores
57	NOS RECANTOS DO PILAR VELHO - Ribeirão Pires
58	Reminiscências de Américo Del Corto
59	Aventuras nas terras de Caaguassú
60	Sucatas, Sereias e o Santo Casamenteiro
62	Flores ao longo do caminho
64	Os sons da garoa
65	Sua majestade, o violão
66	Ensaio e música aos domingos
67	Amigos e seresteiros
68	O povo brasileiro como protagonista
70	Um novo olhar

72	AS MARGENS DO TAMANDUATEÍ - Mauá
74	As histórias de Osíris de Paula Soares
75	Do barro à porcelana
78	Do Colégio Brasileiro de Poetas à Taba de Corumbê
81	Samba para São Benedito
83	Bandas e danças
84	Passos e violas
86	Do Teco à Téuga
89	Mauá em projeção
91	TRILHOS, FÁBRICAS, MIGRANTES - Santo André
93	Um museu para recordar
94	Figurações, Abstrações, Expressionismos e Concreções
100	Café com poesia
102	Alfarrábios - livro novo é aquele que você ainda não leu
103	O canto da cigarra
104	Acordes dissonantes
107	Do Teatro de Alumínio ao Teatro Municipal
109	Anônimos nacionais
111	Bibliografia

A PRESENTAR O CONHECIDO QUE SE ESCONDE...



Luiz Roberto Alves

Novamente, as narrativas. Que belo que sejam narrativas! Pois elas são a única chance que temos de o mundo não se tornar estranho ao lado de nós e as pessoas não se transformarem em meros objetos. E é isso o que temos nas páginas que se seguem, trabalhadas pelo Marcelo com a presença de inúmeros narradores e narradoras.

Quem estudou bastante as histórias, reais ou fictícias, inventadas (mas que sempre têm muito de realidade!) mostrou que a descrição de pessoas e objetos faz com que o relógio pare. Aí, o que funciona é o enquadramento de tudo no espaço: as casas, as pessoas, as ruas, a vegetação, a memória lenta, os detalhes dos corpos humanos, a natureza, mesmo que seja um vulcão em erupção. Quando se começa a narrar, tudo muda: o relógio volta a funcionar. E se os relógios funcionam, a vida entra em movimento. A ação, as falas, os gritos, talvez os tiros e as máquinas em seus murmúrios e rugidos.

Geralmente, a memória fica entre o narrar e o descrever. Mas é mais narrativa que descrição. Nas histórias que recuperam imagens, vidas, significações e fatos de Paranapiacaba, Rio Grande da Serra, Ribeirão Pires, Mauá e Santo André há muita memória e não há barulhos de trens. Ocorre que não é um filme, mas sim um conjunto de narrativas. No entanto, quantos trens e todos os seus barulhos vêm à nossa cabeça, quantas chaminés fumegam, quantas carroças trilham caminhos do trabalho difícil, quantas pessoas saem do esquecimento e retornam a se sentar conosco neste encontro gostoso do ato de narrar. Há boas descrições, sem dúvida, como a realização de festas, o esforço em fazer um filme, os detalhes de ruas e caminhos, a altura das casas e monumentos ou as cores de desenhos e pinturas. Com a devida atenção, tudo será descoberto nas próximas páginas, nas quais todos e todas são convidados e convidadas a entrar e ler com cuidado e carinho. Dessa leitura pode depender o melhor conhecimento desta região, onde nascemos ou que adotamos para viver, fincar raízes, criar os filhos e, por que não, até morrer e ficar para sempre.

O narrar e o descrever dependem da leitura que cada um faz. Diante da gente, de fato, colocam-se duas leituras, como lembrou um grande educador do Brasil: uma leitura do mundo e outra da palavra, quase ao mesmo tempo.

Ler o mundo do Grande ABC, representado por essas cidades, vilas e vidas, leva a conhecer pessoas semelhantes e diferentes das de hoje, que trabalharam com materiais, cores, tons, instrumentos, horários e procedimentos talvez bem diferentes de hoje. Ora, os tempos da economia do café, da velha indústria e do inchaço das nossas cidades têm pouco a ver com o ritmo de trabalho de hoje, os novos serviços, os modos e os lugares de trabalhar. Por isso, as estações vão sendo substituídas e até destruídas, as lagoas dão lugar a praças sequinhas, matadouros e curtumes viram shoppings, lugares são abandonados (e voltam a ser recuperados depois...), as capelas

são marcadas pela beleza dos fiéis e as mãos agem sobre tintas, argila, aço, cipós, madeira de lei e cordas sonoras. Nada disso pode ter sido feito do modo como fazemos hoje. São condições diferentes, aprendizados diferentes, materiais diferentes segundo a tradição, o lugar e a experiência. Imagine-se quanta leitura deste mundo temos nas páginas deste livro!

Mas há outra leitura: a da palavra, que acompanha e dá suporte às leituras de mundo. Ocorre que tudo o que foi feito também foi narrado e descrito, porque é assim que os humanos sabem fazer, contando e cantando o que fazem. Desde os tempos das cavernas. Aqui lemos as tantas falas sobre rios, capelas, famílias, arte, mudança da cidade, objetos lindos e esquisitos, organizações de cidadãos e cidadãs. Além das falas, temos imagens e palavras, muitas palavras, contidas em jornais, peças de teatro, roteiros de filmes, livros, folhetos, panfletos. Tudo narra e descreve o que foi a nossa história regional. Pois bem, quando juntamos as leituras do mundo acontecido e do mundo narrado e descrito criamos as boas memórias, as memórias fortes. Ainda que tristes às vezes, porque temos a tendência de não aceitar grandes mudanças, destruições, esquecimentos. Mas precisamos compreender bem o que houve e, quando possível, restaurar e recuperar. E quando criamos memórias, mudamos nosso ser, passamos a conhecer mais e a transformar nosso modo de ver e ler a vida e o mundo.

Esta apresentação faz questão de não citar os nomes, porque respeita cada um, porque deseja abrir as páginas para as leituras mais ricas e porque citar um ou uma exigiria citar todos e todas. E não somente as pessoas, como também os objetos, os fenômenos, os lugares e as organizações. Por isso é uma apresentação que sugere várias coisas, mas esconde o essencial, privilégio dos leitores. O apresentador leu tudo, curtiu muito e aprendeu bastante, mas se recusa a antecipar o prazer de ler e as descobertas consequentes. No entanto, deve-se dizer que as páginas vão passando como num filme misturado de teatro. Os rios e as montanhas de nossa região são o cenário natural. Entre eles e elas ergueu-se a cultura material, com madeira, cimento, tijolos e argamassas. Depois algumas tecnologias foram necessárias para transportar a economia, o que liga o velho sistema funicular de Paranapiacaba às novas fábricas e mercados. No meio desse processo, o importante mesmo é que pessoas, associações e grupos agiram e reagiram, alguns buscando filmar, outros escrevendo muito, tantos outros fazendo artesanato e fabriquetas caseiras, ainda outros criando representações de música e teatro e lindos objetos, moldados e pintados, para adorno e utilidade. Ocorre que o artesanato, as letras e as artes interpretam o que está acontecendo, dão sua visão do que se mantém e do que muda, da tradição vivida e das transformações. As páginas que se seguem, portanto, terão de tratar de um mundo simples e empobrecido, às vezes iletrado, no qual a riqueza maior é a invenção da vida, refletida na invenção de lugares e objetos. Terão, também, de mostrar as reações de jovens e adultos ao que andava errado, por exemplo os governos autoritários que prendiam e matavam. E devem mostrar como a cidade crescida mudou as pessoas e suas organizações, provocou a sucessão de gerações e alterou hábitos e costumes. No entanto, observem vocês que não somente se mantém memórias, como novas gerações resolvem retornar a ideias, práticas e valores dos seus antigos.

Quando não, recuperam o lugar antigo para novas práticas e, assim, atestam que os antigos eram tão ricos em ideias e ações quanto nós, os contemporâneos.

Estas páginas não são histórias de deuses e heróis. São páginas de homens e mulheres a criar história no espaço delicado e forte em que resolveram viver, o Grande ABC. Trata-se de trabalhadores, fundamentalmente. As culturas do trabalho aqui forjadas é que criam arte, ideias, contemplação, rebeldia, beleza e projetos de mudança. Às vezes de modo excêntrico e esquisito, o que não é um mal, mas é diferente. Esta obra também mostra que as pessoas tomam posições, são marcadas por ideologias, refletem sua educação, seus valores culturais de origem e os aprendizados em movimento. Trata-se, pois, de páginas para serem lidas com a inteligência de quem quer ver a diversidade social e cultural. Sendo diversidade, é como a fatia de um grande bolo, o bolo nacional. Tirar uma fatia significa compreender todo o Brasil, para não dizer o mundo. Mudando um pouquinho as palavras do nosso escritor maior, João Guimarães Rosa, o Grande ABC é o mundo...migrante e imigrante.

O que educadores e educadoras podem fazer com esta obra?

Muito. Levar a leituras diversas da história, caracterizar personagens e fatos, discutir natureza e cultura, redesenhar a história regional, pensar nas mudanças estruturais, discutir as culturas do trabalho e reconstruir a história a partir do que andava esquecido. O mais importante aqui é que as personagens da história são reencontradas e suas falas e memórias muitas vezes são originais, pois nunca tinham sido ditas, ou foram ditas há muito e não gravadas.

Como fazer? Ora, não há método que não seja intrínseco ao objeto e seus objetivos. Nas mãos sensíveis dos educadores, este material permitirá o desenho, a pintura, a redação, a maquete, o debate e muito mais. Permitirá o que falta demais à escola de hoje e de sempre: encontrar-se com a comunidade e intercambiar conhecimentos. Ao se reconhecer que alguns dos falantes desta obra ainda têm bastante a dizer, conviria convidá-los e convidá-las para que se encontrem com os estudantes e dialoguem mais sobre a história vivida e construída.

Acima de tudo, construir nos educandos e educandas, filhos e estudantes, e também nos adultos, sentidos e valores do ato de lembrar. Visto que a lembrança privilegia o que é ou foi importante para nós, na boa memória desta terra encravada entre o planalto e o mar estará garantido para nós que este é um lugar digno e importante para viver. Um lugar em que, segundo atestado da história dos que vieram e fizeram antes de nós, seu povo busca apresentar-se como protagonista. Esta última frase, com alguma mudança, está no livro. Encontre-a em sua leitura atenta. Então, ao prazer da leitura!

Luiz Roberto Alves - Professor e pesquisador na UESP - Universidade Metodista de São Paulo e na USP - Universidade de São Paulo. Atua nas áreas de cultura, comunicação e organizações. Coordena a Cátedra Celso Daniel de Gestão de Cidades da Metodista, que trabalha com políticas públicas integradas. Assessor voluntário de movimentos sociais. Ex-Secretário de Educação, Cultura e Esportes de São Bernardo do Campo e Mauá.



P_{ONTO DE PARTIDA}



Sonoro sereno / Serena garoa
Pela madrugada / Não faço nada que me condene
A sirene toca / Bem de manhãzinha
Quebrando o silêncio / Sonorizando a madrugada
Passa o automóvel / Na porta da fábrica
O ratinho grita com voz metálica
Uma canção / Sonora garoa
Sereno de prata / Sereno de lata
Reflete o sol bem no caminhão

Passoca

Todo dia antes que o sol nasça encerrando a madrugada, um apito quebra o silêncio acompanhado de um cheiro metálico e um ruído ritmado que pode ser ouvido a distância. O trem surge das brumas e logo cedo, passageiros que trabalharam enquanto os outros dormiam retornam, e encontram os que estão indo para a labuta. Estudantes, donas de casa, operários, aposentados, jovens executivos, vendedores ambulantes, pedintes, pregadores, soldados, policiais, enfermeiros, advogados pegam o trem atrás de seus sonhos, oportunidades, angústias, saúde, amores, amizades, festas, negócios, trabalho, lazer, família e quem saberá quantos motivos mais?

Olhares distantes, corpos estanques; uma moça lê um livro, um homem pega no sono, duas amigas conversam sobre coisas da vida, um estudante curte sua música em seus fones de ouvido, uma velhinha sente as dores de uma vida inteira depositando agora sua esperança nos mais jovens ao seu redor, outra moça reza, outro trabalhador lê um jornal, o vendedor ambulante faz versos rimados para vender seu produto, um cego pede esmolas, uma criança assustada segura firme na mão da mãe, um casal troca carícias, dois amigos riem juntos, dois estranhos se conversam, mãe e filha desabafam, um grupo discute a última rodada de futebol, o maquinista anuncia a próxima estação, um repentista faz versos hilários sobre a política nacional, o tempo suspenso...

O trem vai vencendo os trilhos estação por estação, passando por lugares ermos, esquecidos, vazios, edifícios em ruínas, riachos, avenidas, viadutos, morros, florestas, várzeas, fábricas, pedras, casas, calhas, muros, águas, sob sol e chuva, noite ou dia, a viagem termina para a vida continuar... cuidado com o espaço entre o trem e a plataforma!

No meio do Caminho

As terras de João Ramalho desde o início serviram de passagem para a capital e para o interior do estado. Antes pequenas estradas vencidas a pé e em lombos de mulas, em meados do século XIX surge a ferrovia rasgando o alto da Serra e o planalto paulista a todo vapor com o desenvolvimento do café, da indústria e da urbanização. A região de Paranapiacaba, Rio Grande da Serra, Ribeirão Pires, Mauá e Santo André, antes parte de um só município, foi o caminho para o crescimento paulista.

Além disso, o Rio Tamanduateí, o Rio Grande e o Ribeirão Pires, sempre desempenharam papel importante seja por conduzir o povoamento ao seu redor, ou pelas atividades econômicas que proporcionaram, como o surgimento das olarias em suas várzeas, o seu represamento para abastecimento de água e energia de boa parte da Grande São Paulo e Baixada Santista ou mesmo por terem servido como caminhos importantes para desbravamento do interior, que hoje são grandes avenidas.

Junto com a ferrovia a região do ABC inicia sua industrialização ainda no século XIX, atraindo grande número de trabalhadores migrantes de várias partes do país, especialmente o nordeste, e da Europa, em boa parte italianos. O grande volume de operários proporcionou diversos movimentos sociais e políticos e conquistas da classe trabalhadora, bem como uma diversidade cultural imensa que destacou a região não só no estado de São Paulo como no país inteiro. Há muita história e muita riqueza no meio do caminho para serem contadas e admiradas. Algumas ainda estão por se descobrir.

Este livro é dedicado a cada cidadão que vive e transforma Paranapiacaba, Rio Grande da Serra, Ribeirão Pires, Mauá e Santo André, um pouco por dia, e pretende dar apenas uma amostra da diversidade e riqueza das ideias e expressões de pessoas que ajudam a desenhar cada cidade.

Estação Alto da Serra

Quando a ferrovia chegou ao estado de São Paulo com a São Paulo Railway Company ainda no século XIX, logo os administradores ingleses da companhia construíram um vilarejo incrustado no alto da Serra do Mar destinado à moradia dos operários que trabalhavam na manutenção do maquinário dos patamares do trecho de serra da linha. O trem, durante muitas décadas, foi o mais importante e mais luxuoso meio de transporte entre interior, capital e porto, escoando café para exportação e trazendo outros gêneros para o interior, além de conduzir milhares de imigrantes para os cafezais e posteriormente para as indústrias da grande São Paulo bem como elite e governantes em seus negócios ou lazer. Com o tempo, a tecnologia ferroviária evoluiu da maria-fumaça ao trem elétrico.

O vilarejo e a ferrovia foram construídos sobre antigos caminhos abertos pelos nativos antes da chegada dos europeus. Paranapiacaba, lugar de onde se avista o mar, na língua tupi-guarani, se tornou um lugar valorizado por trabalhadores da ferrovia que recebiam moradia, privilégios e participavam de agremiações. A antiga Sociedade Recreativa Lyra da Serra e o Desportivo Serrano Futebol Clube, formados por ferroviários, promoviam atividades culturais e esportivas para os moradores de Paranapiacaba e também visitantes de várias outras localidades em seus salões, de sessões de cinema a bailes de carnaval, nas quadras esportivas, futebol e outros jogos. Depois, se fundiram em um único clube, o União Lyra Serrano, que nunca deixou de garantir o lazer de sua população.

O grande relógio da fábrica Johnny Walker Benson, instalado na antiga Estação Alto da Serra ainda se destaca na paisagem e suas badaladas ainda se escutam em qualquer parte da vila a cada hora ajudando os moradores a controlar o tempo de seus afazeres. Instalado pelos ingleses, o relógio da estação trouxe o rigor vitoriano inglês sobre a pontualidade e o controle do tempo para os trabalhadores da ferrovia. O castelinho que se tornou museu, era a casa destinada ao engenheiro-chefe que, vigilante, entre suas funções tinha que conduzir com atenção as atividades da ferrovia e até mesmo zelar pela conduta pessoal de seus funcionários. O Museu do Funicular preserva o que restou do mais alto dos cinco patamares do sistema de tração de trens para subida e descida da serra. O sistema requeria cuidado e atenção especial a cada operação, e, eventualmente, o terreno sedimentar da Serra do Mar danificava a linha, exigindo reparos rápidos.

As casas foram construídas em diferentes tipos e dimensões para serem ocupadas de acordo com a importância do cargo do funcionário e de sua estrutura familiar, mantendo, no entanto, muitas semelhanças, e criando uma paisagem bastante homogênea. Funcionários casados e com filhos tinham direito a casas, enquanto os solteiros solteiros ocupavam barracões, moradias coletivas separadas do conjunto familiar. Os engenheiros e técnicos ingleses tinham direito a casas melhores e maiores. Com o fim da concessão da companhia São Paulo Railway a Rede Ferroviária Federal, RFFSA, que passou a administrar a Estrada de Ferro Santos-Jundiaí e a vila de Paranapiacaba, construiu algumas casas de alvenaria seguindo os mesmos critérios de ocupação de antes. Muitos aposentados se instalaram na parte alta da vila, conjunto urbano que mesmo tendo sido instalado junto com a construção da ferrovia, em meados do século XIX, ficou conhecido como vila dos aposentados.

A exuberância da Serra do Mar abraça a vila, completando sua paisagem. Desde os tempos da

fundação de Paranapiacaba as matas que a circundam seduzem inúmeros especialistas, como foi o caso de Hermann Von Ihering, diretor do Museu Paulista, que recebeu terras para implantar um núcleo de recepção de pesquisadores de história natural do mundo inteiro que realizavam expedições de reconhecimento da flora, da fauna e dos aspectos geológicos da mata atlântica. Estas terras formam hoje a Reserva Biológica do Alto da Serra de Paranapiacaba onde são realizadas inúmeras pesquisas sobre a biodiversidade, o solo, a flora, o clima e a geologia da Serra do Mar e os efeitos da poluição sobre a Mata Atlântica.

Em 1985 o CONDEPHAAT tombou tanto o complexo ferroviário e o conjunto da vila por seu valor histórico, arquitetônico e paisagístico como e também a Reserva Biológica do Alto da Serra de Paranapiacaba e toda a área envoltória da vila, por sua grande importância ambiental pela sua biodiversidade e suas inúmeras nascentes que abastecem diversos rios e reservatórios.

A substituição do antigo sistema de tração da Serra do Mar – o sistema funicular – pelo sistema cremalheira, em 1976, marcou o abandono da vila de Paranapiacaba, já que a Rede Ferroviária Federal não mais necessitava abrigar operários junto à via férrea e deixou Paranapiacaba à deriva. Em 1981, o antigo prédio da Estação Alto da Serra, construída no final do século XIX e já desativada, sofreu um incêndio que poupou apenas o relógio, que anos antes havia sido instalado em uma nova torre mais alta em outra plataforma.

Nos anos seguintes, a população do vilarejo foi se adaptando e se transformando até o novo momento em que a prefeitura de Santo André, na gestão do Prefeito Celso Daniel, compra a vila passando a administrá-la. Desde então a vila tem se tornado um ninho de artistas e artesãos que tem colaborado com uma nova, porém difusa feição para o vilarejo. Novos moradores convivem com os mais antigos e a vila ferroviária que não tem mais trens ainda ensaia uma redefinição de sua identidade.

Estação Rio Grande da Serra

É impossível não notar a beleza da várzea do rio Grande ao se chegar à cidade. Ao passar os morros a esplanada se abre e o sol reflete sobre as águas do Icatuaçu, denominação indígena para águas doces, abundantes já muito valorizadas por tribos Guaianazes, Tupiniquins, Carijós etc que por ali passavam. Todo o resto parece pequeno perto do rio. A cidade se formou ao redor do antigo Caminho do Zanzalá, que cruzando o rio, era antes usado por nativos e mais tarde por tropeiros que viajavam entre Santos e Mogi, onde hoje passa a Estrada do Rio Pequeno, a Rua Jean Lieutaud, a Avenida Dom Pedro I e Estrada Guilherme Pinto Monteiro.

A Capela de São Sebastião, um dos cartões postais da cidade, traz a memória das primeiras viagens e dos viajantes que percorreram esses caminhos. Antes chamada de Santa Cruz, a capela foi erigida em meados do século XVII por tropeiros. Mudou de nome quando um morador fez e doou para a Capela uma escultura em madeira representando São Sebastião, presente até hoje na Igreja Matriz.

A estação ferroviária foi implantada muito próxima da Capela, no cruzamento da via férrea com o antigo Caminho do Zanzalá, e, no mesmo lugar, ainda funciona o edifício que foi implantado no primeiro ano do século XX. A ferrovia trouxe consigo o desenvolvimento urbano de Rio Grande da Serra, escoando gêneros produzidos por ali como carvão, pedras, madeira e alimentos desde meados do século XIX. A estação é utilizada diariamente por vários cidadãos a caminho de São Paulo e outras cidades do ABC.

Um dos bairros riograndenses mais conhecidos é o da Pedreira. Hoje desativada, a enorme pedreira funcionou intensamente durante anos fornecendo pedras para a construção civil e calçamento de ruas de São Paulo e região. Por volta dos anos quarenta, os moradores se empenharam em construir uma capela em devoção à Santa Lu-

zia, santa protetora dos olhos, para a qual muitos funcionários rezavam pedindo pela saúde de suas vistas afetadas pelas faíscas geradas na extração de pedras. A Festa de Santa Luzia desde então acontece anualmente ao redor da igreja construída pelos próprios moradores com pedras dali mesmo.

Para levar e trazer os funcionários da pedreira, foi instalado um ramal ferroviário para o transporte de pedras até a estação e por onde um pequeno bonde, preservado até hoje na sede da Secretaria de Cultura do município, realizava o transporte dos trabalhadores. Na década de 1920 a Light & Power Company escolheu o Rio Grande para ser o braço central do represamento projetado pelo engenheiro Billings para gerar energia na usina hidrelétrica Henry Borden, aproveitando a queda da Serra do Mar. Nascida como reservatório para produção de energia, logo o crescimento de São Paulo e da Região do ABC exigiu que a Represa Billings fosse também reservatório de abastecimento de água, exigindo ações em torno da preservação do rio Grande. Até hoje é uma questão ambiental séria, uma vez que o rio é o coração da biodiversidade e do abastecimento de água da região.

Pela importância das riquezas naturais associadas ao abastecimento de água e energia bem como a localização estratégica de caminhos entrecruzados principalmente a linha do trem, durante a Segunda Guerra Mundial, o Ministério da Guerra congelou os loteamentos interrompendo a expansão urbana da cidade entendendo o caso como sendo questão de segurança nacional.

Posteriormente a totalidade do território de Rio Grande da Serra foi inserido na Lei de Proteção aos Mananciais, exigindo um controle mais rigoroso do uso e ocupação do solo. Hoje a cidade conta com mais de setenta por cento de mata ainda preservada.

Estação Ribeirão Pires

Todo ano comemora-se a tradicional Festa do Pilar, na Capela de Nossa Senhora do Pilar, principal símbolo de Ribeirão Pires. Foi nos arredores da Capela que se formou, junto ao caminho que ligava o Caminho do Mar e São Bernardo a Mogi das Cruzes, o primeiro povoado, que se tornou conhecido como Pilar Velho. A Capela, construída em 1714, é protegida pelo CONDEPHAAT como patrimônio histórico, pois traz características arquitetônicas muito comuns em construções bandeirantes.

A urbanização de Ribeirão Pires foi acontecer apenas após a inauguração da ferrovia, ao redor da estação foi implantado um núcleo colonial nas ruas do Centro Alto, em torno da Igreja de São José. Pouco a pouco residências, indústrias, escolas, comércio foram se instalando junto à ferrovia e nas ruas do antigo núcleo colonial. Ribeirão Pires foi criado como município em 1953, seu nome foi escolhido por causa do rio ao redor do qual cresceu e em homenagem à família dos Pires, pioneira na ocupação da cidade.

Todos os dias, no centro da cidade, se escuta a sineta que avisa aos transeuntes que o trem está chegando. A porteira então se fecha bloqueando a travessia da linha para a composição passar. A elegante estação de Ribeirão Pires ainda é a original, construída por volta de 1900, e, juntamente com o armazém ferroviário e a cabine de comando, forma um conjunto ferroviário que faz parte do imaginário, da memória e do cotidiano de milhares de cidadãos que por ela têm acesso a outras cidades do ABC e a São Paulo e que antes realizaram frequentes viagens à Santos.

Nas suas proximidades há ainda alguns edifícios, como a Fábrica de Sal, que são testemunhas das atividades industriais com as quais a região cresceu.

Outro badalar que Ribeirão ouve diariamente às seis da manhã é o sino da Igreja de Santo Antônio, no alto do Morro do Mirante, de onde se tem uma vista privilegiada de boa parte da cidade. A Igreja foi construída pelos carregadores, um grupo de homens que fazia o serviço de carregar e descarregar vagões na estrada de ferro, escoando a produção das olarias, pedreiras e carvoarias da cidade.

Contam os mais antigos que, na década de 1940, essas pessoas organizavam anualmente uma festa em louvor a Santo Antônio, com quermesses e procissões no pequeno espaço do Morro de Santo Antônio, onde havia uma capela. O morro e a capela, removidos em 1977 para a expansão do centro da cidade, ficavam onde hoje está o cruzamento das ruas Miguel Prisco e Fioravante Zampol. Após muitos anos de festa, o proprietário do morro impediu o acesso à capela em função de um desentendimento entre duas vertentes religiosas que participavam da festa. Rapidamente os carregadores reuniram recursos e fizeram uma terraplanagem no topo do atual Morro do Mirante, onde construíram a nova igreja.

Ribeirão Pires é considerada também estância climática e turística, sendo muito procurada para veraneio nos anos quarenta e cinquenta por turistas vindos da Baixada Santista à procura do clima ameno e das boas águas das nascentes locais. Em 1976 todo o território da cidade foi incluído como área de interesse na Lei de Preservação de Mananciais, pois o Ribeirão Pires e outros córregos vizinhos também alimentam as águas da represa Billings.

Estação Mauá

O Museu Barão de Mauá é um patrimônio dos mais antigos da cidade, preservado até hoje, próximo à Avenida Barão de Mauá, por onde passam milhares de pessoas diariamente. A casa que abriga o Museu e um acervo sobre a história da cidade foi reconhecida como patrimônio cultural estadual pelo CONDEPHAAT, pela sua importância histórica como exemplo de residência bandeirista, testemunho do povoamento da região. O Museu recebeu o nome do Barão de Mauá porque localiza-se em terras que, em meados do século XIX, pertenceram ao Barão, então ocupado na implantação da estrada de ferro no fim do século XIX. Próximo ao Museu também está preservada a Paineira, única remanescente das instalações do primeiro grupo escolar de Mauá de 1935, no núcleo mais antigo da cidade, próximo ao rio Tamanduateí.

O Rio Tamanduateí, ao redor do qual a cidade de Mauá surgiu, é um dos mais importantes do Planalto Paulista, atravessando também Santo André, São Caetano e São Paulo, até desaguar no rio Tietê. Embora seja tradicionalmente aceito que sua nascente fica dentro do Parque Santa Luzia, próximo à gruta de mesmo nome, o memorialista Osiris de Paula Soares, em suas pesquisas ao final da década de oitenta, esclareceu que o Tamanduateí nasce na Vila Tavares e diversos córregos alimentam seu leito, inclusive o rio Itapeva, que é o que passa pela gruta. As pesquisas de Osiris e as questões da preservação do rio foram divulgadas em diversos jornais locais e também no jornal o Estado de São Paulo, em reportagem de Hildebrando Pafundi.

O Parque Santa Luzia, protegido pelo conselho de defesa do patrimônio da cidade, o CONDEPHAAT-MA por sua importância natural e histórica, foi sítio de uma das primeiras grandes atividades econômicas de Mauá, a extração de pedras. Algumas histórias narram que os canteiros, mineradores, recolhendo as pedras descobriram um curso d'água que, após um trecho subterrâneo,

se abria em belos rochedos, continuando seu curso. Era lá que esses homens lavavam seus olhos machucados pela extração de pedras. Acreditando em propriedades medicinais das águas, erigiram então um oratório em devoção à Santa Luzia, protetora dos olhos.

Com caminhos abertos pela ferrovia, Mauá, desde o início do século XX, ainda distrito de Santo André, já se destacava por suas fábricas de diversos gêneros. Em frente à atual prefeitura havia um grande moinho de sal da família dos Matarazzo, hoje só preservado na pintura de Mistunaga. No terreno do Mauá Plaza Shopping, funcionava um curtume do qual só restou a chaminé, visível da Avenida Antonia Rosa Fioravanti. Operários chegavam de várias partes do país e do exterior para trabalhar na região.

Nesse contexto chega à cidade ainda, na década de 1920, a JOC, Juventude Operária Católica, uma organização cristã de assistência social ao operário. A memória da organização é preservada na Santa Casa de Mauá e na Capela da JOC, com a arte de vanguarda de Emeric Marcier em seus afrescos.

Com o passar dos anos, a cidade se tornou a Cidade da Porcelana, a partir da produção de cerâmica às margens do Tamanduateí e, posteriormente, louças, através de grandes fábricas como as cerâmicas Paulista, Mauá, Cerqueira Leite, e porcelanas Kojima, Mauá, Real e Schmidt. Algumas delas ainda estão ativas e presentes na paisagem da cidade, como a Porcelana Schmidt, ou são até pontos turísticos, como a Porcelana Kojima. Após a década de 1950, com seu desenvolvimento industrial estrondoso, Mauá atraiu indústrias petroquímicas, metalúrgicas, elétricas, logísticas e muitas outras, se tornando um dos maiores pólos industriais do país com sua paisagem repleta de chaminés fumegantes e galpões. Mesmo assim a presença do Tamanduateí não deixa esquecer a importância de suas riquezas naturais e ambientais. Algumas delas ainda são preservadas em lugares como o Parque Guapituba, uma das maiores áreas verdes da cidade.

Estação Santo André

Fábricas, edifícios altos, avenidas largas, viadutos e muitos carros – é o que salta aos olhos de quem chega em Santo André. Porém, um olhar mais detido pela cidade pode revelar muito mais.

Com a inauguração da ferrovia, a área ao redor da estação pouco a pouco vai recebendo os primeiros negócios, as primeiras casas e, onde só havia um caminho, formou-se um bairro, depois uma cidade. Surgem casas, comércio, serviços públicos, armazéns, oficinas, estabelecimentos culturais, igrejas etc. O eixo da Rua Oliveira Lima, o caminho para a vila de São Bernardo, foi o primeiro núcleo urbano de Santo André e até hoje podem ser vistos alguns dos primeiros edifícios ali construídos.

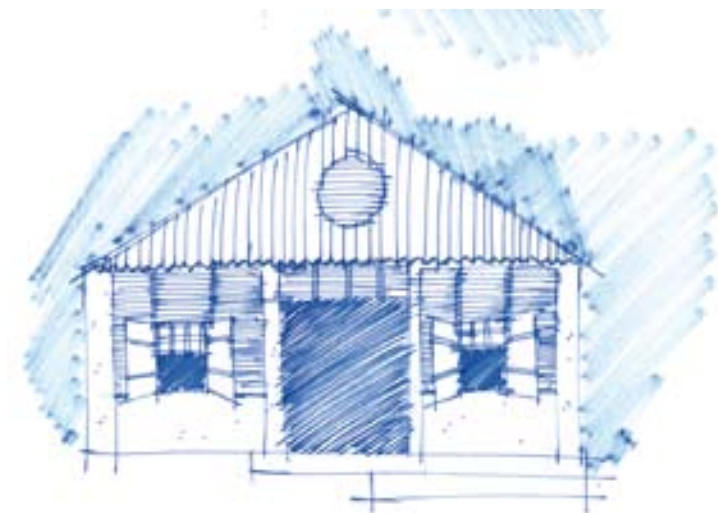
O prédio do Museu de Santo André Octaviano Gaiarsa é um exemplar dos primeiros serviços públicos andreenses, pois foi construído com verba do governo estadual em 1914 para sediar o Primeiro Grupo Escolar da cidade. A Casa do Olhar e a Casa da Palavra, hoje importantes centros culturais de Santo André, foram construídas nos anos vinte para servirem de residência à Bernardino Queiroz dos Santos e Paulina Isabel de Queiroz respectivamente, antigos membros da elite da cidade. O Cine Teatro Carlos Gomes, que teve sua fachada alterada, foi construído no mesmo período para atender a demanda cultural e de lazer da população andreense e nunca deixou de cumprir essa função. Os principais bairros da cidade foram se formando a partir de loteamento de chácaras cujas casas ainda podem ser encontradas aqui e ali, como, por exemplo, a sede da Chácara Mimosa na Avenida Portugal, mantida pelo clube Primeiro de Maio, ou então a sede da Escola Municipal de Iniciação Artística Aron Feldman, EMIA, antiga sede da Chácara Assumpção no Parque Jaçatuba, um antigo haras de mesmo nome cuja área verde foi preservada.

A urbanização de Santo André acompanha seu crescimento industrial ao longo do eixo da ferrovia. Pequenas oficinas familiares acabaram se tornando grandes fábricas, como a Companhia Streiff, por exemplo, inaugurada em 1897, na atual Rua Coronel Ortiz, nas proximidades da Travessa Biaggio Jacopucci, que foi

transferida e ampliada em terreno na Rua Queiroz dos Santos esquina com a Rua Brás Cubas, e foi uma das primeiras fábricas moveleiras da cidade. O prédio, onde passou a funcionar uma loja da rede de supermercados Coop, ainda está parcialmente preservado.

A Avenida Industrial, por exemplo, ainda guarda traços de um planejamento urbano voltado para a formação de um grande parque fabril à beira da ferrovia, e, nos edifícios que hoje abrigam uma grande central de compras com um shopping Center, um supermercado e uma loja de material de construção, funcionava a Fábrica da G&E, depois Black and Decker. O prédio do Matadouro Martinelli também foi preservado pela Universidade Federal do ABC e transformado em refeitório para estudantes, professores e demais funcionários da instituição. Lado a lado com as fábricas, havia também residências operárias como a Vila Gabrilli, na esquina das ruas Campos Sales e Cesário Mota. Após a primeira guerra mundial a industrialização andreense ao redor da ferrovia se intensifica com o surgimento de grandes indústrias, em geral empresas estrangeiras, como a Cia Química Rhodia Brasileira e a Pirelli, entre outras.

O desenvolvimento de Santo André é consagrado na segunda metade do século XX. O Centro Cívico desponta imponente na paisagem, simbolizando todo o desenvolvimento material e cultural da cidade. Construído em meados dos anos cinquenta com projeto urbanístico de Rino Levi e paisagístico de Burle Marx, grandes nomes da arquitetura moderna, o conjunto que inclui o Teatro Municipal, a Biblioteca Municipal, o Salão de Exposições do Teatro Municipal, a Biblioteca Municipal e o Salão de Exposições, o edifício do Executivo Municipal, a Câmara e o Judiciário, é expressão de um momento político em que poder público, cultura, modernidade e desenvolvimento se aproximam. Na década de sessenta é a vez do governo estadual contribuir com o conjunto, instalando na mesma praça a Escola Doutor Américo Brasiliense, reforçando o ensino público da região e completando o conjunto da Praça IV Centenário.



UMA VILA, DUAS CIDADES



PARANAPIACABA

Flor da Serra

Quando Seu Maneco chegou de Portugal em 1928 o Bar do Gato já funcionava ao lado do clube Flor da Serra, onde aconteciam algumas das sessões de cinema, festas e bailes da cidade. Maneco adquiriu o estabelecimento, com o intuito de aproveitar o movimento das festas do clube. Assim, o bar, que naturalmente passou a ser conhecido com o nome de Flor da Serra, foi se tornando um ponto de encontro de diversos amigos moradores de Paranapiacaba ao longo de muitos anos.

Maneco casou-se com Lurdes, também portuguesa, e com ela fez sua família. Seus filhos Cláudio e Alberto a vida toda trabalharam em Paranapiacaba, e ajudaram a administrar o bar. Ao longo dos anos reformaram o imóvel, trocando a madeira pela alvenaria. A mobília, sempre preservada junto com o bar, foi trazida de trem da cidade de Santos. As viagens entre o porto e o Alto da Serra eram comuns naquela época, enquanto funcionou a ferrovia, e era possível fazer o trajeto em menos de uma hora. Boa parte das crianças de Paranapiacaba estudavam em Santos, e muitos moradores da vila lá faziam compras.

O Flor da Serra sobreviveu mesmo depois da morte de Maneco em 1995, conduzido por seu filho Alberto, o Betinho, com sua esposa Cida. Juntos continuaram a fazer do bar um importante ponto de encontro dos moradores mais antigos da cidade como Ditão, Ramalho, Ilda, Paulinho, Zé Mário e o fotógrafo Adauto Rodrigues, na maioria ex-ferroviários, seus filhos e familiares.

Betinho e Cida, que sempre apoiam as principais festas da cidade e a paróquia Senhor Bom Jesus de Paranapiacaba, no início dos anos dois mil ajudaram a organizar dois eventos memoráveis na vila que, desde então acontecem quase todo ano. Um é o jogo de futebol juntando os que restaram dos antigos times de Paranapiacaba. O outro é o Baile dos Amigos de Paranapiacaba. Os campos de futebol da vila revivem os clássicos de antigamente, contando com a torcida das mulheres, que em seguida fazem um grande almoço, geralmente no Clube Lyra Serrano. Já as noites rememoram os saudosos e requintados bailes que enchiam os salões com música ao vivo e danças em pares.

Betinho e Cida, em seu bar e nos eventos que ajudam a organizar, já conseguiram até mesmo reunir antigos moradores da vila que se mudaram para outras cidades após a aposentadoria. Até hoje são memória viva de tempos passados de Paranapiacaba, cheios de histórias pra contar.

Zé Mário Apresenta: Uma Serra Cheia de Vida

Zé Mário nasceu em Santos, filho e neto de funcionários da ferrovia. Seu pai e seu avô paterno eram portugueses que vieram da Ilha da Madeira para o Brasil indo trabalhar na linha de trem, e seu avô materno, nascido em Santos, também foi ferroviário. Seu caminho não poderia ser diferente: durante muitos anos trabalhou como foguista nos patamares do trecho de serra da Estrada de Ferro Santos Jundiaí. Sorridente e com olhar profundo, fala com saudades dos tempos mais movimentados e até majestosos em que Paranapiacaba era o movimentado meio do caminho entre Santos e a capital.

Sendo ferroviário, logo fez parte da Associação dos Engenheiros da Estrada de Ferro Santos Jundiaí – AEEFSJ - fundada em 1954 para defender os interesses dos engenheiros e arquitetos da São Paulo Railway e zelar pelo desenvolvimento e eficiência dos equipamentos ferroviários. A fundação da AEEFSJ surgiu inspirada pela Revista Ferrovia, lançada em 1935 com o nome A Nossa Revista, por ferroviários e para ferroviários, com notícias, contos, humor, propagandas, cartas, colunas de opinião e críticas, muitas vezes evidenciando os problemas vividos no universo de trabalho da Santos-Jundiaí e as atividades sociais da vida dos ferroviários.

Na década de 1970, Zé Mário, que aprendeu sozinho a desenhar, ganhou uma página na revista para fazer caricaturas dos ferroviários e suas experiências junto à Estrada de Ferro Santos Jundiaí. Fazia também a arte gráfica para propagandas e publicidade de anunciantes que buscavam o espaço da revista. Mesmo depois de parar de desenhar para a Ferrovia e, mais tarde, se aposentar, continuou a fazer seus quadrinhos e desenvolveu novas modalidades artísticas, como a criação de modelos de caminhões em isopor, esculturas em madeira e também pintura em óleo sobre tela.

Em suas histórias em quadrinhos, Zé Mário captura com grande sensibilidade o ar melancólico que paira sobre a vila de Paranapiacaba desde a desativação da estação. Ilustra ainda as ruínas da estrada férrea no trecho da serra que fortaleceu o desenvolvimento econômico de São Paulo com o transporte de café e que, mesmo tombada por todos os órgãos de defesa do patrimônio, vive em completo abandono e deterioração.

Espirituoso e cheio de vitalidade, documenta todo seu conhecimento em seus desenhos, pinturas e até em vídeos que fez com seu cunhado passeando pela vila e pela antiga linha do sistema funicular da serra. Não esquece o que Paranapiacaba já foi um dia, e continua refletindo sobre o que a vila será no futuro...



A Vila Que Aparece e Desaparece

Francisca Araújo nasceu em Cubatão e desde pequena já gostava de passear pelas ruas da vila e na estação, quando vinha a Paranapiacaba com a família para visitar seus parentes. Ela conta que o trem sempre fez parte da sua vida. Seu pai era ferroviário nas docas do porto de Santos e pediu transferência para o Alto da Serra. Quando moça, ia de trem para São Paulo trabalhar em hotéis. Algum tempo depois, Dona Francisca chegou a instalar uma banca onde trocava livros com os usuários da estação.

Ela conta que nessa época havia um menino que sempre queria ouvir uma história de bruxas, e assim, contar histórias passou a fazer parte de sua vida. Morando na vila logo tornou-se também artesã. Há alguns anos, passou a viver de seus artesanatos, pinturas, souvenires, poesias e contando histórias curiosas para a criançada. Depois de passar por alguns lugares vendendo seus artefatos instalou sua loja na rua da Estação, onde todo dia observa o movimento e conversa com as pessoas que ali passam.

Dona Francisca tem guardados vários cadernos recheados de seus versos, que não hesita em declamar para cada um que a visita. Assim como Zé Mário em seus quadrinhos, é visível em seus poemas a memória de tempos saudosos que não voltam mais, do amor à vila em que sempre morou, mas que hoje não reconhece, como se fosse outra cidade. Ela, como outros tantos antigos moradores, sonha com a volta do funcionamento do trem para trazer e levar gente e renovar a vida da vila.

Personalidade tradicional e famosa em Paranapiacaba, Dona Francisca já teve seus poemas publicados em diversos livros, entre eles Olhar Ecológico, de Maurício Cunha, Paranapiacaba Minha Vila Querida, uma antologia organizada por ela própria e Jornalistas Literários: Narrativas da Vida Real por Novos Autores Brasileiros, por Sérgio Vilas Boas, com histórias de vários lugares contadas por seus moradores. Em seu artesanato reproduz, em forma de bonecos, personagens de suas histórias que têm a vila como cenário. Dona Francisca, entre suas memórias e sonhos, se indaga sobre o que será de Paranapiacaba no futuro.

OS Anos Lá Se Vão

O trem a apitar
a moça formosa
na estação a passear
a conquistar a andar
de lá pra cá
(...)

Os anos se passaram
fiquei na estação
a moça formosa
não tem
nem o trem

Flautosofia

João Dias Carrasqueira nasceu em Paranapiacaba em 1908 e lá viveu até os oito anos de idade. Desde criança gostava de imitar os passarinhos assobiando e sozinho aprendeu a fazer suas próprias pequenas flautas com caules de taquara encontrados na mata. Sua família é das mais antigas e conhecidas da vila. A Padaria do Carrasqueira, por exemplo, era um conhecido estabelecimento na parte baixa. Seu pai, Antonio Dias Carrasqueira, português, era mestre de banda e maquinista de trem na São Paulo Railway, a SPR. Na época, havia dois conjuntos musicais formados por funcionários da São Paulo Railway que moravam em Paranapiacaba: Na Lira da Serra e Flor da Serra, e desde menino, João juntava-se a esses grupos para tocar suas flautinhas de bambu.

Aos 8 anos de idade mudou-se com a família para a Lapa, onde a SPR possuía uma grande oficina de manutenção de locomotivas e vagões. Em 1933, seguindo os passos do pai, músico e funcionário da ferrovia, João começou a trabalhar para a SPR no departamento de pintura como pintor decorativo do interior de vagões, desenhista e letrista. Após o expediente começou a lecionar música para colegas de trabalho, já criando acompanhamentos de violão, bandolim, pandeiro e acordeom além da flauta, fazendo de suas aulas verdadeiros encontros musicais. Seu repertório era repleto de valsas, serestas, música erudita e choro, e ainda arranjava as vozes que entoavam as canções.

Quando adulto, João Dias Carrasqueira fez da sua casa palco de encontros musicais, que recebia visitantes como Pixinguinha e Jacob do Bandolim ou ícones da música erudita, como a pianista Edith Rolland. Foi também aprovado primeiro flautista da Orquestra do Teatro Municipal de São Paulo, surpreendendo a todos por ser considerado um flautista popular, chorista, e após se aposentar pela SPR passou a se dedicar apenas à música até ingressar na Orquestra Filarmônica de São Paulo. Sempre defendeu o choro como sendo a forma musical mais rica do país, a música erudita brasileira em essência. Sem nunca deixar de lecionar, levava em conta as particularidades e habilidades específicas dos alunos buscando a sonoridade mais natural de cada um. Deu o nome de flautosofia à sua filosofia de vida, em que a música é uma linguagem que todos entendem. Flautosofia é transformar o som da sua flauta em felicidade, dizia.

João Dias Carrasqueira compôs mais de cinquenta composições populares, na maioria valsas e choros. Chegou a compor a trilha sonora da novela O Tempo e o Vento da TV Excelsior. Em 1986, com sua filha Maria José Carrasqueira, pianista, grava The Flute Wizard, um álbum com músicas de importância ao longo de sua vida incluindo duas composições próprias, Flauta de Apoio e Bruxa Chorona e os Pássaros Amarelos. No 5º Festival de Inverno de Paranapiacaba, em 2005, a Orquestra Municipal de Santo André, sob regência do maestro Flavio Florence, executou algumas de suas composições tendo como solista seu filho Antônio Carlos Carrasqueira, também flautista e professor de música da ECA da USP.

A União da Serra

O primeiro centro de lazer da Vila de Paranapiacaba foi a Sociedade Recreativa Lyra da Serra, criada em 1903 para os operários da ferrovia. A Lyra da Serra promovia a maioria dos eventos sociais que aconteciam na época, como bailes, jogos, apresentações de teatro e música e até sessões de cinema. Os próprios ferroviários e seus filhos compunham o corpo da banda para animar bailes e festividades e também os espetáculos teatrais. Havia em suas instalações salões de jogo e frequentemente se organizavam passeios para Santos e Guarujá, com saída de manhã no primeiro trem e retorno no fim do dia, após uma refeição e um baile.

Quando os engenheiros e funcionários da São Paulo Railway começaram a formar seus times de futebol, esporte trazido ao país pelos ingleses, foi criado o Serrano Atlético Clube, que representava Paranapiacaba em campeonatos com outros times de ferroviários de Santos e da Capital. O campo e o time de futebol do Serrano foram um dos primeiros do país, na primeira década do século XX, fundados antes mesmo do que o Sport Clube Corinthians Paulista, no Bom Retiro, na cidade de São Paulo, também formado por operários. Somente em 1919 seriam organizados os primeiros campeonatos no ABC. O time do Alto da Serra tinha a habilidade de jogar no campo sob a forte neblina, e eventualmente isso se tornava uma vantagem sobre os adversários.



Grupo Dramático Sociedade Recreativa Lyra da Serra, peça "Um erro judicial" 29.8.36, Col. PMSA. Ac. Museu de Sto. André Dr. Octaviano A. Gaiarsa



Grupo de música da Sociedade Recreativa Lyra da Serra Col. Claudete Carvalho Salvador. Ac. Museu de Santo André Dr. Octaviano Armando Gaiarsa

Em 1936, o aumento das atividades de ambas as agremiações levou a São Paulo Railway a sugerir sua união, criando-se então a Sociedade Recreativa e Desportiva União Lyra Serrano para entrar na história. Sua nova sede, feita principalmente em madeira de lei, existe até hoje na antiga Praça Prudente de Moraes, e é o único prédio de dois andares além do Castelinho. Seu salão se transformava em quadra de futebol, sala de cinema, auditório de teatro e salão de festas e o que fosse preciso, conforme a necessidade. Os objetivos do clube, aprovados no estatuto de 1948, eram manter uma banda, uma orquestra, um grupo teatral, um grupo de jazz, uma biblioteca, jogos de salão, sessões de cinema, atividades para o divertimento familiar, entre outros.

A festa mais esperada por todo o vilarejo era o Carnaval. João Ferreira, escritor e antigo morador da vila, lembra os velhos tempos em que os funcionários da ferrovia (que não parava de funcionar durante as festividades para poder receber os convidados) tentavam manipular sua escala de trabalho para poder comparecer aos bailes de carnaval no salão do clube e quem sabe conseguir um bom romance! A festa atraía gente de vários lugares e era animada pela Banda, que tocava o melhor da música popular brasileira, e apareciam convidados

Fachada do Lyra Serrano, 2010



de diversos lugares. João Ferreira relata ainda que o baile seduzia até os convidados mais ilustres, que desciam do mezanino do salão para se unir aos foliões após umas e outras bebidas.

Os anos se passaram e trouxeram com eles mudanças irreversíveis para Paranapiacaba. A ação do tempo trouxe circunstâncias que causaram a perda da estação Alto da Serra e o fim do funcionamento dos trens de passageiros, deixando um vazio no coração da vila ao final do século XX. Sem a estação, o Lyra Serrano resistiu bravamente à perda de sócios com a aposentadoria de grande parte dos ferroviários, às limitações impostas pela ditadura e às transformações econômicas e sociais que a vila sofreu ao longo da década de 1990, sobrevivendo desde os velhos tempos da vila operária, permanecendo ativo dentro de seus objetivos originais estabelecidos na década de trinta e continuando a ser o principal centro de cultura, lazer, esportes, entretenimento, festas e eventos para moradores e visitantes de Paranapiacaba.

Diversos eventos, shows, palestras e festas nunca deixaram de encher o piso de madeira de lei do salão. Entre eles podemos destacar a Festa do Cambuci, a Feira de Oratórios e Presépios e Festival de Arte e Cultura Popular de Paranapiacaba, Encontro de Motos Clássicas e do Moto Clube do Estado, Festival de Inverno, Baile do Idoso, festivais de cinema, bailes, shows e o próprio aniversário do clube, comemorado em outubro com programação especial, para citar apenas os mais conhecidos.

Em 2010 a prefeitura municipal de Santo André teve a iniciativa muito feliz de reavivar o carnaval de Paranapiacaba nos requintados moldes de antigamente. Partindo do Largo dos Padeiros a sair pelas ruas da cidade, escolas de samba tradicionais de Mauá e Santo André, recuperando o alcance regional da folia da vila, conduziram as festas que, se encerraram com um baile de máscaras animado pela Banda Lira de Santo André, que executou canções carnavalescas antigas e tradicionais. A folia, que durou dois dias, contou também com o Bloco das Bruacas e um baile com as famosas marchinhas tocadas pela Banda Caxambu.

Não por acaso, o Clube União Lyra-Serrano é a principal referência cultural da vila, que, ao fazer uma espécie de viagem no tempo, traduz toda a memória e a herança cultural de Paranapiacaba desde seus primeiros moradores, sem deixar de se adaptar à nova realidade e aos novos tempos e, principalmente, às pessoas que hoje fazem o novo momento de Paranapiacaba.

O Marquês do Funicular Apresenta: Uma Vila Sem Trem?



Renato Gigliotti é um engenheiro andreense que, como vários cidadãos da região, cresceu próximo à Estrada de Ferro Santos Jundiaí, observando manobras de composições e particularmente a evolução dos trens elétricos. Depois de muito tempo, movido por uma inquietação da natureza de um verdadeiro curioso, começou a pesquisar na internet informações sobre os trens de que tinha lembrança, e descobriu um universo inteiro de informações técnicas e históricas sobre trens, estações, tecnologias etc.

Assim decidiu se tornar um colecionador e ferromodelista, fazendo sua primeira maquete ferroviária e reunindo uma biblioteca considerável sobre o assunto. Entrando em contato com diversos outros ferromodelistas, aprimorou sua técnica de construção e modelagem e, com rica pesquisa histórica e tecnológica, compôs um variado acervo de modelos referentes à Estrada de Ferro Santos Jundiaí, de importância única no estado, e à São Paulo Railway, empresa pioneira. Em 2005 organizou uma expedição pelo segundo sistema funicular da São Paulo Railway entre as estações entre o Alto e a Raiz da Serra, Paranapiacaba e Cubatão. A aventura resultou na mostra fotográfica Imagens do Sistema Funicular, durante o 6º Festival de Inverno, e na idéia de se fazer um evento dedicado à memória da estrada de ferro. Não havia local mais adequado para sediar o evento.



Em 2006 Gigliotti realiza simultaneamente o I Concurso de Ferromodelismo e o XI Encontro Brasileiro de Ferromodelismo, trazendo especialistas, apreciadores, interessados e curiosos para o salão do Lira Serrano. A iniciativa teve grande sucesso, e desde então as próximas edições continuaram acontecendo em Paranapiacaba. O evento, que dura dois dias, recebe em média duas mil pessoas, que têm a oportunidade de conhecer a história da ferrovia, a evolução tecnológica das primeiras marías fumaças até os mais modernos trens elétricos, passando pelo locobreque, pelas cremalheiras, e pela Constelação SPR, os primeiros trens elétricos da Santos Jundiaí.

Os visitantes são recebidos pelo curioso, simpático e lendário Marquês do Phunicular. O Lord Mayor inglês, senhor de passado quase tão difuso quanto a neblina da serra, que foi assim nomeado devido à sua mania de visitar sistemas funiculares. O Marquês veio parar em Paranapiacaba, onde diz ter sido amigo do então engenheiro D.M.Fox, e se impressionou principalmente com as locomotivas 0-6-0 feitas em sua terra natal, Manchester, e exportadas pelos ingleses. O ilustre anfitrião conduz o Encontro com a exibição de filmes, sorteio de brindes, mostras fotográficas e sobretudo o concurso dos modelos em escala, a sensação do evento, regido por normas internacionais.



FERROMODELISMO:
Prática de se reproduzir em proporções reais, modelos e maquetes sobre o tema da ferrovia



Texturas, Sabores... Arte sob Neblina

Ao longo da década de 2000 Paranapiacaba começa a esboçar novas características. Vários artistas começaram a procurar moradia na vila para instalar seus ateliês. Entre outras coisas, a vila acabou se tornando um reduto variado de artesãos, pintores, escultores, gravuristas e diversas outras especialidades, novos espaços artísticos em diferentes configurações foram surgindo. Nesse contexto, Kiko de Oliveira se instalou em Paranapiacaba, em 2004.

Kiko domina e cria diversas técnicas das artes plásticas conforme vai elaborando suas obras. Com anos de experiência em telas, domina as técnicas de pintura a óleo e acrílico e compõe seus quadros com os mais variados materiais, como metal, madeira, vidro, arcia, sisal, fibra de bananeira etc. com texturas originais e resultados curiosos e instigantes. Por sua qualidade, já foi reconhecido internacionalmente no catálogo Arts and Artists of the World em 2002 e expôs em salões nas cidades de Santo André, Rio de Janeiro, Punta Del Este, São Paulo e Bento Gonçalves.

Em Santo André, no Bairro Jardim, Kiko abriu um ateliê escola para dar aulas de criatividade artística com workshops de pintura ao vivo. Conforme circulava pelo bairro percebia uma quantidade assustadora de móveis e diversos objetos domésticos simplesmente depositados nos lixos. Com olhar de cidadão consciente dos problemas ambientais e olhar atento de artista sempre vendo além do que salta aos olhos, passou a recolher e aproveitar esse material com o lema Reciclagem é algo que não volta pro lixo. Assim desenvolveu técnicas de decapê e falsos mosaicos e cursos de repaginação de móveis e objetos.

Em 2004, percebendo uma oportunidade interessante de desenvolver seu trabalho, vai se instalar em Paranapiacaba, onde, inicialmente, abre o ateliê residência à Avenida Forde para receber convidados, dar aulas e divulgar seus trabalhos. Assim teve contato com muitos artistas brasileiros e estrangeiros que visitam a vila, especialmente fotógrafos, e percebeu que muitos não pernoitavam na cidade, pouco aproveitando a viagem e o que a cidade tem a oferecer.

Com uma idéia levando à outra, abriu então a Pousada do Artista junto ao Kiko de Oliveira Arte e Café, com vistas a atrair e melhor receber esse tipo de público com quem sempre interage. O espaço, de envolvente refinamento e bom gosto, é administrado por Kiko e suas filhas, que transformaram a gastronomia em mais uma arte a ser experienciada. Quase tudo na pousada e no café tem o toque de arte de Kiko, das paredes às xícaras de café, sem esquecer mesas, cadeiras, luminárias, móveis repaginados e, claro, seus quadros.



Novos Sopros

No ano de 2007, Wal Volk, arte-educadora atuante em Paranapiacaba desde 2002, reuniu uma equipe de amigos voluntários, composta pelo maestro João Aletto, membro fundador da Orquestra dos Violeiros de Mauá (Ver pág. 85), o jornalista Carlos Rizzo e a Professora Abiúde Paz, nascida na vila, para formar uma orquestra popular local focada na música popular, com alunos da Escola Estadual Lacerda Franco, principal escola de ensino fundamental e médio da vila.

Wal tem vasta experiência no universo do empreendedorismo cultural, e é uma verdadeira festeira em Paranapiacaba. Desempenhou papel central na concepção de eventos como a Feira de Oratórios e Presépios de Paranapiacaba, FOPP, que tem como objetivo identificar, valorizar e promover diversas manifestações da cultura popular brasileira como, bumba meu boi, autos natalinos, folias de reis e pastoris, além do artesanato com o tema do natal reunindo artistas e músicos de todo o ABC. Wal se articulou com o governo federal no movimento de preservação da música de raiz do Brasil dentro dos programas de preservação das culturas populares ligados à Secretaria da Identidade e Diversidade Cultural do Ministério da Cultura (SID/Minc). Já João Aletto tem se engajado pelas sete cidades do ABC trabalhando com música para a inclusão social.

Desde o início das atividades, a equipe de voluntários reúne pais de alunos com o objetivo de promover eventos para arrecadar fundos que viabilizem as aulas de viola caipira, violão, rabeca, bandolim, sanfona. Através dessa ação buscam a inclusão social de meninos e meninas participantes do projeto. Os resultados já apareceram, com a formação da Orquestra Infantil de Flauta Doce, formada por crianças de Rio Grande da Serra, Mauá e Paranapiacaba. Regido por João Aletto, o grupo apareceu nas janelas do Clube Lira Serrano com cerca de sessenta flautistas em emocionante apresentação de abertura do 2º Encontro de Orquestras de Violeiros do ABC na ocasião da 5ª FOPP. Os coordenadores justificam a escolha da flauta pela facilidade de aprendizado que proporciona e também por ser um meio de iniciação musical com baixo custo.

O Camelô do Riso No Alto da Serra

Conforme o tempo passa a população de Paranapiacaba vai mudando seu perfil. Novos moradores eventualmente aparecem na vila e passam a fazer parte do seu dia a dia. Valdeck de Garanhuns já participava com certa frequência de atividades e bienais de gravura promovidos pela prefeitura municipal de Santo André, e assim conheceu e começou a frequentar Paranapiacaba. No começo da década de 2000 chegou a ser homenageado na vila com uma sala com seu nome na Casa do Milho, um espaço artístico que expôs algumas de suas peças. Assim foi percebendo que era um bom lugar para morar e desenvolver seus projetos.

Valdeck nasceu em Garanhuns, Pernambuco e ainda pequeno se mudou para o Recife. Sempre visitando seu avô em sua terra natal, começou a aprender com ele artesanato e poesia. Talentoso, durante os estudos participou de coral, fundou um grupo de teatro e aprendeu marcenaria. No Recife acompanhava os circos mambembes populares, ao ar livre, fundou o grupo de teatro Acauã, e fazia muita arte de rua, popular, acessível a todos. Com quatorze anos já era artista em shows de calouro e piadas. Ao longo dos anos se tornou um artista multifacetado: xilogravurista, mestre em Teatro de Mamulengos, contador de histórias, poeta, artista plástico, ator, compositor e arte-educador. Participou também de diversos salões de artes plásticas no Brasil, e muitas obras suas foram parar na Câmara de Comércio de Nova York, no Brazilian American Institute em Washington, e no acervo do Museum Für Völkerkund em Frankfurt.

Valdeck se tornou assim um dos principais guardiões da arte e cultura popular brasileira, trazendo em seus trabalhos elementos recolhidos desde as histórias de seu avô, a lendas recolhidas por Câmara Cascudo e Mário de Andrade e também a tradição oral nordestina. Esse conhecimento é reproduzido em seus folhetos de literatura de cordel, nas suas xilogravuras, nos seus bonecos para o teatro de mamulengos e em suas histórias.

Valdeck de Garanhuns, depois de muito andar pelo país, instalou seu ateliê residência em Paranapiacaba para pôr à disposição do público sua biblioteca de centena de livros e discos e sua coleção que inclui cerâmicas do mestre Gaudino de Caruaru, seus bonecos, suas matrizes de xilogravuras. Valdeck ainda oferece oficinas de alta qualidade para confecção de miniaturas de bumba-meu-boi, teatro de mamulengos e de contador de histórias. Sua esposa, Regina Drozina, também artista plástica, o acompanha nesse projeto de vida de falar sobre o povo ao povo, preservando e valorizando a cultura nordestina espalhada e transformada por todo o Brasil.



MAMULENGO:

É um tipo de boneco, semelhante aos fantoches, típico do nordeste brasileiro, muito usado no teatro popular. Geralmente o mestre de mamulengo, que controla e dá voz aos bonecos, se esconde atrás de um pano para conduzir o espetáculo.



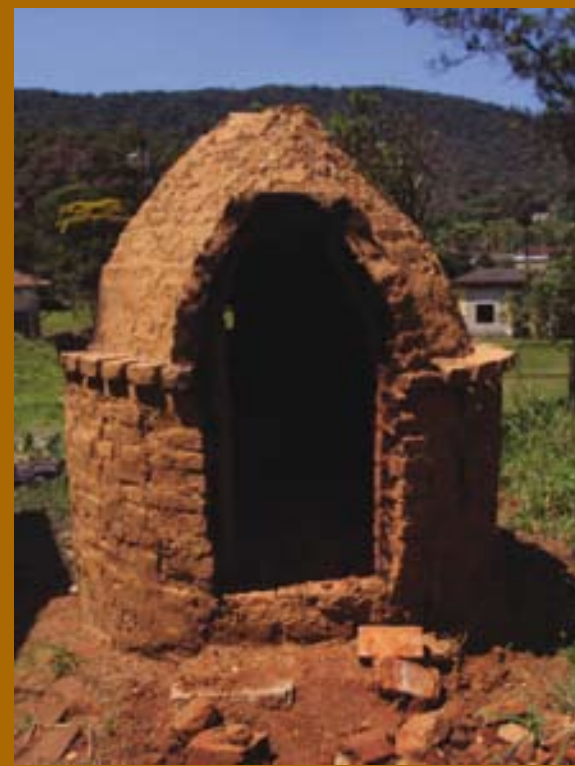
Barro Moldado, Fogo Dourado

Com pai, mãe, padrasto e marido oleiros, Dona Anézia nasceu em meio às olarias do Sergipe. Ainda pequena já fazia bonequinhas e panelinhas, cuidava da casa e cozinava para o padrasto. Sua cabidela, prato típico nordestino com galinha, ficou famosa em Aracaju quando tinha apenas dezesseis anos e já trabalhava para ajudar a família. Seu marido fazia telhas e tijolos. Vieram para São Paulo em busca de melhores condições no ano de 1973, passando por São Miguel Paulista e Itaim até se fixar em Paranapiacaba, onde ela trabalhou muitos anos na frente de trabalho da prefeitura de Santo André.

Em 2004, Wal Volk dava aula de confecção de cerâmica para as filhas de Dona Anézia em uma organização recém-criada chamada Núcleo de Cerâmica. Nele Wal reuniu alguns especialistas em cerâmica e tentava estruturar uma escola de cultura popular. Dona Anézia se aproximou calmamente e logo se envolveu com a iniciativa. Na sede do núcleo havia um forno em que nem professores universitários estavam conseguindo sucesso em queimar a cerâmica, perdendo boa parte do material utilizado.

Perguntando se acreditavam em trabalho de mulher, Dona Anézia primeiro fez sua própria queima com melhor aproveitamento e então se dispôs a refazer o forno com a equipe. Com o apoio da equipe da Associação Ribeirão Pirense de Cidadãos Artistas, a ARCA, que apoiou o projeto, refez passo a passo o forno. Ela explica que os arcos de ferro não podem ser apoiados no chão da câmara, mas na parede. O fogo precisa queimar até ficar com chamas douradas, limpo, sem fumaça para não sujar as peças. Aí sim a cerâmica é disposta na galeria sobre o fogo. O que importa não é a temperatura, é o tempo de queima, explica, constante e moderado para não trincar as peças e também não formar cinzas e fogo sujo.

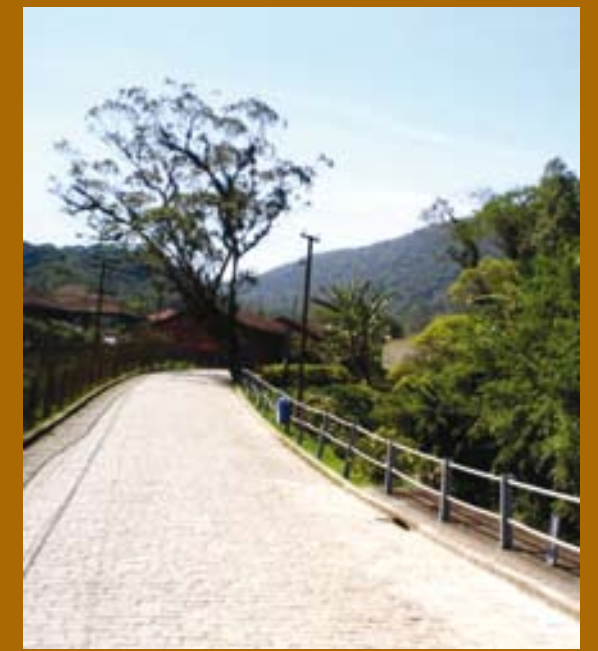
Dona Anézia acabou se unindo ao grupo dos ceramistas fazendo escola com seu conhecimento de quem sempre viveu próxima de olarias. Ninguém no Núcleo consegue uma queima tão boa quanto a sua. Como Paranapiacaba é área de mananciais, nenhum barro pode ser tirado. Todo o barro do núcleo vem de doação ou compra em outras cidades. Dona Anézia ainda ensinou todos no núcleo técnicas de reciclagem de barro com pedaços perdidos, assim vai passando seus conhecimentos para que outras pessoas continuem seu trabalho. Hoje continua entre os ceramistas e boa parte de seus filhos e netos moram em Paranapiacaba. Simone, sua filha, é monitora ambiental que age ativamente em defesa da preservação da vila e da natureza ao seu redor.



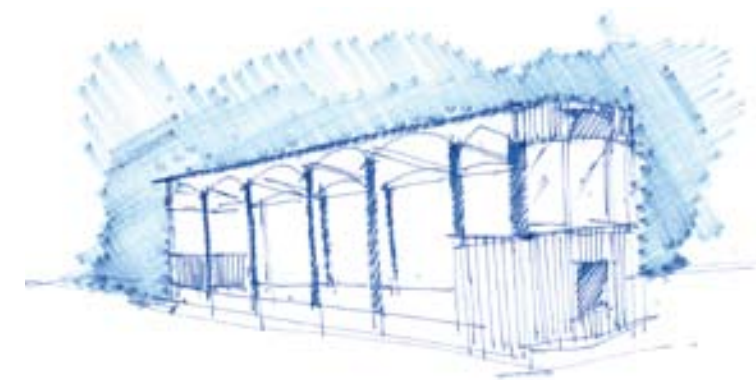
Memórias do Pau da Missa

Alex Moletta, formado diretor pela primeira turma da Escola Livre de Cinema e Vídeo de Santo André fundou a Cia Fatídicos de Teatro e Audiovisual para produzir filmes, quadrinhos, legendagem de filmes e projetos teatrais. Mesmo assim não deixou de trabalhar para a ELCV com cursos de produção de cinema com baixo custo e tecnologias acessíveis, como celulares, máquinas fotográficas etc., valores que mantém nas produções da Fatídicos.

Em 2008, Moletta com Simone Alessandra, produtora, reuniu Sérgio Pires como roteirista e Celso Luz como diretor de fotografia, todos formados na mesma turma da ELCV, para juntos fazerem um filme sobre o Pau da Missa de Paranapiacaba, descrito por alguns moradores como a internet de antigamente. O “eucalipto de curioso”, por estar em uma rua de grande movimento e visão da vila, era usado para se afixar recados de casamentos, óbitos, festas, batizados, etc. geralmente ligados à comunidade católica da vila.



O documentário foi produzido na ocasião da poda da árvore que corria risco de cair sobre a via e, possivelmente, sobre algum transeunte. O fato causou séria polêmica entre os moradores, alguns a favor, outros contra o corte do eucalipto histórico. A equipe de Moletta consegue então bem captar a essência do imaginário dos moradores da vila em contraste com memórias de tempos mais antigos ainda vivas sob a neblina de Paranapiacaba. O filme foi visto por diversas pessoas nas sete cidades do ABC e também em outros lugares, mostrando registros do imaginário, do patrimônio e do presente de um povo que vive em condições singulares no vilarejo de madeira.



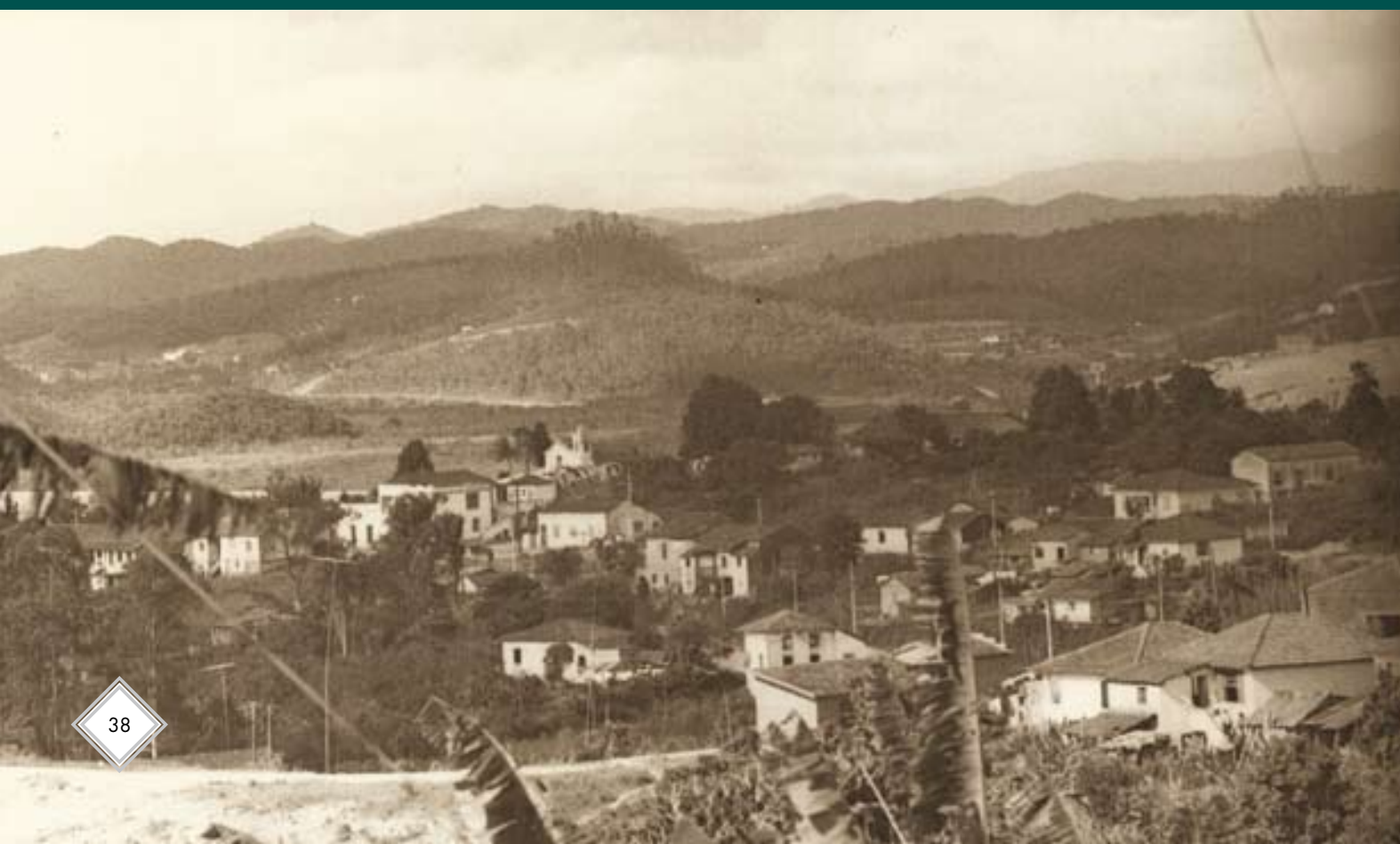
No CAMINHO HÁ UM GRANDE RIO



RIO GRANDE DA SERRA



Acima Capela de São Sebastião (antiga Capela Santa Cruz) - 1970
Abaixo vista parcial de Rio Grande da Serra com a mesma capela ao fundo - 1970



UMA CONVERSA COM DONA GISELA

Gisela Leonor Saar nasceu em Rio Grande da Serra na década de 1930 em uma das famílias pioneiras da urbanização da cidade. Seu avô, de uma família de topógrafos alemães, veio para a cidade trabalhando como comerciante. Em 1900 já possuía bens e terras e trabalhava como serralheiro em Rio Grande da Serra. Seu pai, inglês de nascimento com registro alemão, foi comerciante de equipamentos eletrônicos e livros sobre o assunto. Formada na Faculdade de Direito do Largo São Francisco da Universidade São Paulo, Dona Gisela trabalhou de 1950 a 1980 na Eletro Cloro, atual Indústria Química Solvay Indupa, que chegara à Santo André em 1941.

A partir de 1975 o amor pela cidade fez com que Dona Gisela começasse a pesquisar a fundo a história da cidade reunindo documentos, fotos e memórias do município e região. Pesquisou em arquivos, bibliotecas, museus e nas memórias da própria família.

Tornou-se uma incansável pesquisadora e a mais importante memorialista de Rio Grande da Serra com um acervo dos mais importantes da região com fotografias, documentos, cartas, jornais etc.

Ainda na década de 1970, quando foi iniciada a discussão para a construção de uma nova igreja matriz na cidade, Dona Gisela, junto com lideranças locais, reuniu documentação para abertura do processo de reconhecimento da Capela de São Sebastião, antiga capela de Santa Cruz, como patrimônio histórico do Estado de São Paulo.

Dona Gisela reuniu suas pesquisas sobre o município em um livro (ainda não publicado) chamado De Geribatiba-Açú (d'Antanho) à Rio Grande da Serra (de Hoje) contemplando desde as primeiras ocupações indígenas até os dias atuais, percorrendo a história dos tropeiros, o Caminho do Zanzalá, da ferrovia e seus ramais, das serrarias, pedreiras, do represamento e preservação do Rio Grande e sua várzea etc. Somada a essas pesquisas, está toda a sua experiência de vida como riograndense a quem todos os cidadãos e pesquisadores e poder público recorrem na necessidade de viabilizar projetos, estudos, levantamentos e informações ou simplesmente de boa conversa sobre suas interessantes memórias e experiência de vida.

Estação Ferroviária da E.F.S.J. Rio Grande da Serra - déc. de 70



Estrada de Rodagem que liga Rio Grande da Serra à Ribeirão Pires



Ponte sobre o Rio Grande



Pedreira - déc 70



AS CORES DA MEMÓRIA

Joana Acácio Rabelo nasceu em Dom Silvério – MG, e veio morar em Rio Grande da Serra por volta de 1960. Órfã de pai em uma família de sete irmãos, cedo teve que largar os estudos para complementar a renda familiar. Jô Rabelo, como é conhecida, entrou no universo das artes nos anos oitenta participando de cursos de pintura em tecido, vidro e porcelana, artesanato em feltro e corda e também corte e costura. Alguns desses cursos foram promovidos pela Ação Social Cristo Rei, entidade local reconhecida como utilidade pública. Já nessa época seu trabalho recebeu elogios quando expostos em feiras e exposições na região e em São Paulo.



Jô sempre buscou aprender mais e mais sobre as artes até encontrar na pintura sua expressão predileta. Ao mesmo tempo, foi se interessando pela história da região lendo matérias ilustradas que encontrava em jornais e revistas locais. Observando fotos antigas de alguns pontos da cidade, percebeu como Rio Grande da Serra se transformou ao longo do tempo. Foi inspirada nessas fotos que passou a pintar paisagens de lugares conhecidos de Rio Grande da Serra em tempos passados.

Conforme seu trabalho se tornava conhecido, Jô expunha seus quadros em eventos locais como a Festa do Cambuci, a Festa de São Sebastião,

a Festa do Sorvete, quermesses etc. No Projeto Imagens: um olhar poético sobre Rio Grande da Serra, por exemplo, seus quadros circularam pelas escolas em atividades educativas envolvendo arte e a história.

Jô doou um acervo de 32 quadros para a Prefeitura, que os incluiu na I Expo Cultural de Rio Grande da Serra em 2002. Ela continua dizendo “nossa cidade é linda” e não quer parar de aprender. Ainda quer aprimorar suas técnicas, sobretudo em desenho, e quer sempre contribuir para que os riograndenses conheçam e valorizem a sua cidade para fazê-la cada vez melhor.



Várzea do Rio Grande



Estação



Ponte sobre o Rio Grande



Bondinho em funcionamento



Manacás

FUNICULAR: Sistema de tração de trens para transporte em terrenos inclinados que funciona com dois carros puxados por cabos de aço, um em cada extremidade da linha que partem ao mesmo tempo se cruzando no meio do caminho.

LOCOBREQUE: Vagão de trem do trecho de serra da Estrada de Ferro Santos-Jundiá que tinha função de frear as composições que desciam a serra e empurrar as que subiam. Funcionava à base da queima de madeira ou carvão.

PAPELÃO, PEDRAS, TRÊS IRMÃOS E UM RUSSO NA SERRA

Espalhadas por Rio Grande da Serra, por vezes um tanto escondidas por outras bem evidentes, podem ser encontradas intervenções artísticas, bem-humoradas, curiosas, poéticas, críticas, criativas, originais e despojadas. Elas podem ser vistas na forma de pintura, escultura, teatro, cenários e até quadrinhos com o uso de materiais convencionais e reciclados, como pedras esculpidas, tintas, lápis, moldes de papelão, tecidos. São as obras de Marcos, Mário e Márcio: os irmãos Iluministas.

Os Iluministas quase sempre moraram próximos à ferrovia em função do trabalho de seu pai, ferroviário da Estrada de Ferro Santos-Jundiá. Durante um bom tempo da infância moraram nas proximidades da estação Raiz da Serra, início do trecho de serra onde ficava a primeira máquina fixa do sistema funicular e onde passava o **Locobreque**, junto à estação e uma vila operária, sistema muito semelhante à Vila de Paranapiacaba. Lá, bem próximos da natureza e dos trilhos e um tanto longe de escolas e bibliotecas se tornaram autodidatas, leram muitos livros e fizeram as primeiras experiências artísticas, como por exemplo, esculturas moldadas com papel alumínio inspiradas em filmes e documentários que viam na televisão.

Sempre curiosos e estudiosos incansáveis, ao longo do tempo foram aprendendo música, pintura, escultura e inventaram outras formas próprias de arte. Quando se instalaram em Rio Grande da Serra, no começo da década de 1990, foram morar nas proximidades da famosa pedreira, que os inspirou a fazer escultura em pedra. Seu primeiro trabalho a ser reconhecido pelo público foi uma escultura (já inexistente) de Pedrinho Coruja, tido pelos habitantes como o primeiro morador do bairro, instalada numa praça local.

Desde então não pararam mais de criar e aprimorar sua arte.

Os Iluministas muito colaboraram com o cenário artístico riograndense mobilizando em algumas ocasiões vários talentos artísticos da cidade. Fazem música juntos até hoje em um trio de flauta, violoncelo e violino (com variações incluindo instrumentos como saxofone e gaita) animando festas, celebrações e casamentos. Já decoraram fachadas, locais públicos e igrejas, fizeram cenários de teatro e até atuaram como arte-educadores. Em 2004 percebendo um potencial na arte do grafite, realizaram oficinas de pintura com alunos de escolas públicas, grafitando alguns prédios escolares junto com os alunos. Nas oficinas trabalharam também alguns valores sociais com os adolescentes, qualificando o espaço escolar e sugerindo novas perspectivas por meio da arte.



Quadro de papelão



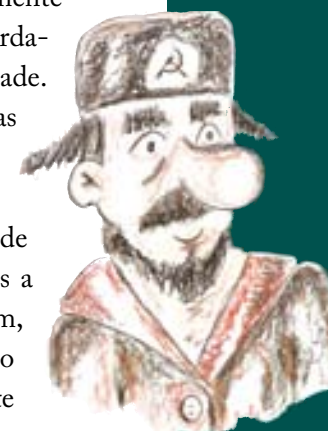
Personagem Seu Mazurca

Marcos, Mário e Márcio têm pinturas em tela e parede expostas no CREB Santa Teresinha, quadros em alto relevo moldados com papelão e pintados a óleo no posto de saúde da Vila Conde, esculturas de pedra espalhadas pela cidade e até imagens talhadas em pedra em templos religiosos.

Um de seus trabalhos mais recentes é a criação de uma história em quadrinhos com personagens baseados em habitantes de Rio Grande da Serra, moradores e transeuntes do bairro da Pedreira, que gira em torno de Seu Mazurca, um personagem russo (porque ninguém entende o que ele fala) inspirado em diversas figuras que vivem ou já viveram pelo bairro. Seu Mazurca é um personagem que sonhava em ir morar no Rio de Janeiro, mas por algum acaso veio parar em Rio Grande da Serra onde vive suas aventuras.

Márcio, o mais novo dos irmãos, explica que os três sempre estudam muito e discutem juntos suas ideias antes de realizar cada obra. Não é por acaso que acreditam no potencial transformador da arte e que escolheram o nome de Iluministas, inspirados pelos filósofos do **Iluminismo**, especialmente Voltaire e sua ideia de democracia, liberdade de expressão e tolerância à diversidade. Além da formação artística os Iluministas têm buscado também outros caminhos profissionais tão variados como biomedicina e pedagogia, que têm contribuído de certa forma para desenvolver ainda mais a originalidade de suas montagens. Assim, de forma espirituosa, continuam levando a espaços comuns ou inusitados sua arte que, no mínimo, faz pensar.

ILUMINISMO: Movimento filosófico, de grande influência no século XVIII, que pregava a ideia do progresso, do uso livre da razão e das capacidades humanas bem como do progresso pelo engajamento social e político de cada indivíduo.





FORMÃO: Ferramenta de ponta chata e cortante usada para entalhar madeira.

LUTHIER: É um profissional especializado na construção e reparos de instrumentos musicais.

Natureza Agonizando

MADEIRA MORTA, MADEIRA VIVA

Juscelon Bispo Reis, ou Tico, nasceu na Bahia e com apenas onze meses de idade veio morar em Rio Grande da Serra, nas proximidades da Vila Lopes. Desde criança teve muito contato com a natureza e fazia seus próprios brinquedos com madeira. Ao longo do tempo foi desenvolvendo o entalhamento de forma espontânea e intuitiva, sempre aproveitando restos de madeira de construção ou mesmo galhos secos, raízes ou troncos encontrados entre as árvores, vale ressaltar, sem nunca derrubar uma delas sequer.

Quando a madeira está verde, ele deixa secar à sombra para não rachar, e trata os tocos geralmente com extrato de nogueira e cera comum. A natureza é sua inspiração, por isso procura harmonizar as formas que idealiza com as curvas naturais das madeiras encontradas. As ferramentas ele mesmo faz (fez seus dezoito **formões**). Em geral, prefere o cedro por ser uma madeira macia, bonita e durável, e também já fez peças com pinho de riga, uma madeira mais nobre e resistente que soube, por um amigo **luthier**, ser abundante em Paranapiacaba, pois os ingleses trouxeram pinho de Riga para a construção das casas da Vila e das estações.



Mãe Natureza

A primeira aparição de Tico com suas obras em público foi no ano de comemorações dos sete anos da Livraria Alpharrabio (ver pg 102) representando Rio Grande da Serra no mês de eventos dedicado à cidade.

Desde então Tico apresentou suas obras em quase todos os Festivais de Inverno de Paranapiacaba, em todos os salões promovidos pela prefeitura de Rio Grande da

Serra, no jornal Diário do Grande ABC, na revista Livre Mercado, e também enviou peças decorativas para ateliers em São Paulo. Representou Rio Grande da Serra em eventos culturais em Águas de Lindóia e até recebeu convite do Itaú Cultural para expor na sede do órgão na Avenida Paulista (que não pôde realizar por falta de recursos).

Tico não vive de sua arte. Somente a faz quando a intui. Não tem pressa. Faz cada peça com a mesma calma que a natureza leva para lhe oferecer matéria-prima. Suas esculturas, cheias de movimento, espaços vazios e temas surreais, tem qualidade excepcional e beleza única, que só se encontra lá, modesta, em Rio Grande da Serra.



Dragão



FIBRAS DA SERRA

Buscando qualidade de vida, Cida Falseti veio morar em Rio Grande da Serra em uma chácara próxima ao bairro da Pedreira por volta do ano de 1990. Sempre sensível à arte, buscou na nova rotina algo para aplicar melhor sua criatividade. Fez então um curso e aprendeu a fazer escultura em madeira e começou a fazer entalhes em portas. Mesmo despretensioso, seu trabalho alcançou beleza, qualidade e reconhecimento. Vendeu então algumas portas para algumas cidades da região e do interior, como a cidade de Bauru, e também participou de exposições de arte em Santo André.

Percebendo um potencial maior do que a apreciação estética de suas esculturas em madeira, Cida se juntou à Rede Social de Rio Grande da Serra, uma iniciativa que reúne vários órgãos como associações de bairro, comunidades ligadas à igreja e outros grupos com o objetivo de promover o desenvolvimento social na região. Lá encontrou mais alguns artistas e artesãos e juntos começaram a discutir a idéia de uma ação social. A iniciativa ganhou força quando o grupo obteve apoio da empresa Solvay Indupa e do BNDES para desenvolver um projeto de responsabilidade socioambiental e economia solidária inteiramente sustentável.

Os artistas envolvidos então, depois de pesquisas, elegeram como matéria-prima as fibras de bananeira, resto da planta resultante da colheita da banana, sem prejuízo da natureza. Por ser um material versátil, cada um deles aplica seus conhecimentos e habilidades para ensinar à comunidade técnicas de artesanato, gerando uma infinidade de produtos como bolsas, tapetes, cestos, sacolas, luminárias e artigos decorativos. Várias famílias de Rio Grande da Serra e região são atendidas pelo projeto que ensina desde a colheita das fibras até estratégias de comercialização da produção.

Presidente da Associação Fibras da Serra desde o começo, Cida contempla satisfeita a iniciativa que ganhou vida e colabora com a geração de renda para muitas pessoas que até então não tiveram oportunidades como essa. Ela explica que tem planos de formar uma cooperativa para aprimorar a comercialização da produção de forma mais consistente. Depois de alguns anos de experiência e sucesso, Cida se voltou novamente para o entalhe em madeira, aprendendo a fazer esculturas também em móveis.



PALAVRAS NA SERRA

Os manacás, águas, neblina, caminhos, trilhos, pontes, casas e pessoas da Serra do Rio Grande inspiram diversos artistas habitantes da cidade. No universo dos versos não é diferente. A cidade já mereceu um bocado de versos de seus habitantes.

A família de Domingos Orlando, imigrante italiano que foi carvoeiro, comerciante e cantor em Rio Grande da Serra, acabou por se tornar uma das típicas famílias migrantes ou imigrantes que por essas terras se estabeleceram. Seu filho Luiz Orlando e seu neto Domingos Luiz Orlando acabaram reunindo talvez o mais importante acervo fotográfico sobre a cidade.

Antonio Angelo Orlando, também neto de Domingos Orlando, nasceu bem próximo à estação ferroviária de Rio Grande da Serra e desde criança vive imerso no mundo das artes. Aos nove anos de idade foi aluno de Américo Del Corto (ver pág. 58) que descortinou ao seus olhos o encanto da música e por quem tem profundo respeito e admiração. Não tardou para que começasse a escrever poesias compondo para cada uma delas uma música, arte em que mais se realiza, e logo aprendeu também pintura, teatro e música (canto e instrumentos).

Em 1969 Toninho Orlando ajudou a fundar o TE-FEL, Teatro Felício Laurito, na escola de mesmo nome em Ribeirão Pires (ver pág. 63). Em 1976 conquistou o primeiro lugar na premiação do Concurso de Poesia do EPOM da cidade de Mauá (ver pág. 78) com o poema "Canção de Zepazo Wayl". Em 1985 compôs uma música para a letra Port de Brumes, em francês, de autoria de seu amigo Suami de Paulo Azevedo, e a executou ao violão acompanhado de Feihs Sabbag (piano e solo) e Maria Inês Soares Freire (flauta), obtendo o segundo lugar na eliminatória regional do Estado de São Paulo do Festival da Canção Francesa (concurso internacional) realizado pela Aliança Francesa na capital. Em 1992, após análise de uma banca de cinco profissionais portugueses do ramo, teve seu trabalho Por ti Niño publicado no Cancioneiro Infanto-Juvenil para Língua Portuguesa (Volume IV) do Instituto Piaget em Lisboa.

CANÇÃO DE ZEPAZO WAYL

Quere viver no âmago do meu grito
Calado, sem bandeiras, sem dor externa
Que arreventa minhas entranhas.
Vive um hino d'um amor, de elhar
Que nasceu no passado marcado
Que se desmarca neste presente forte
Unido com uma marca vencida
Pelo próprio passado marcado
Firmando seu lance
Num tronco de várias raízes.
É esse, aquele volume de entresamento
que nem todos os senhores entendem
Muito mais que um grito:
É uma chama que arde calada
em seu canto que ficou certo.
Marca ! (...)



Instalação apresentada nas comemorações de aniversário da Livraria Alpharrabio em Santo André, 1999

REDAÇÃO

Sonia Cristina Santos Breyer

Não busco a beleza
Só pureza!
Para expressar a grandeza
Da Língua Portuguesa

Quero reescrever a arte
Da língua usual
Trazida nas caravelas
Batizadas nas águas tupi
Adotada por guarani

Agora os vícios e gírias
Que lhe vão dominando
Deixam-lhe na incerteza
De ser
Certo
errado
em uso
desuso
culto
não...?!
bloqueio
papel
segue
branco
vazio

Em 1999 participou das comemorações dos sete anos da Livraria Alpharrabio (ver pág. 102), representando Rio Grande Da Serra com uma instalação composta por sete guarda-chuvas coloridos, um banquinho e um chapéu acompanhado de um bilhete elaborado pelo poeta riograndense Paulo Franco.

Formado em pedagogia e letras, Toninho sempre viveu ligado à cultura. Foi professor de várias escolas na região, sendo diretor de algumas delas como a E.E. Dom José Gaspar em Ribeirão Pires e a E.E. Antônio Lucas em Rio Grande da Serra. Foi professor das Faculdades Integradas de Ribeirão Pires (FIRP), trabalhou durante nove anos na Secretaria de Educação do estado de São Paulo e integra o Coral da Secretaria de Educação do Estado e o Coral da Cidade de São Paulo.

Há algum tempo, um de seus ex-alunos recolheu todas as suas poesias e as compilou em forma de livro, ainda inédito. Nessa antologia se encontram poesias escritas ao longo de sua vida desde quando era adolescente até as mais recentes, dentre as quais “Serra que Encerra”, que brotou em um momento introspectivo do autor a contemplar a paisagem riograndense. Sempre valorizou Rio Grande da Serra e, sem sair dali, permanece sempre pintor, poeta e músico de notável desenvoltura e surrealismo. Antonio define as suas obras com o lema “um grito colorido de amor e dor, que corre, sem delimitação, para o espiritual”.

Outra fonte preciosa de versos riograndenses é Sonia Cristina Santos Breyer, segundo ela mesma, “nascida, criada e com umbigo enterrado” em Rio Grande da Serra, onde nasceram também seus filhos e netos. Sonia conta que, de tanto tempo, não se lembra de quando começou a ensaiar seus primeiros versos.

Em 1980 o Projeto Rondon passou por Rio Grande da Serra trazendo consigo uma oficina de poesia coordenada pelo poeta gaúcho Rossyr Berny. Recitando seus poemas em público pela primeira vez, Sonia, ainda adolescente, ganhou o primeiro lugar com o poema “Primeiro Passinho” recitado por sua irmã, e o segundo lugar recitando outro poema seu, e foi presenteada com o livro “Não se Suicidar É Preciso” de autoria de Berny, que tem até hoje como sua principal fonte inspiração. Desde então Sonia passou a reunir e organizar sua poesia, escrita de forma graciosa e simples, contida e emotiva, com ares de contemplação e reflexão, séria sem deixar de ser espirituosa.

Na década de 2000, através da faculdade, teve contato com o Professor Sérgio Simka, que insistiu para que ela participasse do “Grupo de Escritores da UNIABC”. Sonia participou com algumas poesias assinadas com seu pseudônimo. Em 2005 conseguiu encontrar Rossyr Berny novamente (sendo presenteada com mais quatro livros) e por ele foi convidada a participar dos livros Casa do Poeta Rio-Grandese e Poetas Pela Paz e Justiça Social, uma coletânea internacional de poesia latino-americana, ambos de sua editora em Porto Alegre. Já participou também de recitais, encontros e livros pelo ABC.

Formada em pedagogia e filosofia, Sonia, à época funcionária pública estadual, foi coordenadora pedagógica do projeto de recuperação da Capela Santa Cruz, montando toda a grade de aulas para formação dos trinta alunos do Projeto Oficina Escola de Artes e Ofícios, que realizaram a obra (inclusive seu filho Luís Fernando), convidando especialistas e realizando oficinas de história, técnicas de construção e outros aspectos necessários para a formação dos alunos no projeto.

PROJETO RONDON:
Criado em 1967, durante a Ditadura Militar, tinha o objetivo de colocar estudantes universitários de diversos campos do conhecimento em contato principalmente com o interior do país através de ações assistenciais a comunidades desprivilegiadas e isoladas.

SONS NO CAMINHO DO ZANZALÁ

Segundo Gisela Leonor Saar, a primeira banda de Rio Grande da Serra surgiu entre os moradores do bairro da Pedreira. Desde então, várias outras bandas cumpriram a função ao longo dos anos em festejos tradicionais e datas comemorativas. Em 2001 passou a vigorar um projeto de lei que cria oficialmente a Banda Municipal e, junto com ela, a Escola Municipal de Música, que ensina e seleciona jovens que tenham interesse de entrar na Banda. Ativa desde então, a Banda Municipal toca em eventos oficiais, solenidades, homenagens e desfiles cívicos em Rio Grande da Serra e também em outras cidades da região, quando convidada. Paralelamente há ainda um projeto para a formação de um coral municipal.

Douglas Soares, que esteve envolvido desde o começo e é um dos regentes mais assíduos que a Banda já teve, conta que entram no repertório músicas populares (marchas de carnaval como Abre Alas e Asa Branca) e eruditas (Cisne Branco, Dobradas Militares etc.). Douglas, que toca trompete na Corporação Musical Banda Lyra de Santo André, explica que o objetivo da Banda, além de cobrir as festividades oficiais do município, é identificar e formar jovens para que se tornem profissionais da música.

Mestre Miro veio de Salvador para morar em Rio Grande da Serra na década de 1970 e é funcionário da ferrovia há mais de vinte e cinco anos. Consigo trouxe grande conhecimento da cultura afrobrasileira e a disseminou pela região. Em 1985 juntou alguns amigos para praticar capoeira na Vila Conde. Em 1990 fundou com eles um grupo pioneiro na cidade e fez um concurso para a escolha do nome. O próprio Mestre Miro sugeriu o nome aclamado: Navio Negro.

O Navio Negro é mais do que um grupo de capoeira, pois realiza também outras danças e ritmos afrobrasileiros como o **Maculelê**, Sambas de Roda. O Samba de Roda, por exemplo, é uma mistura de música, poesia, dança e festa, originado no Recôncavo Bahiano, que é tido como a raiz do samba brasileiro e foi reconhecido pelo IPHAN como patrimônio imaterial nacional.

Mestre Miro explica que há várias coreografias de sambas de roda nas quais homens e mulheres se envolvem numa espécie de jogo tirando uns aos outros para dançar. Um exemplo é o samba de umbigada, em que quem dança convida seu par para dançar tocando umbigo com umbigo, e o samba de lenço, que também é executado com trocas de dançarinos através da troca de lenços. Outro é a puxada de rede, uma dança baseada em folclore luso-brasileiro



Dança Afro (evento em Ribeirão)



Mestre Miro no Atabaque



Aula em Rio Grande da Serra



Mestre Miro jogando capoeira



O Navio Negro

que gira em torno do tema da pesca. O grupo também pratica uma dança afro executada só por mulheres ao som de atabaques.

No carnaval de 1991, Elias Gomes e Tidinho Paixão da Escola de Samba do Grêmio Recreativo e Cultural Corações Unidos compuseram, para o desfile, um samba chamado O Caminho do Zanzalá, resgatando aspectos da história de Rio Grande da Serra. O samba foi escrito a partir de uma pesquisa que fizeram junto à família Midolli e Nego Giba.

Os irmãos André Luís e Vanessa Ribeiro, em 1998, deram início a um grupo de dança, com o objetivo de se construir uma Casa do **Hip Hop** a exemplo do município de Diadema. Devido à sérias dificuldades, como o falecimento de André, o grupo acabou se dissipando em 2004.

Em 2005, Vanessa retomou sozinha o grupo no quintal de sua casa com um aparelho de som e um tapete que recebeu como doação. Com o passar do tempo conseguiu apoio da prefeitura e o uso do espaço do Teatro Manacá para dar aulas. Por intermédio da Diretoria de Cultura da cidade obteve também verba do Governo do Estado para desenvolver uma oficina de cultura Hip Hop para adolescentes iniciada em 2008 com o nome Resgate Cultura Hip Hop. Durante o ano de 2009 reuniu em sua oficina oitenta e cinco alunos. Acompanhada de Laerte Fantineli, ensina diversas habilidades como vários tipos de dança, teatro, composição de letras, grafite etc. e, assim, já conseguiu tirar alguns de seus alunos do mundo das drogas e do crime.

Vanessa é instrutora dos escoteiros aos sábados, instrutora de fanfarra aos domingos, professora durante a semana, com Laerte coordena o grupo de dança Andreil's B-Boys Crew que fundou com seu falecido irmão, e é a única representante feminina da **Nação Hip Hop**, meio em que é conhecida como Guerreira. Já levou os alunos da oficina em eventos da Casa do Hip Hop em Diadema, no programa Manos e Minas da TV Cultura apresentado por Rappin Hood e todo o primeiro domingo do mês leva alguns de seus alunos para a Galeria Olido em São Paulo no JAM, encontro mensal de dançarinos de street dance.

Através da cultura Hip Hop tem trabalhado a inclusão social e a melhoria da qualidade de vida de adolescentes, oferecendo novas perspectivas de vida para jovens marginalizados ao mesmo tempo em que diversifica e incentiva a cultura de Rio Grande da Serra.



MACULELÊ: Tipo de dança que surgiu na região da cidade de Santo Amaro, Bahia, provavelmente da evolução da mistura de folclore, e celebrações religiosas africanas, católicas e indígenas em festas populares. A dança consiste na representação de uma luta com o uso de bastões ou até mesmo facões. Os dançarinos desferem golpes após cada frase cantada.

HIP HOP: Movimento cultural iniciado no final dos anos 1970 nos EUA pelas classes menos favorecidas em resposta aos conflitos sociais e violência que sofre a população das periferias das cidades. O Hip Hop é a manifestação da chamada cultura de rua, que se expressa basicamente por alguns elementos como o grafite (artes plásticas de rua), o break (dança de rua) e a música (marcada por improvisos, rimas e crítica social).

NAÇÃO HIP HOP: Organização catarinense criada para divulgar a cultura de rua e usar o Hip Hop como uma alternativa de jovens que, sem outros estímulos, iriam naturalmente para o mundo do crime, das drogas e da violência. A Nação Hip Hop usa a linguagem do jovem para alertá-lo sobre os caminhos que pode escolher e assim busca promover sua inclusão social.

NOS PALCOS DE RIO GRANDE

Em 1970, como não havia teatro, cinema e outros espaços de cultura e lazer em Rio Grande da Serra, um grupo de amigos estudantes dos primeiro e segundo graus (hoje ensino fundamental e médio) se reuniu com o objetivo de aquecer e diversificar a programação cultural da cidade. Dentre esses estudantes, Waldir dos Santos Oliveira, José Clarindo, José Roberto da Silva, Humberto de Oliveira, José dos Santos, Elizabeth Pereira, Adolfo Ribeiro, e Maria Auxiliadora fundaram o GETAM – Grupo Entusiasta de Teatro Amador, em 1974.



Entre as primeiras montagens do grupo estavam adaptações de Deus Negro, do livro de Neimar de Barros, e Meu Pé de Laranja Lima do livro de José Mauro de Vasconcelos. No mesmo ano foi criado o GETINHA – Grupo Entusiasta de Teatro Infantil Nascendo Hoje Atores – para atender à crescente demanda de crianças que queriam aprender e participar do teatro. O GETINHA debutou nos palcos com a peça O Mago Trapalhão apresentada em algumas escolas estaduais e no salão da comunidade de Vila Lopes.

Em 1977, a peça A Menina Virou, dirigida por Waldir dos Santos Oliveira, hoje diretor de cultura de Rio Grande da Serra, se tornou um grande sucesso do GETAM se mantendo em cartaz até o início dos anos oitenta e tornando o grupo conhecido nos circuitos regionais. Em 1980 o elenco não conseguiu concluir a produção dos espetáculos O Negrinho do Pastoreiro e Vestido de Noiva por falta de recursos. Em 1982 estreou Planeta Sonho, uma peça infanto-juvenil que reuniu o GETAM e o GETINHA incluindo os atores Idenis Fidelis, Osvaldo Ricardo, Ademir, Marlene, Elza, Maria Venancia, Waldir, Jair Francisco, Clóvis, Delma e Gilberto, apresentada na Câmara Municipal e em algumas escolas estaduais.



As dificuldades financeiras e as demandas da comunidade por uma melhor variedade de opções de atividades culturais levaram o grupo a se mobilizar junto à prefeitura para a criação, em 1982, do FAC – Fundo de Ação Cultural – gerando assim recursos não só para o teatro como também para várias outras atividades artísticas aquecendo a vida cultural da cidade. Lançaram também o FAC NEWS, um boletim informativo que circulava pela cidade divulgando eventos artísticos.

O fim do GETAM em 1992 não reduziu a ação nos palcos de Rio Grande da Serra. O próprio grupo incentivou a formação de novas trupes e o intercâmbio com outras companhias de outras cidades. Em 1993 se instala na cidade a Companhia Água Viva de Teatro, que se formou em São Paulo em 1989 trabalhando em diversos pontos da zona leste, baseados no teatro do oprimido de Augusto Boal, e que passou por Santo André e Mauá realizando teatro popular.

A Água Viva cria, em 1993, o espetáculo infantil O Castelo de Molumi, que ficou dez anos em cartaz. A partir de 2000, com o apoio da prefeitura passam a realizar oficinas abertas na cidade para ensinar artes cênicas. Com alunos adolescentes, criaram então as peças Aprendiz de Sonhador (2004), adaptação da autobiografia de Mário Ishihara, Evangelho Segundo Zebedeu (2002), uma montagem sobre a Guerra de Canudos contando com cenário e atuação dos Irmãos Iluministas, e Rapsódia (2006), uma composição de cenas curtas baseadas nos principais autores brasileiros, como Machado de Assis, Câmara Cascudo e Álvares de Azevedo.

O Evangelho Segundo Zebedeu foi apresentado no 7º Congresso de História do Grande ABC, em Rio Grande da Serra, e foi uma das peças da Água Viva que entrou para o Mapa Cultural Paulista. Com mais de vinte e cinco montagens e mais de vinte integrantes, o grupo já viajou o país inteiro fazendo apresentações e trazendo reconhecimento para a cidade. Começaram a promover mostras anuais de teatro em Rio Grande da Serra com grande volume de trupes convidadas e, em 2004, depois de grande esforço junto à prefeitura, conseguiram viabilizar a construção do Teatro Manacá, que inauguraram.

Assis Santos, um dos fundadores do grupo e atual coordenador, dirige e atua em peças da Água Viva. Profissional formado em performance de circo e teatro pela Fundação José Augusto em 1978, participa profissionalmente de outros grupos de São Paulo e, com sua experiência, conseguiu situar a Água Viva, que em 2009 mudou o nome para Companhia Calabar de Teatro e Dança, no cenário regional como um dos mais importantes grupos cênicos do ABC.

Assis se especializou em promover o teatro amador e assim colaborar de forma contundente com a movimentação cultural de Rio Grande da Serra.





DAS ESCOLAS PARA OS PROJETORES

CURTA-METRAGEM: É o nome que é dado para filmes com duração de até 15 minutos. O termo “metragem” se refere à extensão do filme ou película usado na filmagem. Há ainda os termos média-metragem para filmes com 15 a 70 minutos de duração e longa-metragem para filmes com mais do que 70 minutos de duração.

SUPER 8 : É uma técnica de filmagem lançada pela KODAK em 1965 aperfeiçoando uma técnica anterior que usava filmes de 8 milímetros de largura. Permitia maior área de exposição da película e uma trilha magnética reservada para gravação sincronizada de som.

Em 1970, um grupo de amigos quis fazer um trabalho escolar diferente e ousado: um filme. Waldir dos Santos Oliveira, hoje diretor de cultura de Rio Grande da Serra, conta que recorreram a Domingos Luís Orlando, o Mingo, um fotógrafo que na época se aventurava a fazer filmes 8mm com sua câmera. Mingo dirigiu a produção e colaborou com todas as etapas do filme, que se tornou o primeiro **curta-metragem** de Rio Grande da Serra. Devido aos altos custos a continuidade da produção de cinema era inviável, por isso esse mesmo grupo decidiu fundar o GETAM.

O Caminho dos Viciados, com não mais do que dez minutos de duração, tratava de questões como juventude e drogas, tendo como cenário alguns pontos de Rio Grande da Serra. Mingo se encontrava com o elenco aos finais de semana e os ajudava em questões como escolha de cenários, roteiro, ensaios, figurino e até conseguiu um doublê para as cenas em que um dos personagens dirigia uma moto. Como não era possível se apagar o filme, as cenas tinham que ser bem ensaiadas e, caso necessário, o filme era cortado e emendado para fazer a montagem das cenas em diferentes tomadas.

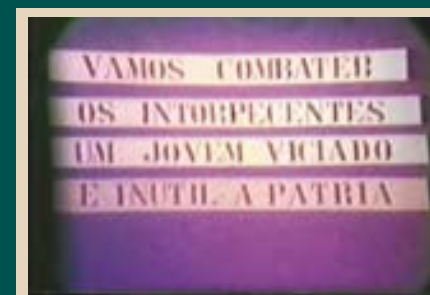
A tecnologia do **Super 8** trouxe a possibilidade de se adicionar som ao filme. Usando esse recurso, o áudio, gravado em uma fita magnética colada à película, foi feito pelo próprio elenco com a ajuda de um gravador para fazer a dublagem. A sonoplastia foi feita com portas fechando, régua batendo na mesa, objetos caindo no chão etc. e ainda compuseram parte da trilha sonora. Mingo ainda escolheu

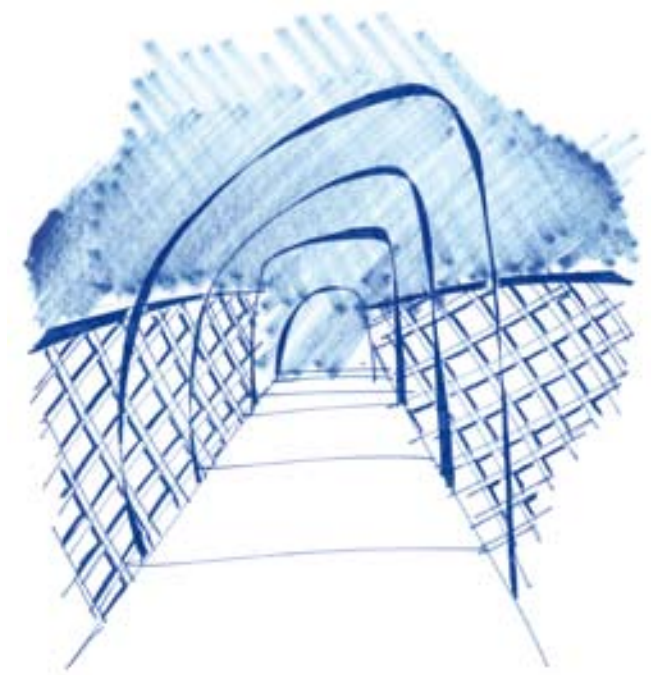
gravações de Hugo Montenegro e Sérgio Mendes para a abertura, créditos e clímax do filme. O jornal Diário do Grande ABC chegou a fazer uma matéria sobre o vídeo.

A escolha de Mingo para a direção do filme não foi por acaso. Riograndense, neto de um lenhador, Mingo começou reunindo a coleção de fotografias de seu pai, Luiz Orlando, que registrou eventos e paisagens da cidade de Rio Grande da Serra nas primeiras décadas do século XX. Autodidata, ainda jovem começou a fotografar e reunir sua própria coleção (hoje uma das mais importantes da cidade), sendo uma de suas fixações a ferrovia. Mingo chegou a fazer animações em Super 8 e filmou todo o processo de recuperação da Capela Santa Cruz, por cuja preservação se mobilizou junto a outras lideranças locais, como Gisela Leonor Saar. Foi através de suas fotos que se tornou possível a reconstituição da capela.

E a produção de cinema riograndense não parou por aí. Em 2006 foi lançado o programa de educação socioambiental Curta Química e Natureza, um programa que tem como objetivo levar alunos, professores e comunidade a refletir sobre as questões socioambientais locais usando o cinema como ferramenta de construção de conhecimento. Para isso, jovens de onze escolas públicas de Rio Grande da Serra elaboram redações sobre o tema. As melhores são selecionadas e sobre elas são feitas curtas-metragens.

Os alunos autores participam de um workshop sobre produção cinematográfica e em seguida participam diretamente de todo o processo de construção do filme passando pela pré-produção, roteirização, filmagem, edição etc., encerrando com um festival onde os filmes são apresentados para a comunidade. Desde o início, é lançado um DVD por ano com os resultados do Programa. Os filmes já foram apresentados em festivais de cinema até mesmo fora do país. Entre as montagens encontram-se vídeos narrativos, documentários, telejornais, entre outros, discutindo temas como preservação ambiental, vida em sociedade, mananciais, desenvolvimento sustentável, educação, patrimônio histórico, futuro e vários outros temas caros para Rio Grande da Serra e Paranaíacaba.





Nos RECANTOS DO PILAR VELHO



RIBEIRÃO PIRES

Reminiscências de Américo Del Corto

Américo Del Corto nasceu em 1921, filho de um casal de italianos. Seu pai, Pedro Del Corto, trabalhou no primeiro moinho de farinha de Ribeirão Pires, fez transportes com uma carroça puxada a burro e montou uma olaria à várzea do rio, onde Américo começou a trabalhar. Na falta de instituições de ensino na cidade, estudou através de um curso por correspondência que viu no jornal O Estado de São Paulo.

Seu irmão mais velho, quando se casou, cumpriu a promessa de lhe ensinar música. Aprendendo rápido, Américo em 1940 se tornou o primeiro clarinetista em uma banda que animava arrastapés da região desde 1900. Os bailes naquela época paravam à meia-noite e era servido um grande café com bolos e doces, só depois continuava, conta. Ele conta com saudade e brilho nos olhos que seu conjunto musical estreou a antiga festa de Santo Antônio no morro que havia no centro da cidade, que mais tarde foi removido. Apesar de ter sido construída uma nova capela no atual morro do mirante, a festa infelizmente não vingou. Nos anos seguintes aprendeu a tocar acordeom, abriu uma escola de música no centro da cidade que chegou a ter mais de noventa alunos, organizando um show por ano com peças de teatro e música por dezessete anos. Compôs ainda o hino municipal de Ribeirão Pires e, trabalhando em Mauá, escreveu o hino da cidade com o maestro Carlos Binder da Banda Lyra (ver pág. 83).

Conforme foi passando o tempo foi escrevendo suas memórias e reunindo um rico acervo sobre a história da cidade, transformando sua própria casa em um verdadeiro museu onde tem grande prazer de receber pessoas, sejam pesquisadores ou apenas curiosos. Em 2006 lançou um livro chamado Reminiscências de Ribeirão Pires que Vi e Vivi, reunindo histórias, causos, memórias de personagens característicos e todo o processo de desenvolvimento de

Ribeirão Pires, das olarias ao século XXI. Sua esposa, Lina, não fica para trás: acompanhava o marido sempre que podia e foi eleita rainha da Porcelana Real, aparecendo no selo das correspondências da empresa durante mais de um ano.

Em suas reminiscências Américo mistura com graça e bom humor seu próprio crescimento com a história da cidade. Gozando de boa saúde e vitalidade, sua agenda é sempre cheia, ainda ensaia clarinete, escreve poesias, romances e sempre recebe homenagens em vários eventos da cidade. Já escreveu também sua autobiografia, que será de certa forma a biografia de uma cidade inteira.



Lina Maria Del Corto como Rainha da Porcelana Real
Acervo da Seção de História e Memória da Prefeitura Municipal de Mauá

Aventura nas Terras de Caaguassú

A história de Ribeirão Pires inspirou alguns de seus artistas. Caguassú Aventura nas Terras de Santa Cruz é uma aventura gráfica cujo protagonista é o Capitão Alvarez, que, vindo da Europa degredado, sofreu um naufrágio e veio parar numa praia deserta nos tempos do Brasil quinhentista. O título é uma variação de Caaguaçu, que em tupi significa mato grande, por muito tempo designou toda a região compreendida entre São Miguel Paulista, Zona Leste de São Paulo, Mauá, Ribeirão Pires e Rio Grande da Serra. Seu criador é o ilustrador editorial Robert Rajabally, profissional talentoso com um rico portfólio.

Robert criou seu iDStudio há mais de 30 anos, antes mesmo de se formar na Escola Panamericana de Artes de São Paulo. Sediado em Ribeirão, o iDStudio inclui, além da ilustração editorial, restauração digital de fotos e pintura digital, bem como digitalização de acervos fotográficos pessoais e empresariais de todo o país e de Ribeirão Pires feitos por Marta Rajabally, esposa de Robert, que assim colabora com a preservação da memória da cidade. Em seu estúdio, Robert já fez diversos trabalhos e participou de exposições de ilustração e design no MASP, no MAM e no MIS em São Paulo, além de diversos salões de humor em Piracicaba, Brasília e outras cidades. Levou também o segundo lugar do Primeiro Concurso de Quadrinhos de Santo André em 1992.

A inspiração para o Caguassú surgiu de um trabalho feito em 2008 pelo casal Rajabally, para a criação de uma página na internet chamada História & Arte, que se tornou o melhor portal da cidade sobre memória e manifestações artísticas da região. O website reúne informações, e interessantes pesquisas sobre a história e a memória do município. O portal também oferece espaço gratuito para a divulgação de artistas, eventos e atividades culturais da região. Enquanto isso, Caguassú aguarda recursos para publicação.

A experiência de Robert tem como principal característica a qualidade de suas criações. O ilustrador já fez capas e ilustrações de livros adultos e infantis e a arte gráfica de alguns dos inesquecíveis jogos de uma importante marca de brinquedos na década de 1980, e desenvolve métodos de educação ambiental para o público infantil-juvenil. Robert considera que um de seus trabalhos mais interessantes é o que chama Ilustração Naturalista que segue conceitos de uma convivência mais harmônica e simbiótica entre natureza e vida humana para além da preservação e da sustentabilidade.



Sucatas, Sereias e o Santo Casamenteiro



Jerônimo de Oliveira já fazia artesanato com conchas e frutos do mar em Caraguatatuba, antes de chegar a Ribeirão Pires por volta de 1969 para trabalhar na ferrovia. A partir de 1980 passou a viver apenas de sua arte e de seu artesanato. Ensinando os filhos, pouco a pouco foi desenvolvendo esculturas com metais como alumínio e latão, sempre usando restos de sucata encontrados em lixões, ferros-velhos, vias públicas e outros lugares.

Em 2006 conheceu o escultor Lúcio Bittencourt e aprimorou suas técnicas de soldagem, e juntos fizeram dois monumentos já bastante conhecidos da cidade: o São José de Inox e o Monumento Ao Migrante, ambos situados em vias de entrada da cidade. Outro projeto conjunto de Jerônimo e Lúcio na cidade foi um curso de soldagem na Escola Paulo Freire, uma escola profissionalizante e de promoção social no bairro Santa Luzia.

Desde então Jerônimo passou a fazer palestras, exposições, cursos e oficinas no ABC, na capital e em Santos, disseminando a importância da reciclagem para um estilo de vida sustentável voltado à preservação e uso consciente da natureza. Fundou também a Associação dos Artesãos de Ribeirão Pires e também instalou uma banca na Praça da Bíblia, no centro da cidade, onde comercializa bijuterias e miniaturas dos marcos típicos da cidade confeccionados por ele mesmo sempre com material reciclado.



Outros artistas também contribuíram com sua arte para a cidade de diversas maneiras. No final da década de 1980, Silvana Luz começou a dar aulas de dança e pintura no extinto Bazar Aquário no centro de Ribeirão Pires, e logo se graduou em artes plásticas na FAAP. Patrícia Gonzalez, uma de suas alunas mais habilidosas, também fez diversos cursos, como arte-terapia e história da arte brasileira. Juntas fundaram a Escola Arte Expoente para dar aulas e promover diversas atividades artísticas pela cidade, e até chegaram a fazer um curso de restauração com Flávio Capitulino, restaurador brasileiro de destaque na Europa.

Patrícia e Silvana, com uma média de mais de cento e cinquenta alunos por ano, fizeram diversas vernissages com trabalhos seus e de seus alunos, promoveram e decoraram diversos eventos de artes como noites teatrais e musicais, com dança flamenca, dança do ventre e encenações em vários lugares da cidade, como o Ribeirão Pires Futebol Clube, o Hotel Pilar, as instalações da Fábrica de Sal, pizzarias, restaurantes e também ao ar livre. Sua produção artística soma desde quadros, decoração ambiente e esculturas até maquiagem, figurinos e cenário envolvendo diversos grupos e artistas da cidade. Participaram também do filme Café Amargo e outros trabalhos de cenografia para o cineasta Emerson Muzeli.



VERNISSAGE: A palavra vem de envernizamento em francês, e geralmente designa a cerimônia de lançamento de uma obra ou conjunto de obras de arte e suas exposições feita apenas para convidados.



Sensíveis à memória da cidade, recuperaram alguns exemplares artísticos significativos. Patrícia, por exemplo, restaurou as pinturas da Igreja do Santo Antônio, no Morro do Mirante. Em outra ocasião, atendendo a pedidos, Silvana recebeu em sua casa a imagem do Santo Antônio da Igreja Matriz para restaurá-la. Ela usou exatamente os treze dias do ano em que acontece na Igreja a tradicional trezena de Santo Antônio para realizar o serviço. A ausência da imagem naquele ano causou alvoroço entre as moças solteiras, impossibilitadas de fazer suas preces para o santo casamenteiro na Matriz de São José.

As duas artistas voluntariamente restauraram também um conjunto de esculturas composto por uma sereia e três peixes no Parque Municipal Milton Marinho de Moraes, o antigo camping. Fizeram pesquisas com os principais memorialistas da cidade em busca de fotos e informações sobre a escultura para manter suas características originais. Sua preocupação com o patrimônio histórico de Ribeirão virou tema de alguns trabalhos, como a instalação Apelo, feita com óleo sobre tela, estopa, tijolos e um poema.

Flores ao Longo do Caminho

Augusto Alves dos Reis nasceu em 1916 e ainda criança começou a trabalhar em marcenaria com o pai na fazenda da família em Mato Grosso de Batatais, hoje cidade de Altinópolis, no interior paulista. A Revolução Constitucionalista muito marcou a história de sua família e sua adolescência. Estudando em São Sebastião do Paraíso, em Minas Gerais e com a família morando no estado de São Paulo, assistia de perto aos conflitos entre tenentes e forças federais na fronteira dos estados. Foi em 1932, quando sua avó faleceu em seus braços, que, ajudando o médico a embalsamá-la, despertou para a medicina. Em 1936, chega ao Rio de Janeiro matriculado na Faculdade de Medicina.

As questões políticas, as possibilidades da medicina e as paixões afloradas de um jovem nesses anos explodiram nos primeiros versos de Augusto, que reuniu suas primeiras antologias Lira dos Dezoito Anos, em 1934, e em 1935 Ritmos Adolescentes e Visão do Século. Essa última trazia suas convicções anticomunistas inspiradas na admiração que tinha por Getúlio Vargas que, conta, defendeu pessoalmente o Palácio do Catete contra os seguidores de Luiz Carlos Prestes com arma em punho.

Formado médico, Augusto Reis veio se instalar em Jacilândia, vilarejo próximo a Votuporanga, interior paulista, onde instalou seu consultório. Lá, além de ter iniciado o romance com Nair Poloni, com quem se casou em 1946, teve sua primeira filha, Sonia, em 1947 e se tornou protagonista da emancipação política da vila, sendo o primeiro prefeito da recém fundada cidade de Valentim Gentil.

Durante seu mandato, Augusto conheceu Fioravante Zampol, à época prefeito de Santo André, através dos amigos radiologistas Romeu Romanelli e Radamés Nardini. O ambulatório de Ribeirão Pires (ainda não tornado município) carecia de um médico interino, então Fioravante convida para o cargo Augusto, que veio para a cidade em 1954. Coincidência ou não, também esteve envolvido na emancipação de Ribeirão Pires em 1955. Entretanto, decidido a não se envolver mais em cargos da administração pública, durante muitos anos foi o médico e parteiro mais importante da cidade, atendendo de casa em casa em função da ausência de hospitais. Muito atendeu os moradores mais velhos de Ribeirão Pires, como Américo Del Corto (ver pág. 58) e sua família. Trabalhou também em Rio Grande da Serra e em Mauá.

Durante a década de 1970 viajou algumas vezes para a Europa a estudar e, aplicando os conhecimentos que lá adquiriu, ajudou a fundar a APAE (Associação dos Pais e Amigos dos Excepcionais) de Ribeirão Pires, prestar assistência na cadeia da cidade e outras ações sociais. Aposentou-se em 1981, morou em outras cidades abrindo consultórios e melhorando os serviços de saúde pública, mas pouco tempo ficou longe de Ribeirão. Com mais de noventa anos de idade começou a estudar a língua russa, e ainda escreve suas poesias, enchendo cadernos com versos carregados de suas experiências de vida políticas, profissionais e pessoais, falando de seus amores, seus filhos e sua crítica social. Tem dois livros publicados: Flores Ao Longo do Caminho e Agüenta Gabriela!



Assis Coimbra nasceu no Maranhão e desde criança trabalhava com o pai na roça. O gibi e a literatura de cordel, lá conhecida simplesmente como romance, o ajudaram a se alfabetizar. Com o que chama de mania de retirante do nordestino, a família migrou até se estabelecer em Teresina, Piauí. Lá entrou na escola para estudar o primário e vendia gibis na porta do cine teatro. Quando era possível assistia um filme ou outro. Até então, não fazia ideia do que era o teatro.

Chegando em Ribeirão Pires em 1968, logo recebeu convite para participar do TEFEL, o primeiro grupo de teatro da cidade. Sem nunca ter visto uma peça de teatro, Assis foi convidado por Luís Alberto de Abreu e Ednaldo Freire para assumir o papel do Vigia Marcolino na peça Forró no Engenho Cananéia. Ele lembra com carinho da amizade que fez com os outros integrantes do grupo e fala com emoção e saudade de Celso Ribeiro, diretor e um dos fundadores do TEFEL, falecido no início da década de noventa. Foi Celso que o ajudou a se tornar ator e que escolheu o papel que Assis julga ser um de seus melhores trabalhos: o Ésope, na peça A Raposa e as Uvas, ainda no TEFEL.

Encerradas as atividades no grupo de teatro, Assis foi convidado para trabalhar na Secretaria de Cultura do município de Mauá por Clóvis Volpi, com quem contracenara ainda no TEFEL a peça Poemas em Conjunto. Não sendo diretor, convidou então Ednaldo Freire para fundar um grupo de teatro na cidade, o GRUTEMA, que junto com o TECO (ver pág. 86) muito contribuiu para o desenvolvimento das artes cênicas naquela cidade. Nos anos seguintes Assis então buscou se profissionalizar em São Paulo. Participa então como técnico de som e luz no Teatro Ruth Escobar na peça A Noite dos Assassinos, do Grupo Mambembe, que contava com Rosi Campos no elenco, e também estudou circo com Antônio Nóbrega, grande conhecedor da cultura popular. Escreveu seu primeiro trabalho, Careta e Caretinha: os Palhaços da Garotada, em 1981.

Em 2000, enquanto trabalhava dando palestras para as comunidades ao redor do Aterro Sanitário Lara, em Mauá, Assis se envolveu com a questão da sustentabilidade e preservação do ambiente. Criou então o personagem Reciclino, acompanhado por uma trilha sonora composta por sua irmã Valdevez Coimbra, para trabalhar a educação ambiental de forma lúdica e de fácil entendimento para todas as idades. Não satisfeito, em 2006 começou a escrever literatura de cordel unindo a nova experiência com as lembranças de sua infância, quando se alfabetizou com a ajuda dos cordéis e aprendeu a extrair da natureza não mais que as suas necessidades. Começou com o livro Marcha da Humanidade e a Degradação da Natureza, e em seguida lançou A Marcha de Um Governante, Um Operário na Presidência e O Macaco Que Não Gosta de Banana, este último também envolvendo questões ambientais.

Quando lhe perguntam por que a escolha da literatura de cordel, Assis explica que a escolheu por ser a linguagem do povo, clara, acessível e bem humorada, cheia de musicalidade e magia. Literatura de cordel é para ser contada. Por isso se uniu ao músico e ator Wagner Mineiro para fundar os Narradores de Cordel, grupo musical de teatro popular que canta e conta seus versos de cordel.





Os Sons da Garoa

O santista Passoca veio morar em Ribeirão Pires ainda durante a infância, quando ganhou esse apelido. Começou a se interessar pela música ainda adolescente, chegando a ser aluno de Américo Del Corto na década de 1960, tocando em bailes e arriscando as primeiras composições. Na faculdade junta um grupo de amigos com afinidades musicais influenciadas pela música popular brasileira e começa a se profissionalizar. Em 1974, com o grupo Flying Banana grava o primeiro álbum tocando cavaquinhos, flautas, viola e violão. Antonio Celso Duarte, um dos integrantes, compôs uma música chamada Pirapora, que inspirou o grande compositor Renato Teixeira a escrever a inesquecível canção Romaria. Formados arquitetos, a banda

se dispersa e, sem nunca exercer a profissão, Passoca inicia então a carreira solo.

Renato Teixeira, grande compositor que na década de 1970 fez uma importante releitura da música caipira do interior paulista, apresentou Passoca ao seu irmão Roberto de Oliveira, que era produtor na rádio Bandeirantes. Roberto abriu o caminho de Passoca para a gravadora Philips, onde após algumas participações em outros grupos, Passoca gravou seu primeiro disco solo, *Que Moda*, em 1979, conjugando o estilo caipira com contornos urbanos, o que se tornou sua característica marcante: um violeiro urbano.

Em 1981, marcando a vanguarda da música paulista, Passoca reuniu Almir Sater, Marlui Miranda e outros músicos importantes no show *Vozes e Violas*, no Teatro Lira Paulistana, importante reduto da música de vanguarda no bairro de Pinheiros, em São Paulo. Em meio a inúmeras interpretações de outros compositores incluindo sambistas como Adoniran Barbosa, destaca-se sua obra mais autoral: o álbum *Sonora Garoa*, no qual realiza plenamente a fusão de temas urbanos com moda de viola. Passoca se tornou um grande pesquisador da música popular e folclórica, especialmente paulista, participando dos programas de Rolando Boldrin e Inezita Barroso em diversas ocasiões chegando até a levar a música brasileira para o exterior. Em Ribeirão Pires, cuidou da produção de duas edições da Festa do Pilar ao final da década de 1990, trazendo para os palcos da cidade Renato Teixeira, Roberto Correa, Inezita Barroso, Pena Branca e Xavantinho, entre outros.

Passoca é cantor, compositor, violeiro, produtor e artista plástico (decora seus próprios álbuns) e atua nos circuitos alternativos de música de São Paulo e região resgatando a música de raiz aqui e ali. Modesto, sereno, esmerado e criativo, com mais de trinta anos de carreira, figurou no livro e DVD *Violeiros do Brasil*, produção do Projeto Memória Brasileira, como um dos melhores violeiros do país... sem exageros.

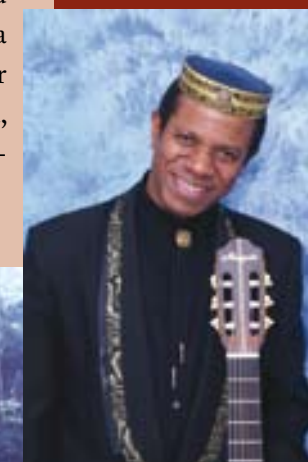
Sua Majestade, o Violão

Nascido em 1959, numa família de músicos, Robson Miguel cresceu em íntima relação com a música. Seu pai, membro da banda do exército, o ensinou teoria musical e alguns instrumentos e logo Robson já tocava trompete em uma banda evangélica da qual seu pai era maestro. Muito influenciado pela bossa-nova, quando se mudou para Ribeirão Preto com a família teve aulas particulares de violão popular com Aroldo Barros, e logo fez suas primeiras apresentações. Chegou em Santo André aos onze anos de idade e logo ingressou direto no quarto ano do Conservatório Musical de São Caetano do Sul, estudando violão clássico com João Batista Nobre.

A perda do pai fez com que Robson, o mais velho entre seus irmãos, sentisse a responsabilidade de garantir o sustento da família. Começou então a dar aulas com apenas quinze anos de idade, arrebanhando alunos em apresentações que fazia gratuitamente em diversos locais, como propaganda de seu trabalho. Foi pouco a pouco se tornando conhecido e aumentando o número de alunos, dando aula em grupos. Ao longo dos anos desenvolveu alguns métodos pedagógicos para o ensino de diversos instrumentos em variados estilos musicais, e em alguns anos fundou a escola CURSON, ativa até hoje no centro de Santo André com equipe que ele mesmo formou.

Colecionando títulos e homenagens por onde passava, em 1985 Robson Miguel junta seus recursos para uma viagem para Portugal e Espanha para estudar a origem do violão. Conhecendo a história dos trovadores medievais, foi descobrindo cada variação dos instrumentos de corda ao longo do tempo nas dezenas de castelos que visitou. Pesquisou também sua ascendência espanhola e também se encantou com aspectos da história das grandes navegações em Segóvia e da chegada dos portugueses ao Brasil. Voltando ao Brasil pesquisou também suas raízes indígenas.

Após anos de pesquisa foi juntando e organizando todo o conhecimento recolhido e decidiu construir um castelo, uma homenagem à sua majestade, o Violão. Após certa procura consegue comprar um terreno em Ribeirão Pires, próximo à Igreja do Pilar e em 1999 termina de construir o edifício que se tornou mais uma referência turística da região. Pelas paredes e salas do castelo a história da música e do violão é apresentada e vários dispositivos sonoros foram instalados como nos castelos europeus. No salão principal, o marquês-cacique montou um memorial de sua própria história onde recebe qualquer interessado em sua música, em seu castelo ou simplesmente amigos que o visitam.





Mudar a rotina, paraísos construir.
Partir pra batalha, vista em frente,
[sem fugir.

O pé na estrada,
E numa encruzilhada
O tesouro está.

Vou passear numa bicicleta,
Depois brincar de maluco poeta.
Sentar em paz pra jantar com os
[meus,
Que mais importa?

Mudar a rotina, paraísos construir.
Partir pra batalha, vista em frente,
[sem fugir.

O pé na estrada,
E numa encruzilhada
O tesouro está.

Trecho extraído de
É Tempo de Quê?



Ensaaios

A paróquia da Matriz de São José, para além das cerimônias religiosas sempre foi um centro agregador de vários moradores da cidade. As missas geraram encontros e os encontros geraram ideias. Uma delas foi quando em 1995 algumas pessoas ligadas à paróquia decidiram formar um novo coral. A regência ficou ao encargo de Rene Alves dos Santos, jovem rapaz autodidata que já alcançara alto nível musical. Nasceu então o Coral Pentecostes, cujo nome foi escolhido em função da data do primeiro ensaio.

Rene nunca havia regido um coral antes, no entanto, foi mais um aprendizado que conquistou com maestria. Em pouco tempo organizou o grupo em quatro vozes e reuniu mais de sessenta integrantes. Para as apresentações, que começaram em missas e se estenderam para eventos além da igreja, organizava o repertório litúrgico tradicional, pesquisava canções tradicionais de religiosidade popular, clássicas como Jesus Alegria dos Homens, de Bach, incluía canções da MPB como Amor de Índio de Beto Guedes e músicas estrangeiras como Still Haven't Found What I'm Looking For, da banda irlandesa U2 e Lord Sweet Lord, de George Harrison, dos Beatles. Com Sô e Edmilson, integrantes do coral, Rene montou a Banda Ensaio, que, além de acompanhar o Pentecostes em algumas apresentações, tocava em alguns eventos da cidade uma mistura de rock rural e MPB, com música do Clube da Esquina, Sá e Guarabira etc. Não satisfeito, Rene chegou a compor diversas canções executadas pelo grupo.

Indo além da Matriz, o Coral Pentecostes cantou em encontros de corais de igreja em Santo André, fez uma homenagem para o bispo Dom Décio em sua visita à Ribeirão Pires, participou de eventos ao ar livre promovidos pela prefeitura e também em uma celebração na Basílica em Aparecida do Norte. Se apresentou até em Protásio Alves, no Rio Grande do Sul. Chegando aos nove anos de existência com poucos integrantes, porém já experientes, o Coral Pentecostes acaba em 2004. Rene continua organizando corais e bandas, entre eles os corais das escolas Antonio Fortes e Fortunato Pandolfi Arnonni e o Coral do Hospital Ribeirão Pires, formado por funcionários.

Em 2008 remanescentes do Coral Pentecostes, saudosos de sua experiência, convidam Rene a formar e reger um novo coral na Igreja Matriz. Nasce assim o Coral Dom Scalabrini, que em pouco tempo reuniu mais de vinte e cinco integrantes e, nos moldes do antecessor, já apresenta variado repertório e desponta como um dos melhores corais da cidade. O Coral Dom Scalabrini já organizou um concerto de natal para mais de duzentas pessoas no auditório do Colégio ENAU com o tema É tempo de quê?, acompanhado por coreografias do grupo de dança João Roncon Arte em Movimento, a banda Ensaio e declamações de alguns versos e textos.

Amigos e Seresteiros

Em 2006, Ana Maria Baroni, em uma viagem à Conservatória, Rio de Janeiro, com alguns amigos conheceu as serestas locais. Voltou então para Ribeirão Pires com a ideia de reunir amigos para tocar e curtir a boa música brasileira e, com Feihs Sabbag, Dora Maziero e Myriam Dib pôs a ideia em prática. O primeiro seresteiro que atendeu ao chamado com o violão para tocar as canções foi José Hélio Freire, o Helinho, grande personagem cultural da cidade, que foi membro do TEFEL e do Coral Pentecostes. Rene Alves dos Santos, que fora regente do Coral Pentecostes, fez algumas participações tocando bandolim, Nilo trouxe seu violão, Dito trouxe seu cavaquinho, Jango assumiu a percussão e outros amigos com seus talentos e vozes fizeram então nascer o grupo dos Seresteiros Amigos com mais de quinze integrantes.

As reuniões começaram circulando pelas casas dos amigos entre cafés e lanchinhos, de forma descontraída e amistosa. Feihs, que havia sido regente do Coral São Francisco, se encarregou de organizar as vozes, os arranjos e fazer a pesquisa de repertório, principalmente na música popular brasileira de raiz e serestas. Trouxe assim músicas italianas, portuguesas, espanholas, fados, sambas, boleros, pastorinhas etc. Entre os compositores escolhidos estão Candido das Neves, Adelino Moreira, Noel Rosa, Chico Buarque, Cartola, Zequinha de Abreu, João de Barro e outros.

A primeira apresentação em público aconteceu na Praça da Matriz. Os fundadores dedicaram a primeira seresta à falecida amiga Dona Julieta Tolezano, que durante muitos anos ajudou a cuidar da casa paroquial, adorava cantar e foi membro do Coral São Francisco. A Praça, caminho entre sua casa e a Igreja, foi escolhida pelos Seresteiros como o lugar ideal por ser tranquilo e ao ar livre. Os Padres Sextílio e João, da Paróquia São José, ofereceram ajuda com cadeiras e equipamentos da Igreja, e o encontro de Seresteiros Amigos se tornou um sucesso sem precedentes em Ribeirão Pires.

Desde então os Amigos recebem diversos convites para cantar em entidades assistenciais, asilos, escolas e outros lugares da região, se reunindo pelo prazer de cantar a boa música, sempre trajando roupas dos anos 20, época de ouro das serestas, com satisfação pelas alegrias da vida e da boa amizade e satisfação que os une.



O Povo Brasileiro como Protagonista

Ribeirão Pires não contava com grandes opções culturais na década de 1960. Em meio ao alvoroço cultural por que passava o país naquele período, bem como a repressão cada vez maior do governo militar, alguns estudantes da Escola Estadual Felício Laurito, uma das mais antigas da cidade, então tomaram uma atitude. Celso Ribeiro, filho do cenógrafo Arquimedes Ribeiro, tinha alguma experiência de teatro acompanhando o pai. Ednaldo Freire acabara de se matricular na Felício Laurito transferido da Escola Estadual João Ramalho, de São Bernardo do Campo, onde foi militante e, sem muito sucesso, havia tentado formar um grupo de teatro.

Com o apoio do Professor Melquiades José de Souza, que cedeu uma sala da escola para os ensaios, Celso e Ednaldo reuniram Antonio Angelo Orlando (ver pág. 47), Vera Camargo, José Hélio Freire (Helinho ou Pepeu), Abias Gomes de Lima, Assis Coimbra, Isaías Lima e vários outros alunos, entre eles alguns irmãos, e deram então início ao TEFEL, Grupo de Teatro Felício Laurito. Ednaldo Freire explica que sua principal inspiração foi o Teatro de Arena e a de Celso Ribeiro o TBC, Teatro Brasileiro de Comédia, com o qual teve contato através de seu pai. Ednaldo Freire explica que a ideia era fazer um teatro popular que apresentasse o povo brasileiro como protagonista, nos palcos ou não.

O primeiro espetáculo, Forró no Engenho Cananéia, de Antonio Callado, foi um grande sucesso e se manteve em cartaz durante mais de dois anos. A peça era inspirada em João Julião, líder popular paraibano, e propunha uma reflexão sobre os conflitos sociais e a posse de terras. A produção foi feita pelo próprio elenco que conseguiu o ginásio do Ribeirão Pires Futebol Clube para a apresentação, e montou o próprio figurino e cenário composto com caixões, urnas funerárias que alguns dos alunos conseguiram emprestar do serviço funerário, apesar do agente funerário, que os atendeu com suspeita e, desconfiado, ligou para a polícia. Dorival Golla, então diretor de turismo da cidade, apelou em defesa dos alunos e tudo se resolveu. Depois desse episódio espalhou-se um boato na cidade de que havia acontecido uma chacina e o velório seria no clube. Celso e Ednaldo ajudaram a espalhar o boato e conseguiram assim casa cheia na estréia do TEFEL.

O TEFEL funcionou até 1973 com vários espetáculos provocadores e irreverentes. Além de ter mudado para sempre o cenário cultural ribeirão-pirense trazendo atenção para a falta de palcos e espaços culturais na cidade, participou do circuito de teatro regional pela FEANTA, Federação Andreense de Teatro Amador. Apesar



"Forró no Engenho Cananéia"
Fotos: Domingos Luiz Orlando

do fim do grupo, vários de seus integrantes continuaram a promover a cultura e as artes de diversas maneiras pela cidade, como é o caso de Helinho Freire, também membro do Coral Pentecostes e dos Seresteiros Amigos. Toninho Orlando se tornou artista plástico, poeta, músico, professor e sempre trabalhou ligado à arte, à educação e à cultura.

O TEFEL também acabou lançando alguns de seus integrantes no caminho do teatro profissional. Celso Ribeiro foi trabalhar no teatro do SESI, fundado por seu pai, como assistente de produção até seu falecimento em 1992. Amaury Echeverria, cantor, compositor e instrumentista, fez direção musical do espetáculo A Raposa e as Uvas. Jussara Freire, que chegou ao TEFEL em 1970, de lá foi para São Bernardo com Ednaldo Freire trabalhar no Grupo de Teatro Regina Pacis e logo passou pela TV Tupi, e em seguida pela TV Record. Desde então se consagrou como atriz de teatro e TV de altíssima qualidade, participando de grandes sucessos como a novela Pantanal, de Benedito Ruy Barbosa, na extinta TV Manchete, e no grande circuito de teatro.

Ednaldo Freire saiu do TEFEL de volta para São Bernardo do Campo, para o Grupo de Teatro Regina Pacis e de lá partiu para São Paulo. Durante a década de 1980 trabalhou como assessor de cultura, muito contribuindo com a atividade de diversos grupos culturais como escolas de samba, associações de artistas e grupos de teatro, bem como ajudou a revitalizar a Festa do Pilar como festa popular com músicas folclóricas e de raiz, catiras, folguedos etc.

Colaborou também na fundação do TARP, Teatro Amador de Ribeirão Pires, no qual foi diretor e cujo elenco contou com a participação do então secretário de cultura Clóvis Volpi. Junto com Volpi havia ajudado a fundar o GRUTEMA, Grupo Teatral de Mauá, contemporâneo ao TECO. Em 1993, já em São Paulo e dedicando-se completamente à direção de teatro, fundou a Fraternal Companhia de Artes e Malas-artes junto com Luís Alberto de Abreu.

Quando Clóvis Volpi foi eleito prefeito de Ribeirão Pires, nomeou Assis Coimbra coordenador de teatro. Assis retomou e aperfeiçoou os projetos iniciados por Alexandre Matte na gestão anterior, levando oficinas livres de teatro para os bairros mais afastados da cidade, além do centro. Em 2010 já havia cerca de trinta núcleos de teatro em Ribeirão Pires formados pelas oficinas. Os alunos formados nos núcleos se tornam os novos monitores, e assim dão continuidade aos trabalhos, além de formarem seus próprios grupos.

Alguns deles, percebendo a necessidade de se criar meios de promoção de atividades artísticas na cidade, fundaram o AGRUPAR, Ação dos Grupos e Artistas da Região, com representantes de diversos grupos de artes cênicas de Ribeirão Pires e Rio Grande da Serra, como Criticarte, Balangandans, Maladin, Núcleo de Investigação Crítica, Dinossauro com Meia, Frases de Nós e Teatro de Passagem. O AGRUPAR inclui desde grupos de estudos mais aprofundados sobre artes cênicas até o apoio e produção de peças de teatro na cidade, nas quais cada integrante passa pelos diversos setores da produção, como roteiro, atuação e direção.





Um Novo Olhar

Emerson Muzeli se interessou pelas artes dramáticas quando Ednaldo Freire em 1982 o levou para assistir a peça de teatro Escola de Mulheres, de Molière, em que atuava. Assistindo a peça de dentro da coxia, Emerson se fixou pelo trabalho dos bastidores do espetáculo. Pouco tempo depois ingressou na EAD, Escola de Artes Dramáticas de São Paulo, trabalhou com Vladimir Capella, diretor e dramaturgo de São Caetano do Sul e, em 1990 já alcançara a Rede Globo como ator, trabalhando sob orientação de Tonio Carvalho.

Nas oficinas de atores e diretores da emissora, as habilidades de direção de Emerson chamaram atenção de Tonio, que por sua vez muito contribuiu para sua formação como diretor. Emerson, então, montou um estúdio em Ribeirão Pires, onde sempre fez questão de manter seu trabalho radicado, e em 2000 consagrou-se como diretor no seu primeiro trabalho autoral: Café Amargo, um curta-metragem filmado em Paranapiacaba narrando uma bela história que também contou com a colaboração da Arte Expoente na cenografia.

Desde então, colaborou na concepção de uma escola de atores e autores da Rede Globo que revelou nomes como Fernanda Lima e Paulo Vilhena, trazendo oficinas e workshops para Ribeirão Pires eventualmente. Ainda dirigiu diversos co-

merciais, novelas, minisséries, filmes etc. e paralelamente desenvolveu projetos pessoais. Aliás, é nesses projetos que realizou o mais interessante e característico de sua obra como cineasta. Desde Café Amargo, Emerson coleciona um recheado portfolio que traz parcerias com Alex Moletta, cineasta de Santo André e Alziro Barbosa, também andreense, considerado um dos melhores diretores de fotografia do país. Formou e revelou também talentos locais como Leandro Mattoso Torres, editor de filmes como A Bola, À Flor da Pele e Condomínio Legal.

Emerson sempre fez questão de manter seu núcleo de produção em Ribeirão Pires com o objetivo maior de fazer da região uma referência na área do cinema, por isso não cansa de formar profissionais locais e mobilizar poder público, patrocinadores e profissionais para realizar eventos, festivais e workshops em Ribeirão e região. Com sua produtora Super Câmera Cinematográfica, tem realizado diversos projetos como o Festival de Cinema de Ribeirão Pires para promover a produção cinematográfica local, o longa metragem Obstinado, filmado na Fordlandia, no meio da Amazônia, e o projeto Escola Vai ao Cinema, criado para levar alunos de escolas públicas da região do ABC ao cinema, democratizando o acesso à sétima arte.





AS MARGENS DO TAMANDUATEÍ



MAUÁ

As Histórias de Osiris de Paula Soares

Nascido no ano de 1936 em Monte Verde Paulista, Osiris de Paula Soares chegou em Mauá em 1966. Por motivos de saúde durante a infância e a adolescência, Osiris foi alfabetizado pela sua mãe, que lhe trazia sempre que podia a Revista Manchete. Ele dizia para ela que quando se levantasse queria conhecer todos os lugares que via na revista... e, um dia, se levantou! Desde então empreendeu estudos, foi servidor público do INAMPS (atual SUS) trabalhando na cidade de São Paulo e depois foi para o jornal DCI, Diário Comércio Indústria trabalhar na edição dominicana City News.



Um dia, Osiris apresentou um texto seu chamado Os Estados Brasileiros e suas Alcinhas para o diretor do DCI, que o encaminhou para Deise Sabbag, editora do Diário Popular, que por sua vez o convidou para escrever no jornal. No dia 5 de dezembro de 1970, em seu aniversário, Osiris tem sua primeira matéria publicada: O Vaqueiro, um personagem típico. Inaugurou assim uma coluna sobre os estados e as alcunhas com suas pesquisas sobre cultura popular e história. Logo se tornou um folclorista escrevendo para o Diário do Grande ABC “quando ainda se chamava News Seller e não passava de um tabloidinho” e também para a Revista Expressão.

Quando passou a morar em Mauá, começou a se interessar por sua geografia e história, publicando suas pesquisas em diversos jornais locais. Descobriu que Capuava é a região onde termina a serra e começa a tal “borda do campo”, e ainda seguiu o rio Tamanduateí até sua nascente na vila Tavares, onde há mais nascentes, chamando a atenção da comunidade para sua preservação. Chegou a publicar matérias no jornal A Voz de Mauá e até no Estadão com a ajuda do jornalista Hidelbrando Pafundi. Conversando com Dona Celina, que morava no atual Museu Casa do Barão, foi reunindo lendas e fatos sobre o local e não mediu esforços para que a casa fosse transformada em museu.

Associado ao Memorial Barão de Mauá em viagem que fez a Petrópolis para pesquisar sobre Irineu Evangelista de Souza, Osiris chegou a ser condecorado comendador por seu fundador,



Museu Casa do Barão - Foto: Acervo da Seção de História e Memória da Prefeitura Municipal de Mauá

Eduardo Chaves Nedehf, junto com Oswaldo Dias, então prefeito de Mauá, no V Congresso de História do Grande ABC. Finalmente, por ter se tornado um dos memorialistas mais importantes da região reunindo vasto material de pesquisa, Osiris de Paula Soares se tornou membro do CONDEPHAAT-MA, conselho de defesa do patrimônio cultural do município.

Do Barro à Porcelana

O cenário artístico de Mauá é tão antigo quanto diverso. Suas principais obras de arte são marcadas pelo olhar do operário e do migrante e suas experiências. O rio Tamanduateí, a industrialização, a ferrovia e a diversidade da cultura brasileira são temas dos mais recorrentes na arte mauaense. O repertório artístico de Mauá inclui tanto expressões individuais de alguns autores, passando por manifestações culturais de raiz trazidas por migrantes, quanto o desenho industrial da cerâmica e da porcelana.

A Capela da JOC (Juventude Operária Católica), no Hospital da Santa Casa de Misericórdia, guarda em suas paredes afrescos, pinturas feitas sobre gesso ou cal ainda úmido, com temas bíblicos carregados de **expressionismo**. A pintura, obra de arte das mais significativas do Grande ABC, foi feita por Emeric Marcier (1916-1990), pintor romeno que, fugindo da Segunda Guerra Mundial, chegou ao Brasil em 1940, convidado pelos escritores Mário de Andrade e Jorge de Lima.

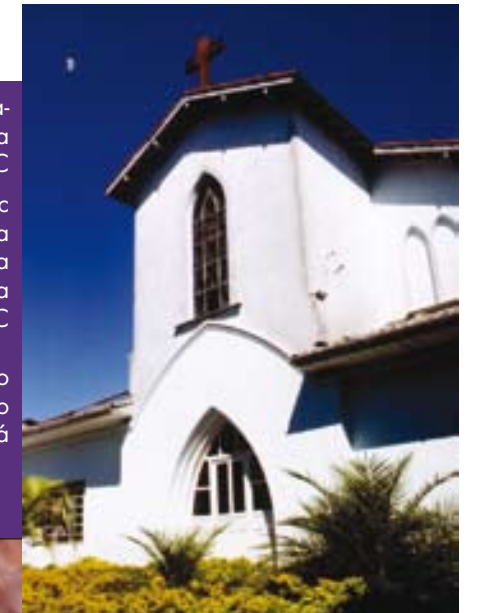
Embora fosse judeu, Marcier ainda jovem se interessou por temas bíblicos observando os quadros bizantinos medievais de sua terra. Seguiu sua formação artística em Milão, na Itália, e em seguida em Paris. No Brasil foi fortemente influenciado pelo barroco mineiro, especialmente pelas obras de Aleijadinho. Acolhido pela JOC, que era aberta à sua arte de vanguarda, foi convidado a pintar a capela em 1946.

As passagens ilustradas pelo pintor apresentam temas como a Torre de Babel, a passagem de Moisés pelo Mar Vermelho, a expulsão de Adão e Eva do paraíso, a negação de Pedro etc. A capela, restaurada em 1995, é protegida pelo governo municipal como patrimônio histórico e cultural da cidade.

à direita: Capela da Santa Casa - JOC

abaixo: Emeric Marcier na Capela e altar da Capela JOC

Fotos: Acervo Museu Barão de Mauá



JOC: Juventude Operária Católica, um movimento social iniciado na Bélgica em 1925 ligado à Igreja Católica, criado para combater o sofrimento e exploração vividos por jovens da classe operária em todo o mundo.

EXPRESSIONISMO: Movimento cultural de vanguarda do início do século XX originado na Alemanha que privilegia a expressão da subjetividade e dos sentimentos através da arte. Na pintura é marcado pela deformação da realidade, uso de cores violentas e expressão da natureza humana, instintos e emoções.



Mauá não chegou a ser considerada Cidade da Porcelana por acaso. Aproveitando o solo argiloso da várzea do rio Tamanduateí, a cidade encontrou uma forte vocação industrial na produção de cerâmica e porcelana em larga escala com grandes fábricas instaladas a partir da década de 1940. Desde então Mauá se tornou uma das maiores produtoras de louça do país. A arte em porcelana desenvolve-se então no desenho industrial.

Foi nesse contexto que Hans Sulliman Grudzinski, arquiteto, desenhista, pintor e exímio gravurista, chega à Porcelana Mauá, indicado pela escultora Elizabeth Nobling. Grudzinski logo assumiu o cargo de chefe de modelação e foi um protagonista na implementação da pioneira produção de porcelana fina desenhando e decorando inúmeras peças. Em 1967 deixa a Porcelana Mauá para se dedicar exclusivamente à sua arte, sendo reconhecido até hoje por suas ricas gravuras de fina qualidade e apreciação internacional.



Suas gravuras eram feitas em chapas de aço inox ou cobre em baixo relevo. Sobre elas fazia uma massa de betume com a qual moldava o desenho. Em seguida lançava ácido-clorídrico sobre o betume que era retirado assim que a chapa fosse corroída. Sobre o desenho aplicava tintas e, por fim, gravava a imagem criada em decalques para aplicação na porcelana. Aplicava essa técnica nos seus quadros e desenhos.

Grudzinski nasceu na atual Eslovênia em 1921 e aprendeu a fazer pintura em porcelana com seu bisavô. Formou-se em arquitetura em 1941 e logo se alistou para lutar na Guerra sobre a qual pintou aquarelas. Trabalhou em uma fábrica de cerâmica na Áustria antes de vir para o Brasil. Na década de 1950, cursou pintura, artes gráficas e aprendeu técnicas de gravura com Lívio Abramo, introdutor da gravura moderna no país. Faleceu em 1986 e várias de suas obras estão hoje na Pinacoteca de Mauá.

Acima: Caboclos / à esquerda: Pelada 2
Imagens Cecília Bedeschi de Camargo
Acervo da Pinacoteca Municipal de Mauá

As chaminés fumegantes e os grandes galpões industriais inspiraram diretamente outros artistas. Toshiharu Mitsunaga chega do Japão em 1951 para trabalhar na Porcelana Mauá, onde trabalhou até 1968, elaborando desenhos decorativos de louças. Paralelamente, tal qual Jô Rabelo (ver pág. 40), pintou diversos lugares da cidade em tempos passados, oferecendo elementos que permitem sua identificação pelo apreciador, possibilitando um exercício de percepção da transformação urbana de Mauá. Mitsunaga morreu em 2003, legando uma obra que o colocou entre o grupo de artistas mauaenses mais significativos.



Toshiharu Mitsunaga
Fotos: Acervo Museu Barão de Mauá



Aluisio Domingo
dos Santos

A grande presença de migrantes vindos de diversas partes do país em busca de melhores condições de trabalho e de vida inspirou e inspira variadas manifestações artísticas em Mauá e região. Um bom exemplo é a obra de Aluisio Domingos dos Santos, paraibano de Campina Grande, nascido em 1937. Aluisio fazia modelagem, pintava paredes, telas etc. Quando chegou em São Paulo na década de 1950, o contato com Alfredo Volpi e Arnaldo Ferrari proporcionou amadurecimento e refinamento à sua obra. Passou a usar diferentes suportes como lonas de caminhão, telhas de cerâmica, folhas e placas de Eucatex e massa corrida.

Trabalhando como locutor em rádios comunitárias se envolveu com causas sociais e movimentos populares. Em 1959 já se encontrava em São Caetano do Sul em pleno ativismo político, simultaneamente trabalhando como pedreiro para o sustento da família. Quando tinha tempo dava andamento às suas obras de arte, que se tornavam mais e mais notáveis. Sua relação com Mauá se iniciou na década de 1970 com sua participação ativa nas festas do carnaval, que lhe renderam o convite do então prefeito Dorival Rezende da Silva para se mudar para a cidade e fazer parte da comissão organizadora do carnaval.

O capítulo mais importante de sua vida artística foi talvez em 1979, quando representou Mauá, junto com o presidente da Câmara Municipal, na sessão solene da Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo em homenagem à cultura negra. Aluisio, na ocasião, conheceu diversos líderes políticos africanos que reconheceram a sua obra como verdadeira expressão do sentimento do homem negro. Seus quadros foram então adquiridos e se encontram em alguns edifícios oficiais de Zaire, Nigéria, Gana e outros países africanos. Desde então o tema homem negro, já recorrente em sua obra, se tornou central em sua pintura.

Aluisio compôs vasta obra, permeada de surrealismo, abstracionismo, cubismo e outras tendências, variando de temas religiosos a políticos e sociais caros a vários migrantes nordestinos. Faleceu em 1984 quando estava trabalhando em um mural sobre a história de Mauá, que ficou inacabado. O mural começava no vilarejo próximo à Capela do Pilar, passando pela industrialização, pela produção de porcelana, e terminando na migração nordestina. Algumas de suas obras estão hoje na Pinacoteca de Mauá.



GERAÇÃO PERDIDA: Termo criado pela escritora Gertrude Stein que se refere a um grupo de literatos norte-americanos que se encontravam e escreviam em Paris no período entre o fim da Primeira Guerra Mundial e a Grande Depressão econômica. Reúne nomes como Ernest Hemingway, F. Scott Fitzgerald e T.S. Elliot. A Geração Perdida também contribuiu com a origem do Jazz.

BELLE ÉPOQUE: “Bela Época” em francês, denomina o período de transformações culturais, sociais e de modos de vida que viveu a Europa entre o final do século XIX e a Primeira Guerra Mundial em 1914. Foi marcado por grandes mudanças no modo de pensar e viver o cotidiano que se traduziram em efervescência cultural e artística como o nascimento do cinema e a arte de vanguarda inspirada nos avanços tecnológicos. A Belle Époque carioca é o nome que se dá às transformações urbanas, sociais e culturais semelhantes que aconteceram no Rio de Janeiro no final do século XIX e começo do século XX em decorrência da Proclamação da República em 1889.

DOPS: Departamento de Ordem Política Social, órgão oficial do governo inaugurado no Estado Novo (1937-1945) cujo objetivo era reprimir movimentos políticos e sociais contrários ao poder governante. Teve o auge do seu funcionamento durante a Ditadura Militar (1964-1985) garantindo a censura.



Alguns membros do Colégio Brasileiro de Poetas, 1980 - Acervo Museu Barão de Mauá

Do Colégio Brasileiro de Poetas à Taba de Corumbê

Aristides Theodoro e Moysés Amaro Dalva eram amigos e frequentavam, no início dos anos sessenta, o Grêmio Monteiro Lobato, um espaço conhecido de lazer, cultura e encontros da cidade de Mauá. Começaram a se encontrar então no Bar do Yugo, próximo ao Grêmio, para discutir livros lidos e também as criações literárias que ousavam escrever. Entre conversas na mesa de bar conheceram Mané Galileu (apelido que deu a Manuel Ribeiro Soares) e os irmãos Castelo e Dirceu Hanssen e assim, idealizado por Moysés Amaro Dalva, teve início um movimento literário pioneiro, fecundo e dos mais populares que a região já teve: o Colégio Brasileiro de Poetas, cujas principais inspirações eram o grupo Geração Perdida e a Belle Époque carioca.

Aristides e Moysés passaram a agregar desde cidadãos comuns a poetas, jornalistas, intelectuais, escritores, editores etc. de diferentes formações e filiações políticas e sociais para fazer discussões, crítica e poesia, driblando a censura sempre vigilante do DOPS. O grupo foi crescendo e seus encontros foram transferidos para a concha acústica (hoje inexistente) da Praça 22 de Novembro, onde chegou a reunir mais de sessenta integrantes.

Embora oficializado apenas em 1977, o Colégio Brasileiro de Poetas já acontecia desde 1964, muito colaborando com a efervescência cultural de Mauá. No início dos anos setenta seus membros participaram muitas vezes dos EPOM (Encontros de Poesia de Mauá) promovidos pela Prefeitura, arrebanhando novos membros. Na mesma época publicaram uma coletânea chamada 10 Poetas em Busca de um Leitor e criaram as Edições Mariposa, que até hoje funcionam com o objetivo de promover a literatura na cidade, abrindo espaço para novos talentos e valorizando os já consagrados. Assim Aristides Theodoro, Mané Galileu, Castelo e Dirceu Hanssen, que já escreviam esporadicamente para o jornal Tribuna Popular e no Jornal da Região do Grande ABC, além dos próprios livros, lançaram nomes até então inéditos como Moacir Alves da Silva, Iracema M. Régis, Antenor Ferreira Lima, Samuel Fernandes de Aguiar, Marco Salles e Derci Miranda Gomes.

Segundo Aristides, Moysés Amaro Dalva foi o gênio criador do grupo, poeta trovejante com ímpeto de consertador do mundo em um momento de liberdades cerceadas no país. Castelo Hanssen, jornalista e ativista que foi preso durante a Ditadura e perdeu um irmão capturado e desaparecido, é o poeta da ternura, pacifista de poesia realista, crítica, cheia de ideias políticas e sociais igualitárias, e, ao mesmo tempo, cativante e esperançosa cuja melhor expressão está no livro Canção pro Sol Voltar. Iracema M. Régis é a papa-prêmios do grupo, primorosa declamadora de versos cheios de ironia e protesto, também jornalista, contista, pintora e ensaísta. No início dos anos oitenta ainda se uniram ao grupo talentos como Edson Bueno de Camargo e Chico Tânio (editor das Edições Mariposa).

Promovendo oficinas de poesia, recitais, encontros, estudos e outros eventos em escolas, auditórios, bibliotecas abertos a qualquer pessoa, o Colégio se tornou um movimento de importância singular que tirou alguns talentos do ineditismo, colocando Mauá no mapa da literatura nacional através de publicações, intercâmbios e encontros. Encerrado no início dos anos oitenta, gerou seguidores como o grupo Letraviva em Guarulhos, fundado por Castelo Hanssen que lá foi morar e o Colégio Brasileiro de Poetas II em Campo Grande, no Mato Grosso do Sul, dirigido pelo poeta Samuel Fernandes de Aguiar.

Nos anos noventa, após certo hiato na literatura em Mauá, escritores se mobilizaram a fim de proporcionar novos espaços para as letras na cidade. Os primeiros resultados se deram na Oficina Aberta da Palavra, promovida pela prefeitura reunindo autores importantes do município, professores e remanescentes do Colégio Brasileiro de Poetas e dos Trovadores de Mauá. As Oficinas aconteciam em bibliotecas, praças, escolas, no teatro municipal e outros locais, sempre abertas a qualquer membro da comunidade. O objetivo era fazer um inventário poético da cidade reunindo trabalhos que apresentassem Mauá como tema.

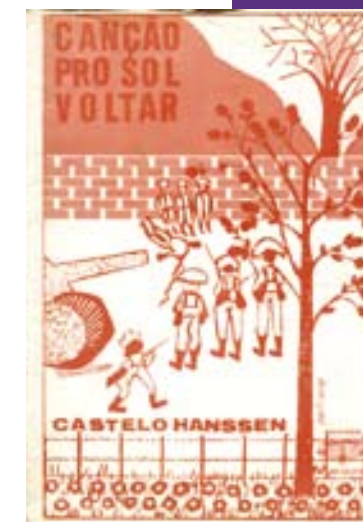
(...)
O fio d'água
Nos últimos estertores
Pede socorro.
É hora de união
É hora de mãos dadas
De tirarmos o Tamandateí
Do leito de coma
Da ante-sala da morte

*Trecho de Imagem de um rio
Aristides Theodoro*



(...)
Mas eu ainda canto, os olhos
[vendados,
Os braços atados, já quase
[sem voz.
Quem sabe o meu canto, o
[canto do povo,
Consigam que a lua ainda
[acorde de novo?

*Trecho de Canção pro Sol Voltar
Castelo Hanssen*



Porcelanas

o pires sustenta a xícara
se movido
moverá o universo
se universo se perderá no branco

uma formiga peregrina na parede
em um passeio marcial
carregando o infinito em suas patas

Edson Bueno de Camargo

FANZINE: Palavra que surgiu da fusão do termo em inglês fanatic magazine (revista editada por fãs). No Brasil se refere de forma genérica a qualquer publicação independente

NHEENGATU: Forma de língua-geral criada pelos jesuítas na época da colonização que mistura vocabulário tupi à gramática portuguesa. Foi falada em grande parte do território brasileiro servindo para o contato entre portugueses e nativos.

HAIKAI: Forma poética de origem japonesa, que em língua portuguesa são feitos em três linhas com cinco, sete e cinco sílabas respectivamente (dezesseite no total) cujo conteúdo é conciso e objetivo. Foi introduzido no Brasil por volta da década de 1920.



Ilustração de Neli Maria Vieira inspiradas em Curiapéba



Ao longo das atividades, em 2002, um grupo de escritores lança uma publicação “aperiódica” com poesias em forma de **fanzine** chamada Taba de Corumbê. Taba faz menção tanto ao vocativo pejorativo designando os mauaenses como no sentido de reunião como numa aldeia, e Corumbê remete ao córrego que atravessa o Jardim Zaíra, bairro mais populoso de Mauá, de cujas margens era retirada argila para a produção das primeiras cerâmicas da cidade. A palavra deriva de Karumbê, tartaruga em **nheengatu**, na cultura guarani é tido como animal sábio, depositário do conhecimento.

Findada a Oficina Aberta da Palavra em 2005, Aristides Theodoro, Iracema M. Régis, Edson Bueno de Camargo, Cecília Camargo, Macário Ohana Vangelis, Deise Assumpção, Lidiane Santana, Hidélbrando Pafundi e outros literatos mantiveram sob o nome da Taba de Corumbê publicações, oficinas, recitais, aulas e encontros, herdando, de certa forma, o papel que o Colégio por muito tempo desempenhou na cidade. Continuaram apoiando a produção de fanzines e jornais da Taba e as publicações das Edições Mariposa. Além disso, se espalharam por escolas e faculdades da região fazendo conferências e palestras e também realizando oficinas de poesia e haikai na Biblioteca Municipal mensalmente e nas escolas quando convidados.

Enquanto isso Iracema M. Régis e Aristides Theodoro, remanescentes do Colégio Brasileiro de poetas, permanecem autores protagonistas de Mauá. Iracema, além de publicar seus contos e poesia, escreveu uma biografia de Aristides que, por conseguinte, é uma história da literatura na cidade. Aristides, por intermédio de sua colega Teresinha Pereira, professora na Universidade do Colorado nos EUA, já teve seus versos traduzidos para mais de três línguas e publicados em antologias no exterior. Também contista, criou a cidade imaginária chamada Curiapéba, uma terra de jagunços, rude e violenta, como no sertão nordestino, mas vivida no ABC. Aristides criou Curiapéba em sua Toca Filosófica (sua casa, onde escreve) e a ofereceu a alguns escritores que tiveram ousadia suficiente para escrever contos que acontecem em suas terras. Curiapéba criou vida e já rendeu livros com vários autores.

Samba para São Benedito

Em São Paulo, na década de 1950, Dona Sebastiana, mantendo viva a tradição de seus antepassados, começou a ensinar o Samba Lenço para seus filhos e sobrinhos. Com João da Rocha e Isaura, começou a improvisar instrumentos com latas e ensinar a criançada. Seu Benedito desenhou e João da Rocha mandou fazer os instrumentos de percussão nomeados Sete Léguas, Manhoso e Campanha, usados pelo grupo até hoje. Formaram assim o grupo folclórico de samba de bumbo e jongs que os escravos negros tocavam nas senzalas, em devoção a São Benedito. Em 1959, boa parte da família se mudou para Mauá, onde Ana Rosa, filha de João da Rocha, Dona Cida e Maria Eloy, filha e sobrinha de Dona Sebastiana deram continuidade à tradição de suas famílias.

O Samba Lenço é uma variação que se aproxima do samba de roda, se diferenciando no vestuário e na coreografia, que sempre envolve um lenço. A apresentação sempre se inicia com uma saudação a São Benedito seguida de um apito que abre a evolução do samba, que é livre para participação do público. Os instrumentos tocados são uma zabumba, um bumbo, uma caixa de guerra, um contrasurdo, pandeiros e chocalhos. As roupas, à moda antiga, são sempre nas cores vermelha e branca. As mulheres usam saias longas e rodadas, camisas de manga curta, turbante e lenço, e os homens calças fofas, camisas de manga longa e chapéu. A dança é marcada, acompanhada de versos curtos de fácil memorização, compostos pelos mais velhos do grupo e mantidos pelas novas gerações.

Com mais de sessenta anos de existência, passando de geração em geração, o grupo Samba Lenço permanece ativo, com mais de quarenta pessoas em geral ligadas por alguma relação de parentesco entre as famílias Rocha, Pereira e Silva. São reconhecidos pelo CONDEPHAAT-MA como **patrimônio imaterial** da cidade. Já participaram de diversos festivais, foram temas de teses e pesquisas, gravaram a faixa Quando Fizé seu Embruido do álbum Batuques do Sudeste produzido pelo Itaú Cultural, participaram da inauguração da Casa do Samba de Santo Amaro, um centro de referências do Samba de Roda na Bahia, e lançaram um DVD com um documentário chamado A Memória Está no Corpo, com pesquisa feita por Paula Quintino.



PATRIMONIO IMATERIAL: Em geral são práticas, conhecimentos, expressões, costumes etc. caracterizadores da identidade, da cultura e da tradição de determinadas comunidades.





Bandas e Danças

Mauá conta com manifestações musicais de variados gêneros e cultura, que de longa data são executadas com precisão e esmero por alguns grupos musicais de larga experiência e boa expressão. O repertório da Cidade da Porcelana vai desde a música erudita e marchas militares para desfiles cívicos, passando por músicas sertanejas de raiz, até formas raras de samba acompanhadas por suas culturas de origem.

Por volta de 1928, um grupo de moradores de Mauá, à época ainda distrito de São Bernardo, se reuniu para fazer música para entretenimento. Entre eles havia imigrantes espanhóis, austríacos, alemães e italianos, entre outros, e membros de famílias antigas da cidade. Em 1934 oficializaram a Corporação Musical Lyra de Mauá, conhecida amplamente como Banda Lyra de Mauá. Os ensaios começaram na residência de Amador Alves de Oliveira. A Associação Atlética Industrial foi a primeira sede da Banda e sempre apoiou suas atividades. No entanto, nem sempre o clube pôde oferecer seu espaço. Na década de 1960, Alois Binder chegou a abrir o espaço de sua carpintaria, na Praça 22 de Novembro, para os ensaios. Grandes esforços resultaram na construção da atual sede em um terreno doado por Manoel Pedro Junior à Rua Princesa Isabel, em 1974.

A Lyra em sua segunda geração foi mantida pelos filhos dos fundadores, como Carlos Binder, maestro coordenador da Banda durante vários anos e protagonista de seu reconhecimento nacional e internacional e da versatilidade de seu repertório. Carlos Binder junto com Américo Del Corto (ver pág. 58) compôs o hino da cidade da Mauá, executado pela Banda Lyra no 1º Festival Internacional do Cone Sul, no Chile, em 1995. Nos anos setenta, com a proposta de se compor uma banda mirim, o grupo vai aos poucos se voltando para a inclusão social de crianças e jovens em condições de vulnerabilidade e para o encaminhamento profissional dos alunos.

Alcançando seu jubileu de prata como uma das melhores e mais antigas **bandas marciais** do país, a corporação já deu formação para músicos profissionais como o atual maestro Marim Meira, membro da Orquestra Sinfônica do Teatro Municipal de São Paulo, e Flávio Gabriel, que se tornou trompetista da OSESP. Seu repertório mostra afinidade com compositores e arranjadores contemporâneos como na execução de Gandalf (The Wizard) de Johan de Meij, baseado no livro O Senhor dos Anéis do escritor inglês J.R.R. Tolkien, e do tema do filme O Rei Leão, composto por Elton John, sem ignorar peças mais clássicas como O Guarani de Carlos Gomes e La Forza Del Destino do italiano Giuseppe Verdi.

Em 2007, Ana Maria de Freitas, aluna formada cuja vida foi transformada pela Banda, assume a presidência da Corporação junto com uma diretoria de integrantes formados pela Corporação. Em sua gestão, Ana deu força à Linha de Frente e à Baliza, corpo coreográfico sincronizado com a execução musical composto por mais de trinta garotas, aumentando ainda mais a excelência das apresentações, faturando assim mais prêmios. Em 2008 a Corporação Lyra de Mauá conquistou o 12º Título de Campeã Nacional e o significativo número de mais de trezentos alunos em formação musical, participando de atividades sócio-educativas e experimentando novas perspectivas através da música.

BANDA MARCIAL: Grupo musical geralmente composto por instrumentos de sopro (metais) e percussão que inclui movimentos corporais e marcha durante a execução da música.

Passos e Violas

A música de Mauá é tão variada quanto as origens de sua população de migrantes. Um exemplo é o grupo Catira Az de Ouro, mantido vivo pela família Cesário de geração em geração desde a década de 1920. Delfino Cesário, lavrador, mineiro da cidade de Lavras, inventava catiras para os filhos dançarem. Depois de se mudar com a família para Tupã, interior de São Paulo, seu filho Jaci Cesário fundou o grupo Catireiros Mirins de Tupã com os mais novos membros da família. A primeira apresentação foi no 1º Rodeio do Chapéu Branco na mesma cidade, quando reuniram vários catireiros.

Falecido Delfino, nos anos cinquenta, seus filhos Jaci e Avelino tomaram a dianteira com os toques ligeiros de suas violas e mantiveram a tradição. Começaram a tocar em inúmeras cidades e festivais do interior de São Paulo, Minas Gerais, Paraná etc. Em 1974, vieram para Mauá em busca de melhores condições de vida e trabalho. Através do amigo radialista Raul Garcia, conseguiram se inscrever na Secretaria de Cultura do Estado de São Paulo já com o nome Catira Az de Ouro. Desde então passaram a compor músicas, se apresentar em um bocado de eventos tradicionais da região como a Festa do Pilar, em Ribeirão Pires, estabelecendo parcerias com nomes importantes da música caipira de raiz como Almir Sater e Inezita Barroso, participando de trilhas sonoras e faturando prêmios.

Jaci, como o pai, foi lavrador. Plantava café, amendoim e algodão e, vindo pra Mauá, trabalhou durante muitos anos como pedreiro. Ele conta com orgulho que até seus bisnetos já arriscam os primeiros passos de catira. Com o Az de ouro há várias realizações de que se orgulha, como a participação na trilha sonora de As Tranças de Maria, filme sobre Cora Coralina protagonizado por Patrícia França, e a participação no projeto Ritmos do Brasil, com apoio da Secretaria de Educação de Mauá, no qual seus netos Gabriel, Rodrigo e Rafael ensinam passos de catira para professores da rede municipal de ensino. Não por acaso o Catira Az de Ouro é, como o Samba Lenço, patrimônio imaterial de Mauá.

Catira é uma manifestação folclórica tipicamente paulista que nasceu da cultura caipira, fruto da convivência de colonizadores europeus e índios, cujo tema gira em torno principalmente do cultivo da terra e da criação de gado. A catira foi se transformando ao longo do tempo e hoje é conduzida por violeiros e berranteiros e dançada por homens e mulheres vestidos com botas, chapéus, lenço e guaiaca (espécie de bolsa de couro amarrada na cintura) em um sapateado retumbante e ritmado. Jaci conta que a prática da catira é muito comum nos repousos de peões boiadeiros em comitivas.



Também com o objetivo de manter viva a cultura sertaneja de raiz de várias regiões do país em uma terra de migrantes, surge em 1985, a partir de encontros musicais de alguns amigos, a Orquestra dos Violeiros de Mauá. Oficializada em 1990, a Orquestra começou no salão da paróquia Nossa Senhora Das Vitórias, oferecido pelo Padre Fabio de Oliveira. Lá se reuniram os primeiros violeiros: Enéas, tio Pedro, Carlinhos, Sérgio, José Santana, Manuel de Paula, Rubão, Paixão, Bahia do Pandeiro, João Aletto e Sandrinha.

Entre as primeiras canções entoadas estavam Cavalo Preto, Chico Mineiro, Saudade da Minha Terra e uma seleção de **guarânias** como Lá no Pé da Serra e Chalana. Vários músicos se agregaram e, após quatro meses, a Orquestra já contava com cinquenta integrantes. Tocaram pela primeira vez em público em uma missa na Vila Vitória, e logo vários convites foram surgindo, para tocarem em festas populares, teatros, asilos, hospitais, igrejas, praças públicas e programas de TV e rádio na região, no interior do estado de São Paulo, Minas Gerais e outros lugares do país. Após um ano já somavam mais de cem músicos entre violeiros, sanfoneiros, violonistas, berranteiros, contrabaixistas e percussionistas etc. sob regência do músico e idealizador da Orquestra, João Aletto Filho.

Os Violeiros têm vários álbuns gravados e um rico histórico de encontros, como a participação no programa de TV Terra Nativa entoando Moreninha Linda com Tinoco e um concerto com a Orquestra Sinfônica de Santo André no Parque Central da cidade, em 2007.



GUARÂNIAS: Estilo musical paraguaio de ritmo lento. Foi introduzido no Brasil por imigrantes paraguaios que vieram trabalhar no Mato Grosso do Sul rapidamente se misturando à música folclórica local e que, posteriormente muito influenciou na música sertaneja brasileira.



Orquestra de violeiros de Mauá

Do Teco à TÉUGA

As informações que se tem sobre a prática do teatro em Mauá remetem pelo menos à década de 1920, protagonizada por dramaturgos e grupos independentes quase sempre de alguma forma ligados a agremiações de operários. A história do teatro mauaense é assim, desde o início, de teor popular e, de certa forma, descentralizado.

Em 1970, alguns estudantes do Grupo Escolar Visconde de Mauá, o atual E.E. Therezinha Sartori (mais conhecido como Viscondão), convidaram o Professor Luiz Roberto Alves, então professor de língua portuguesa, para orientar a formação do Teatro da Comunidade, o TECO. O objetivo proposto pelo professor era promover o espírito cívico e de cidadania entre os jovens, levando uma experiência libertária a “filhos de operários em uma cidade periférica”.

As influências de grupos como o Teatro de Arena, Teatro União, Olho Vivo e da Escola de Arte Dramática de São Paulo eram bastante evidentes também em Mauá, mesmo porque a localização da região nas vizinhanças da capital favorecia o intercâmbio de artistas como foi o caso do GTC de Santo André (ver pág. 107). O TECO era mobilizador, engajado e de crítica social em pleno vigor do AI-5. Suas atividades, como as de vários outros grupos artísticos contemporâneos, incluindo seus colegas do Colégio Brasileiro de Poetas, eram constantemente vigiadas pelo DOPS.

O TECO foi um grupo amador, popular, voltado para o engajamento social. Os alunos debatiam o conteúdo das montagens, textos literários, problemas sociais, visões de mundo e até opções sexuais. Com fortes influências de Augusto Boal e Gianfrancesco Guarnieri, além de serem incentivados a escrever suas próprias peças, traziam ao público adaptações de obras de Graciliano Ramos, José Lins do Rego e outras de cunho popular, em geral de tons regionalistas envolvendo cultura nordestina, migração e denúncia de desigualdades sociais, temas muito caros a muitos mauaenses.

Chegaram a ter quarenta participantes, jovens entre treze e dezesseis anos de idade que atraíam público de mesma faixa etária. As apresentações aconteciam nas salas do Viscondão, na sede do Clube Independente, no Serviço de Orientação à Família e em bairros de periferia como o Parque das Américas e a Vila Magini. Eventualmente chegavam a São Bernardo e São Paulo. Em Mauá chegaram a desenvolver eventos culturais e concursos de poesia com o Colégio Brasileiro de Poetas. Apesar do sucesso alcançado, pouco tempo após a saída do Professor Luiz Roberto o TECO encerra suas atividades em 1974, marcando fortemente a história do teatro na cidade.

AI-5: Os atos institucionais eram decretos feitos durante o governo militar (1964-1985), sobretudo até a metade da década de setenta, com o objetivo de combater opositores ao regime militar. O Ato Institucional Número 5, decretado em 1968, incluía a proibição de qualquer manifestação política contrária ao governo e dava ao presidente da República poderes suficientes para suspender várias garantias constitucionais dos cidadãos. O AI-5 caracterizou a linha dura do governo militar.



Dez anos depois nasce a Companhia Teatral TÉUGA, tendo à frente Gilberto Lima, na época com apenas dezesseis anos de idade. Gil, desde o início, apostou no potencial transformador da arte, reunindo uma gama variada de profissionais, principalmente educadores, e tinha como objetivo tornar a vivência do teatro acessível para um maior número de pessoas, principalmente de regiões de periferia, reservando cotas de ingressos para escolas públicas e organizações e também levando o espetáculo para os bairros marginalizados da cidade. Não satisfeito, começou a criar oficinas de teatro inspiradas na atuação verossímil, natural e intuitiva da metodologia de Stanislavski, no teatro do oprimido de Augusto Boal e na ideia de educar para transformar de Paulo Freire.

As montagens da TÉUGA, na maioria das vezes voltadas ao público infantil, vão desde adaptações de obras de William Shakespeare a Adriano Suassuna, passando pelos Irmãos Grimm e Monteiro Lobato. A peça Brincando com o Lobo Mau, de autoria do próprio Gil, por exemplo, esteve em cartaz por mais de quinze anos, chegando a reunir público de trinta mil pessoas (incluindo as cotas) no Teatro Vinícius de Moraes em Mauá.

Em 1997 a TÉUGA formou com outras companhias de teatro a FETEMA, Federação de Teatro de Mauá. Esta companhia se transformou em ONG voltada para inclusão social através da arte-educação, iniciando o projeto TÉUGA do Amanhã em parceria com a Chácara das Flores, no Jardim Itaussú, uma organização social beneficente que promove assistência social, educação complementar e apoio ao desenvolvimento sustentável de comunidades vulneráveis em Mauá. Gil continua acreditando que “Teatro É Um Gesto de Amor” e um potencial transformador para seus alunos que, através de jogos dramáticos, vão aos poucos percebendo seu próprio papel de verdadeiros atores sociais.



COMÉDIA DELL'ARTE:
Teatro popular, feito nas
ruas e praças, próximo
ao povo, marcado por
muito improviso, humor
e mímicas, nascido no
século XV na Itália, em
oposição à comédia
erudita.



Outra iniciativa digna de menção no cenário mauaense é a Companhia Teatral Quartum Crescente, entidade cultural e social que atua no Jardim Oratório, um dos bairros mais antigos (e marginalizados) de Mauá, próximo ao centro da cidade. As atividades e aulas oferecidas pela trupe gratuitamente para a comunidade envolvem artes cênicas, canto, música, cinema, atividades lúdicas, arte circense, dança flamenca, artes plásticas e até capacitação de jovens para o primeiro emprego.

A Quartum Crescente começou em 1985 por iniciativa de Ronaldo Moraes, profissional com boa bagagem de experiência em filmes, programas de TV e teatro profissional, formado pelo Instituto Emílio Fontana e pela Fundação das Artes de São Caetano. Ronaldo idealizou a companhia com traços de teatro popular, amador, de pesquisa, *comédia dell'arte*. A Companhia fez grandes sucessos, como a montagem O Disfarce, de 1993, baseada em Santa Porca de Adriano Suassuna, viajando do nordeste ao sul do país, e o espetáculo O Asno em 1999, que recebeu grandes premiações.

A Companhia Teatral Quartum Crescente, com os recursos obtidos em seus principais espetáculos, especialmente O Asno, estabeleceu sede no Jardim Oratório. Desde então proporciona melhorias na qualidade de vida da população através da arte-educação, promoção social da comunidade e resgata a cultura dos moradores (na maior parte nordestina) através de pesquisas com as quais planeja o lançamento de um comemorativo dos vinte e cinco anos de história da trupe. Ao mesmo tempo, assumiu papel de porta-voz da comunidade, encaminhando solicitações de melhorias urbanas para o bairro, como obras de saneamento básico e asfalto.



Mauá em Projeção

As primeiras imagens em movimento de Mauá foram feitas pelos irmãos alemães Hans e Wolfgang Gerber, que montaram o primeiro estúdio fotográfico da cidade, na Praça da Bíblia, quando nela chegaram por volta de 1950 com o pai Henrich Gerber. Os irmãos Gerber, com sua câmera e película de 35mm, fizeram uma montagem de mais de quarenta minutos com diversas cenas e lugares de Mauá como o curtume (do qual só restou a chaminé, onde foi construído o Mauá Plaza Shopping), o tanque da Paulista, a antiga estação ferroviária de Mauá com trens, porteira, passarela e sinaleiro, vistas panorâmicas com diversas fábricas, cenas da rua Barão de Mauá, desfiles cívicos e sessões solenes da Prefeitura incluindo a posse de Ennio Brancalion, primeiro prefeito de Mauá emancipada.

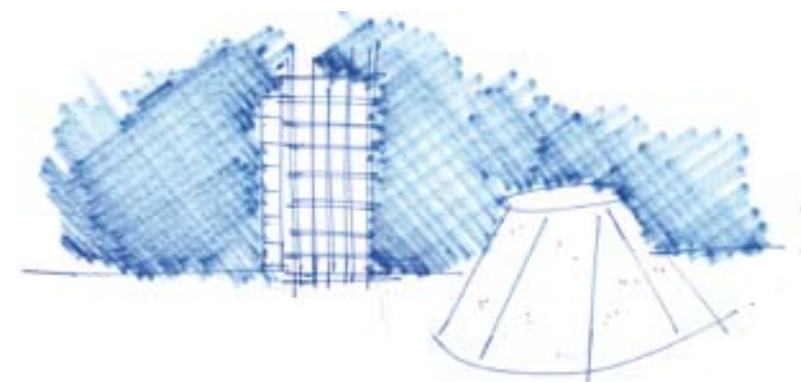
Henrich Gerber, distinto fotógrafo de Friedischafen, Alemanha, veio morar no Brasil com a família na década de 1930 com esposa e o filho Hans, deixando Wolfgang para trás com parentes. Alguns anos após a Segunda Guerra Mundial (1939-1945), a Cruz Vermelha tornou possível a reunião dos Gerber após reencontrar e trazer Wolfgang para o Brasil. Hans, quase sempre acompanhado do irmão, além de ser o primeiro fotógrafo foi também o primeiro comandante do Corpo de Bombeiros de Mauá, e foi um dos fundadores da Fanfarra Mocidade Dom Bosco de Mauá, da primeira escola de enfermagem da cidade.

Hans e Wolfgang, juntos, reuniram um acervo de importância inigualável para a cidade, em sua maior parte composto por fotos, vídeos, documentos e objetos antigos do Corpo de Bombeiros e da escola de enfermagem. O acervo, que também inclui fotografias de Henrich Gerber até de cenas da Primeira Guerra Mundial, foi herdado e é preservado por Sonia Gerber, filha de Hans, que guarda com respeito, amor e saudade as memórias de seu pai. Sonia conta que Hans e Wolfgang não realizaram o desejo de lançar um documentário sobre a história de Mauá com as filmagens e fotos por eles feitas. Hans ainda chegou a gravar a narração de seu filme Mauá em Marcha pouco antes de sua morte em 2002.

A sétima arte continuou viva em Mauá quando, formado no curso de cinema promovido pela prefeitura em 2004, Éderson de Oliveira Silva produziu um documentário sobre a história e a memória de Mauá. Seus filmes resgatam a história da cidade e alguns de seus principais grupos artísticos culturais como a Banda Lyra, o Samba Lenço e o Catira Az de Ouro, com boa qualidade de produção apoiada por Carlos Mecenê, ator, diretor e produtor de vasta obra, que foi professor nos cursos de cinema da prefeitura de Mauá.

CRUZ VERMELHA: Movimento
humanitário internacional com
milhões de voluntários criado com
o objetivo de proteger a vida e a
saúde e aliviar o sofrimento hu-
mano. Fundada ainda no século
XIX, desempenha papel central
principalmente no apoio a vítimas
de conflitos e guerras.

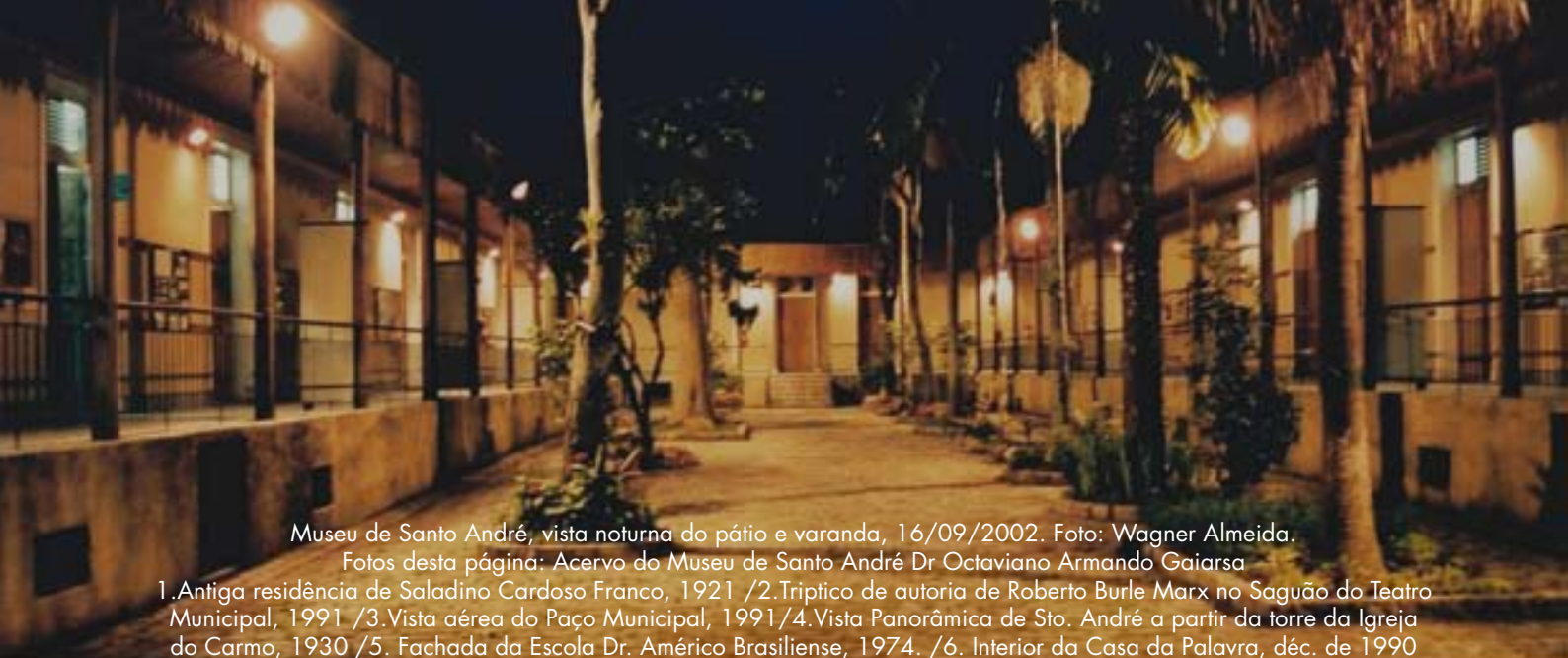




TRILHOS, FÁBRICAS, MIGRANTES



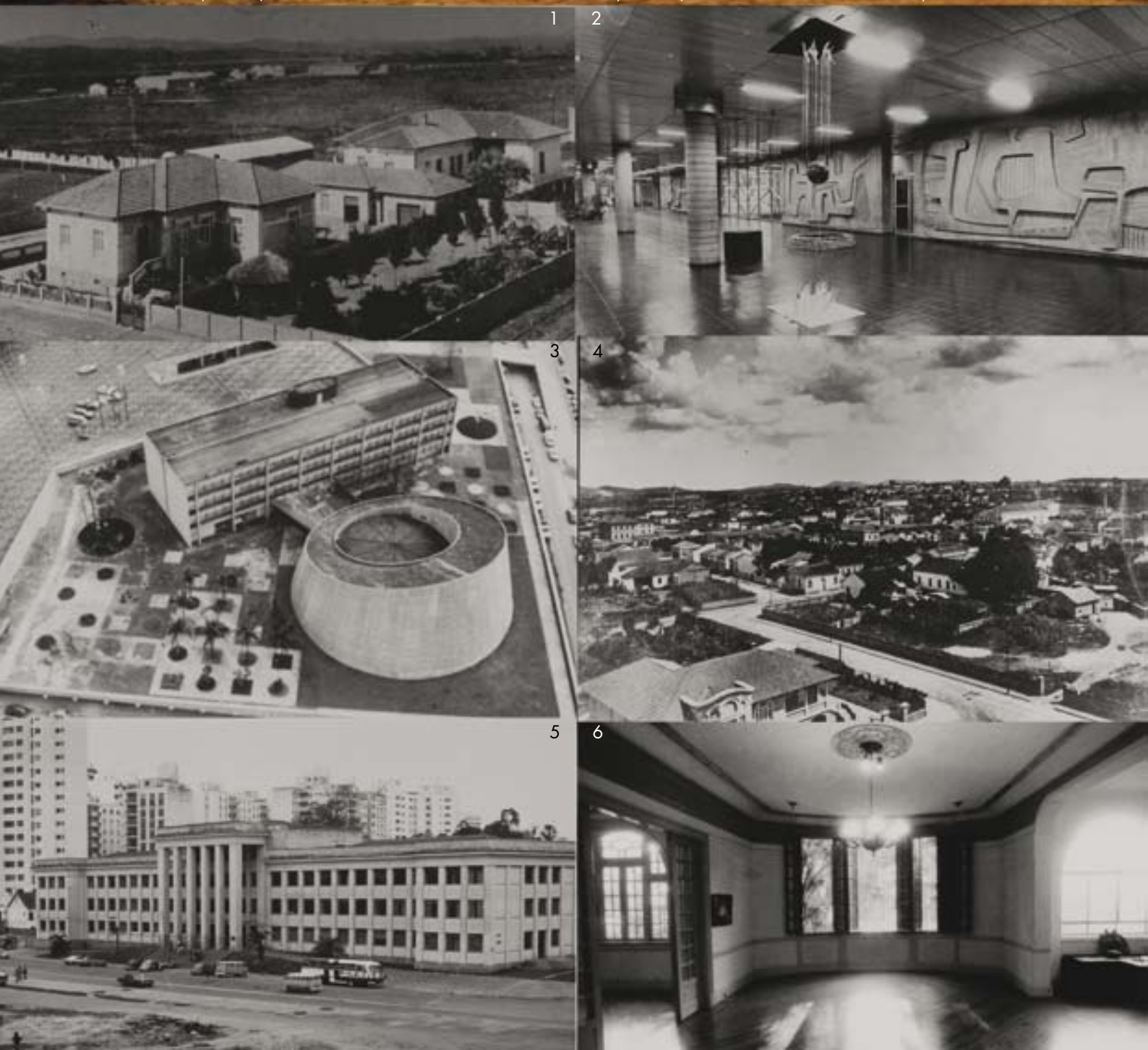
SANTO ANDRÉ



Museu de Santo André, vista noturna do pátio e varanda, 16/09/2002. Foto: Wagner Almeida.

Fotos desta página: Acervo do Museu de Santo André Dr Octaviano Armando Gaiarsa

1. Antiga residência de Saladino Cardoso Franco, 1921 / 2. Tríptico de autoria de Roberto Burle Marx no Saguão do Teatro Municipal, 1991 / 3. Vista aérea do Paço Municipal, 1991 / 4. Vista Panorâmica de Sto. André a partir da torre da Igreja do Carmo, 1930 / 5. Fachada da Escola Dr. Américo Brasiliense, 1974. / 6. Interior da Casa da Palavra, déc. de 1990



Um Museu para recordar

Os esforços pela promoção da cultura e da memória em Santo André remontam aos tempos do surgimento das sociedades culturais da cidade que, na década de cinquenta obtiveram conquistas tão importantes como a formação da Biblioteca Municipal e do Teatro Municipal públicos, junto ao Paço Municipal, abrindo espaços para a valorização e promoção de artistas da cidade e da cultura local. O projeto de lei que cria A Biblioteca Municipal, por exemplo, já incluía a formação de um museu de artes e objetos. Nair Lacerda, anos depois, na Secretaria de Cultura, chegou a recolher documentos do poder público para formar um arquivo histórico hoje salvaguardado pelo Museu de Santo André.

Octaviano Gaiarsa foi outro personagem preocupado com a preservação da memória andreense. Na década de cinquenta foi membro ativo da Sociedade Filatélica e sócio-fundador do Câmera Clube de Santo André, além de muito colaborar com a Sociedade Amigos do Livro e a Sociedade de Belas Artes. Em 1968, a partir de entrevistas, de dados recolhidos em publicações legais e na imprensa e de suas próprias memórias, escreveu e publicou A Cidade Que Dormiu Três Séculos: Santo André da Borda do Campo, seus primórdios e sua evolução histórica, que por muitos anos foi a principal referência bibliográfica para o estudo da região.

Em 1976 a prefeitura lança uma campanha chamada Nosso Passado Pode Estar com Você, recolhendo junto à população documentos, fotografias, objetos etc. a respeito da história de Santo André. A iniciativa esmaeceu e o material recolhido foi mantido nas dependências da Secretaria de Educação, Cultura e Esporte no Paço Municipal. A prefeitura retoma o projeto formando uma Comissão Organizadora que incluiu a sociedade civil, a fim de elaborar o projeto de lei que cria o Museu em 1982. Assim, enquanto funcionários públicos estruturavam o serviço do museu, setores organizados da sociedade civil eventualmente ofereciam seu apoio, como é o caso do GIPEM, que contava com figuras engajadas na preservação do patrimônio cultural da região como Philadelpho Braz, Ademir Médici, Valdenizio Petrolí, José Duda, Anna Gedankien, Paschoalino Assumpção, Wilson Stanziani, Silvia Passareli e professores de vários níveis, inclusive universitário como Celso Daniel.

Após a formação de um corpo profissional, em 1990, órgão responsável pela organização do I Congresso de História do Grande ABC, o Museu de Santo André se instala no prédio do antigo Grupo Escolar. Logo foi definida uma política museológica e, somado ao material recolhido pela prefeitura desde a década de 1970, a instituição inicia novo serviço de captação de doações. Um dos primeiros doadores foi Octaviano Gaiarsa, que deu seu nome ao museu em homenagem após sua morte. Além das doações de Gaiarsa, o Museu reúne acervo doado por mais de quinhentos cidadãos. Este rico material somado à aquisição de livros tornou O Museu de Santo André uma importante referência e um centro de encontros entre pesquisadores, professores, estudantes e interessados em geral.



Fachada do prédio do Museu de Santo André, 2004 Foto: Suzana C. Klee. Ac. Museu de Santo André Dr. Octaviano A. Gaiarsa



Vista parcial do Museu de Sto André, 1998. Col. PMSA. Foto: Denise B. Abrahão. Ac. Museu de Santo André.

ARTE ABSTRATA: Termo que designa uma das tendências artísticas do início do século XX que marcou a arte moderna. Tem como característica não representar nenhum elemento da realidade. A expressão da arte abstrata se dá através de formas, cores, formas geométricas, texturas etc.

POP-ART: Movimento artístico que surgiu e ganhou força em resposta ao forte apelo visual que a publicidade voltada para o consumo massificado gerou nas décadas seguintes à Segunda Guerra Mundial, especialmente nos Estados Unidos. Os elementos usados na Pop-Art tomavam a linguagem do desenho industrial e das artes gráficas voltadas ao mundo do consumo, desconstruindo e desmistificando o idealizado mundo do consumo, tomando desde rótulos de produtos enlatados à uma série de imagens da atriz Marilyn Monroe, do cantor Elvis Presley e outras personalidades e imagens famosas circulantes na mídia em novas montagens (ou desmontagens) críticas.

ANDY WARHOL: Um dos principais expoentes da Pop-Art, foi diretor de cinema criando uma nova linguagem cinematográfica alternativa ao grande mercado hollywoodiano, muito influenciou a banda de rock alternativo Velvet Underground de Nova York, concebendo a produção visual de seus discos e shows, e tinha um escritório de negócios artísticos chamado Factory. Warhol colocou em discussão a arte comercial como integrante do círculo das belas artes eruditas.

ARTE CONCRETA: Movimento artístico que se desenvolveu na música, na poesia e especialmente nas artes plásticas. Surgiu como certa rejeição ao Expressionismo, usando como tema nada mais além da própria arte rompendo limites entre forma e conteúdo, propondo uma nova linguagem. A arte concreta muito influenciou o desenho industrial e as artes gráficas. Um de seus pioneiros e maiores expoentes foi o artista plástico andreense Luís Sacilotto.

Figurações, Abstrações, Expressionismos e Concreções

Na década de 1950 Santo André foi palco para a formação de diversas sociedades ligadas a diversos tipos de arte. Todas tinham um único interesse comum: tornar a cidade um lugar melhor para se viver por meio da difusão da arte e da cultura. Foi, por exemplo, por causa da articulação dessas associações que incluiu-se no projeto do Paço Municipal a construção do Teatro, da Sala de Exposições e da Biblioteca.

Uma dessas associações, a Sociedade Amigos do Livro, patrocinou em 1947 o primeiro Salão de Belas Artes de Santo André, apresentando obras de diversos autores, entre eles Luís Sacilotto e Paulo Chaves. No ano seguinte, aparecem pela primeira vez na cidade as obras de Guido Poianas, no segundo Salão.

Essas iniciativas levaram à origem da Sociedade de Belas Artes, em 1951, que se engajou também nos preparativos para as comemorações do quarto centenário andreense. Juntos, Sacilotto, Chaves e Poianas participaram da formação da Escola de Belas Artes em 1957 para incentivar e desenvolver a arte andreense inserindo-a no circuito paulistano. De fato, todas essas atividades aproximaram a produção artística andreense de novas formas de produção cultural, estética e artística que surgiram em decorrência do grande desenvolvimento vivenciado na década de 1950 em todo Brasil. Influências do **abstracionismo**, da **pop-art** de **Andy Warhol** e da **arte concreta** se fizeram sentir, enriquecendo as artes plásticas e visuais nas terras de João Ramalho.



Retrato aos 70 anos



Paisagem da Vila Assunção
Óleo sobre tela, 79x100cm, 1955
Acervo do Museu de Santo André



Guido Poianas nasceu em 1913 na Itália e veio morar no Brasil em 1924. Chega a Santo André trabalhando como pintor na construção civil em 1927. Estudante do Instituto Profissional Masculino no Brás, em São Paulo, já vende seus primeiros quadros, incluindo uma paisagem da Vila Bastos de Santo André. Os temas de suas pinturas eram, em geral, ruas, casas, prédios, cenas urbanas e denúncia de contrastes sociais. Inspirou-se muito no cenário andreense, sobretudo após a chegada de grandes massas migratórias que, em busca de trabalho, caíam na indigência, vivendo pela cidade em condições precárias.

Poianas logo ingressou no Movimento Operário Popular (MOP), apoiando a formação de sindicatos e as reivindicações da classe operária, assim convivendo com lideranças como Philadelpho Braz. Poianas era constantemente convidado a decorar o salão do Sindicato dos Metalúrgicos em diversos eventos, e fazer a cenografia para o Teatro da Sociedade de Cultura Artística de Santo André, a SCASA.

Mantendo sempre o figurativismo em sua obra distanciada das discussões de arte acadêmicas, sempre retratou o que chamou de paisagem social, figurando os contrastes sociais e as condições humanas vividas em uma cidade essencialmente industrial em um período de intensas transformações e chegada massiva de migrantes. Faleceu em 1983, deixando registrado em seus quadros paisagens andreenses, homens comuns e uma interrogação sobre o que significa o desenvolvimento industrial de Santo André para seus habitantes.



Acima: O Circo - Óleo sobre duratex, 61x110cm, 1960
Coleção: Lilia Zuccherelli

À esquerda: Teatro de Alumínio - Óleo sobre tela, 58x73cm, 1965 - Coleção: José Armando Pereira da Silva



Ao lado: *Pintura* - acrílica sobre tela, 120x80cm, 1988
Abaixo: *Pintura* - acrílica sobre tela, 73x92cm, 1988



Paulo Chaves nasceu em 1921 na cidade de Iguape, litoral sul do estado de São Paulo, e cedo veio morar em Santo André, por volta de 1939, onde estudou, começou suas exposições e militou pelo Partido Socialista. Na década de 1950, volta da França, onde teve aulas no Museu do Louvre e com o artista André Lothe. Engajou-se então na formação da Sociedade de Belas Artes de Santo André e na Escola de Belas Artes, movido pelo desejo de extrapolar a arte nos moldes acadêmicos, encorajando artistas amadores locais e sua produção caracterizando melhor o perfil artístico da cidade. Assim teve contato com Guido Poianas e João Suzuki.

A arte abstrata ganhou espaço e significado em Santo André na obra de Paulo Chaves. Em seus quadros, temperados com informalidade, fazia colagens despojadas com diversos tipos de materiais e lhes dava nomes de músicas. Somado isso ao seu ativismo cultural, se tornou um dos artistas mais importantes de Santo André, que também representou e valorizou a arte brasileira no exterior em diversas ocasiões.

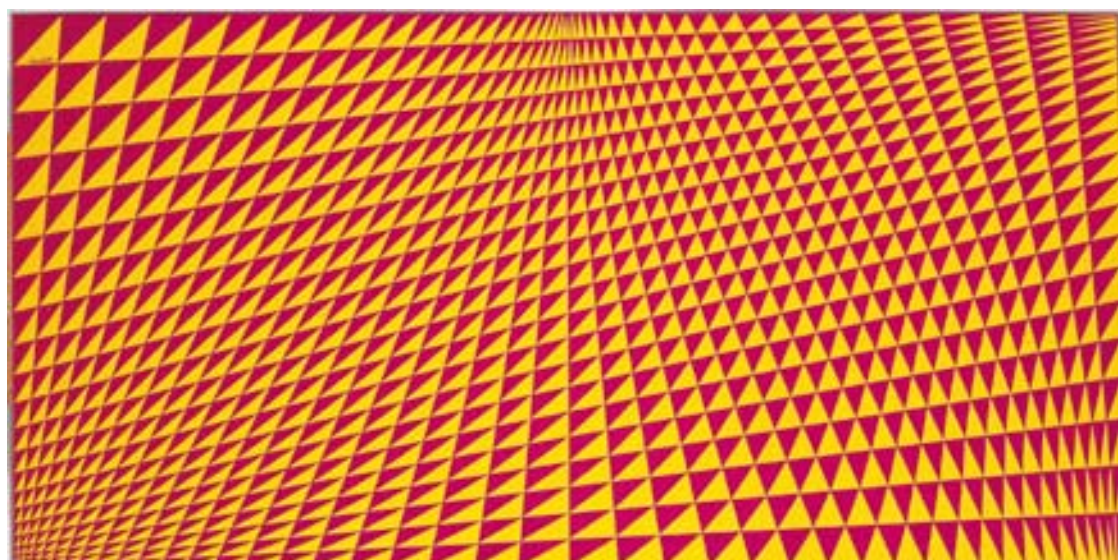


Abaixo: *Pintura* - óleo sobre duratex, 61x45cm, 1962

Luiz Sacilotto nasceu em Santo André no ano de 1924. Filho de uma família de comerciantes italianos, desde cedo apresentou uma tendência irrepreensível para as artes plásticas. Estudou no Instituto Profissional Masculino, que mais era uma escola de artes e ofícios, onde ingressou na disciplina Pintura e Decoração e teve contato com diversas técnicas e temáticas com que começou a criar. Formado, foi trabalhar na empresa Hollerith como desenhista de letras de alta precisão e desenhos rápidos para propagandas e, simultaneamente, já pintava quadros com forte tendência expressionista, traços fortes e valorização das cores, usando formas geométricas. Nessa época, com os amigos Marcelo Grassmann e Octávio Araújo, chamou a atenção de Sérgio Milliet, importante representante da arte moderna no Brasil.



Luís Sacilotto na praça IV Centenário ao lado de sua escultura *Concreção 0011*, em aço carbono pintado, com 8 metros de altura e 10 toneladas de peso - construída em 2000.



Concreção
7964, óleo
e têmpera
sobre tela
fixada em
madeira,
50x100cm,
1979

Em 1951, ao participar da primeira Bienal de Arte de São Paulo, Sacilotto faz história se tornando um dos sete fundadores do movimento artístico Ruptura, que em sua primeira exposição, em 1952, marcou o início oficial da chamada arte concreta no Brasil, um desdobramento da arte abstrata. A arte concreta surge como expressão objetiva, conceitual, com formas claras, sem quaisquer figuras ou referências, pura e precisa em suas formas, influenciando de diversas maneiras as artes gráficas e o desenho industrial, e ganhou força em um momento de grande desenvolvimento material e cultural do país. Para Waldemar Cordeiro, líder do Ruptura, Sacilotto é a viga mestra da arte concreta.

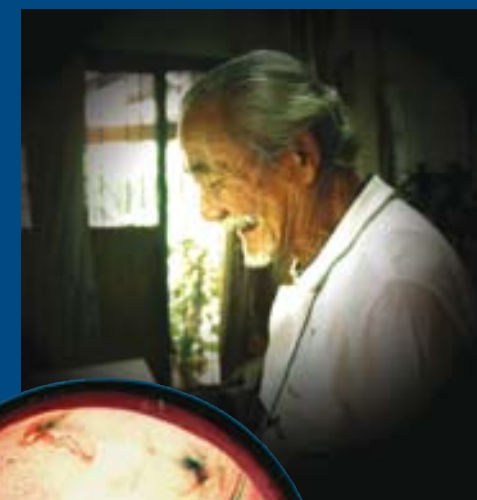
Sacilotto fabricava suas próprias cores a partir de terra, pedras, plantas etc produzindo os pigmentos até o ponto desejado para então misturar o óleo, fazendo a tinta. Chamava suas obras de concreções, seguidas do número do ano corrente e do número de ordem de produção. Ainda em 1952 começou a experimentar também esculturas com cortes e dobras de metais. Em 1964 fez um cenário para Gente Como a Gente, peça teatral de Adhemar Guerra no Teatro de Alumínio e, em protesto à Ditadura e ao Regime Militar, deixou de pintar até 1974. No final de sua vida ainda fez esculturas e pinturas em locais públicos da cidade como na Praça IV Centenário e na rua Oliveira Lima, cujo piso reproduz em pinturas algumas de suas obras. Fez grandes painéis ainda para o SESC Santo André e para a Escola Parque do Conhecimento. Faleceu em 2003 aos 77 anos, mas sua obra ainda está viva e exposta em galerias e museus. Um grande painel, por exemplo, foi implantado no saguão do Bloco B do novo campus da Universidade Federal do ABC, uma homenagem da universidade ao artista e à sua cidade.



Obras de Sacilotto expostas
na Sabina – Escola Parque do
Conhecimento de Santo André



Maternidade
Mista sobre papel,
25x18cm, 1962

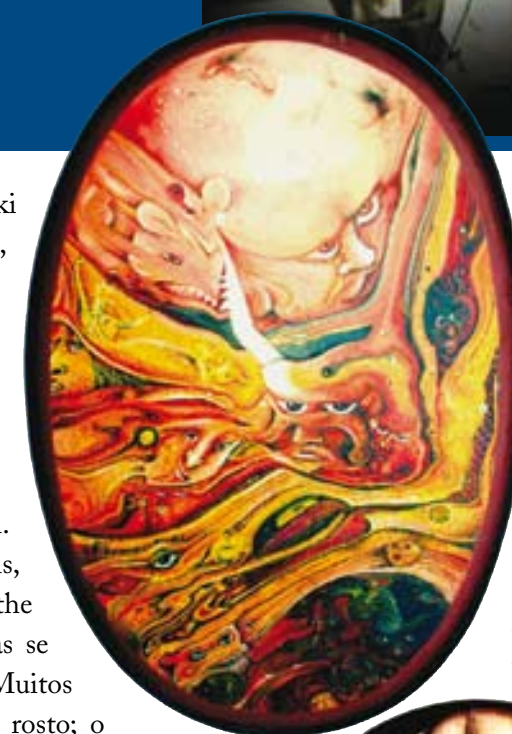


João Suzuki
nasceu em 1935,
na cidade de

Mirandópolis, interior paulista. Seus pais emigraram do Japão para o Brasil e a família se instalou em Santo André em 1951. Suzuki teve sua iniciação na Associação Paulista de Belas Artes e expôs seus quadros pela primeira vez nos salões da Associação de Artistas Plásticos da Colônia Japonesa Seibi-Kai. Sensibilizado para arte voltada a preocupações sociais, foi muito influenciado pelo expressionismo de Käthe Kollwitz e por Portinari, e aprimorou suas técnicas se aproximando de Tomie Othake e Manabu Mabe. Muitos de seus quadros apresentam figuras humanas sem rosto; o anonimato de figuras noturnas, indigentes, moradores de rua.

Em Santo André desenvolveu, ao longo da década de 1950, trabalhos que culminariam com a fundação da Escola de Belas Artes em parceria com Sacilotto e Paulo Chaves. Em 1968 ganhou um salão especial no centro de exposições do centro cívico da cidade. Chegou também a desenhar vestidos para a Seleção Rhodia Têxtil que competiram nas Feiras Nacionais da Indústria Têxtil. Ainda promoveu diversos eventos e exposições em Santo André, São Bernardo do Campo e São Caetano do Sul.

Seus trabalhos alcançaram algumas Bienais de São Paulo e várias capitais estrangeiras. Suzuki dizia que se manifestava politicamente pintando. De fato sua pintura expressionista trazia todo seu inconformismo com a realidade dolorosa que apresenta em cada quadro. A mesma que instigava Poianas. Em uma fase mais madura de sua obra, aproveitou madeiras e seus nós naturais, criando enquadramentos ovais e com relevo sugerindo uma eterna busca de harmonia em uma realidade agonizante.



Ovóide
Mista sobre
madeira,
20x14cm,
1981



pá ter/ ra/ mão
Óleo sobre ma-
deira, 36x21cm,
1995

Café Com Poesia

Um dos primeiros movimentos coletivos pela literatura em Santo André foi comandado pela Sociedade Amigos do Livro, fundada em 1942, cujo principal objetivo era a constituição de uma biblioteca municipal, o que de fato ocorreu mais de dez anos depois, quando esse movimento foi somado aos esforços políticos da cronista Nair Lacerda como Secretária de Educação, Cultura e Esportes. A Sociedade originou o Clube de Poesia, que promoveu muitos autores locais na década de cinquenta. Nos anos sessenta e setenta a realidade social e política vivida pela grande massa operária que se formou na cidade se faz sentir na literatura andreense. O conto e a prosa ganham importância com as obras de Antonio Possidonio Sampaio, Filafelfo P. de Souza, Virgínia Pezzolo, Valdecirio Teles Veras, Fausto Polesi, entre vários outros.

É nos anos oitenta que, no passo da redemocratização do país e da luta pela liberdade de expressão, a literatura em Santo André alcança expressão mais ampla e engajada, uma vez que, na esteira dos movimentos sociais e políticos do Grande ABC houve grande amadurecimento cultural e artístico em várias frentes. A literatura passa então da estática para a dinâmica, da inexistência para a diversidade, nas palavras de Tarso de Melo.

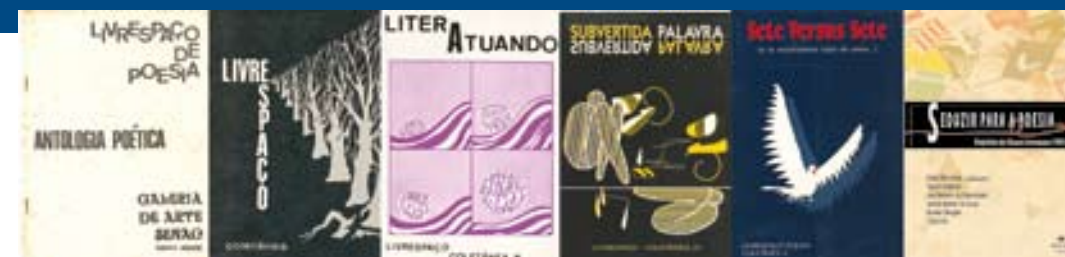
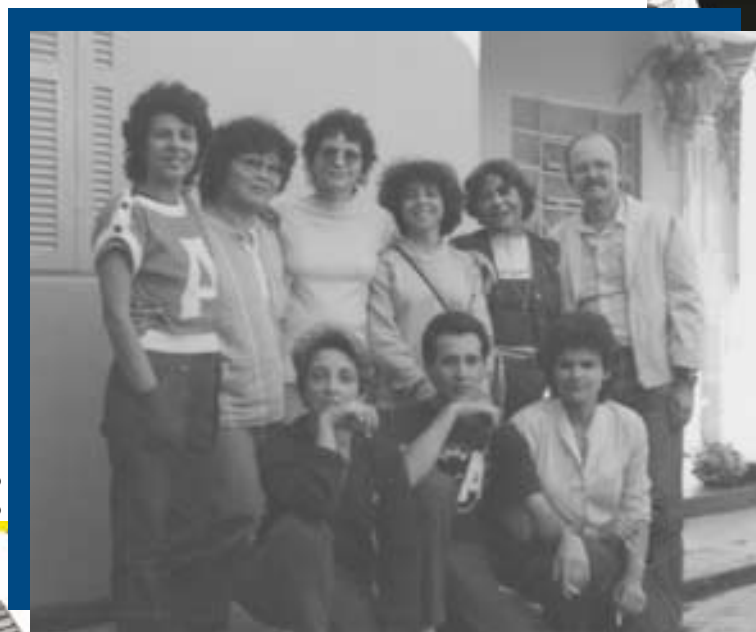
Por volta de 1983, o Café Livrespaço, no Bairro Jardim, abriu espaço para artistas exporem suas obras e divulgarem seus trabalhos. Assim, atraiu alguns poetas andreenses que eventualmente ali se encontravam, desaguardo no evento que chamaram de Livrespaço de Poesia, com lançamento de livros, exposição e declamação de poemas, música, noites de autógrafos etc. O sucesso fez o evento se estender por quase um mês.

Essas noites renderam uma proposta do SENAC, que convidou os poetas para uma experiência semelhante na escola, envolvendo alunos de seus cursos, professores e alunos da rede pública de ensino. Cerca de mil e quinhentos estudantes compareceram e interagiram com os poetas, participando de discussões, exercícios de criatividade e recitais. Percebendo algo maior na iniciativa, Claudio Feldman, Dalila Teles Veras, José Marinho do Nascimento, Jurema Barreto de Souza, entre outros, oficializaram o grupo com o nome Livrespaço, em homenagem ao Café onde se originou. A eles logo se uniram outros poetas como Tônia Ferr e Rosana Chrispim.

Alguns membros do Grupo Livrespaço



Lygia Fagundes Telles fala na I Semana Livrespaço para um público que lota o Teatro Municipal de Santo André.



Os poetas, na sua maioria professores, buscavam formas de sensibilizar crianças e adolescentes para a literatura. Após reunião preparatória com representantes de delegacias de ensino da cidade e dezenas de professores criaram o Encontro Poeta-Leitor, que se tornou a essência de sua ação cultural. O Encontro consistia em brincar com as infinitas possibilidades das linguagens inspirando alunos a criarem seus próprios versos ou outras formas de expressão de arte. Até o final do ano, mais de sete mil alunos de escolas públicas, particulares e universidades e ainda pais de alunos participaram dos encontros.

Para além da sala de aula, a partir de 1985 foi promovida anualmente a Semana Livrespaço, repleta de debates, oficinas literárias, palestras e exposições, alcançando um sucesso de público sem precedentes. Sua primeira edição trouxe a escritora Lygia Fagundes Telles para uma conferência que lotou o Teatro Municipal de Santo André com mais de quinhentas pessoas. Nos anos seguintes, autores como Marcos Rey e José Paulo Paes também compareceram. A VI Semana, em 1992, foi a última porém a mais arrebatedora. Comemorando os setenta anos da Semana de Arte Moderna, a Orquestra Sinfônica de Santo André executou um concerto de composições de Villa Lobos e, nos intervalos, os poetas declamavam poemas no palco: Relendo Mário de Andrade.

O Livrespaço eleva Santo André a um patamar ainda mais alto em 1992 com a retomada da Revista Livrespaço, cujo número zero fora lançado em 1987. A revista foi então lançada regular e bimestralmente por dois anos, circulando no país e no exterior. Além da divulgação de obras dos poetas membros do grupo, as publicações traziam resenhas críticas de poetas emergentes, artigos acadêmicos, traduções de poetas estrangeiros, resgate de nomes importantes da literatura brasileira e entrevistas com artistas e pensadores como Ferreira Gullar, José Mindlin e o dramaturgo Luís Alberto de Abreu. A arte gráfica era feita sempre por algum artista plástico convidado. Por sua projeção, a Revista Livrespaço recebeu o prêmio APCA de melhor realização cultural de 1993.

O amadurecimento de uma trajetória ininterrupta de onze anos levou o Grupo Livrespaço a decidir pelo encerramento de suas atividades em 1994. Cada integrante do grupo, à sua maneira, continuou promovendo a literatura andreense, destacando-se algumas iniciativas como o jornal bem-humorado A Taturana idealizado por Claudio Feldman em 1979, a revista A Cigarra, criada por Jurema Barreto de Souza em 1982 e a Alpharrabio Livraria e Editora, criada por Dalila Teles Veras em 1992 com forte inspiração no Café Livrespaço.



ALFARRÁBIOS:
Termo que designa livros antigos, geralmente usados e esquecidos e, por isso mesmo, também raros.

Alfarrábios – Livro novo é aquele que você ainda não leu

Em 1991, o casal Dalila e Valdecirio Teles Veras compra uma casinha no Jardim Bela Vista com a intenção de criar um espaço cultural que valorizasse o livro, a leitura e o conhecimento, onde pessoas pudessem se encontrar, trocar ideias, criar arte juntos e discutir possibilidades culturais. Começaram recolhendo alfarrábios e logo reuniram grande acervo e criaram um sebo. Aprofundando a ideia do Café Livrespaço inauguraram a Alpharrabio Livraria Espaço-Cultura, a transformando num verdadeiro celeiro cultural.

Em 1998 Dalila coloca à disposição para livre consulta centenas de livros, revistas, teses e documentos sobre a história e a cultura do Grande ABC, reunidos desde os primeiros anos do espaço. Em 1999, nas comemorações dos sete anos de casa, a livraria alcançou a rara proeza de reunir protagonistas culturais das sete cidades do Grande ABC para apresentar e discutir o que havia de mais notável na arte e na cultura da região. O evento Sete Anos Sete Cidades – Culturas, que durou sete meses, visava à publicação de um catálogo que acabou por não ser feito. No entanto o livro comemorativo dos doze anos da Alpharrabio incluiu preciosos registros de todas as atividades e debates daqueles meses.

Sob sua chancela a livraria criou uma editora com o objetivo de promover autores da região. Sucedeu assim publicar mais de cem títulos com obras de dezenas de escritores e pensadores locais como Antonio Possidonio Sampaio, Paschoalino Assumpção, Tarso de Melo, Deise Assumpção, Luiz Roberto Alves, Silvia Passarelli, Marco Antonio Moretto, José Marinho do Nascimento, Paulo Franco e vários outros. Além de ter se tornado referência para pesquisadores do ABC, a livraria abriga tanto conversas informais em seu café quanto vernissages, lançamentos de livros, apresentações musicais, recitais, debates e diversas outras atividades culturais e artísticas locais.



Alpharrabio quando inaugurou em 1991 e atualmente



A Alpharrabio se tornou ao longo dos anos mais do que um espaço de encontro. Tornou-se um espaço aberto de debate sobre a cultura regional onde se discutem caminhos e propostas possíveis de política cultural na tentativa de se viabilizar estratégias de diálogo qualificado com a administração pública. O exemplo mais forte desse fenômeno é o Fórum Permanente de Debates Culturais que une mais de cem pessoas ligadas a atividades culturais e artísticas em Santo André e região desde 1993, a partir do Seminário Cidadania e Cultura.

Ao atingir a maioria, aos dezoito anos de ininterrupto funcionamento, o espaço cultural recebe uma homenagem da Câmara Municipal de Santo André e, na oportunidade, o Vereador Israel Zekcer compara a livraria Alpharrabio com o espaço criado por Silvia Beach que, em 1919, na Cidade de Paris, abriu as portas da pequena livraria Shakespeare and Company, cujo sonho era que as pessoas tivessem um lugar onde pudessem se reunir e conversar sobre literatura, bem como divulgar os escritos e demais artistas refugiados, de qualquer nacionalidade, e se tornou um refúgio das letras, oásis da literatura, sendo responsável pela publicação e divulgação de muitos escritores que compõem a história da literatura.

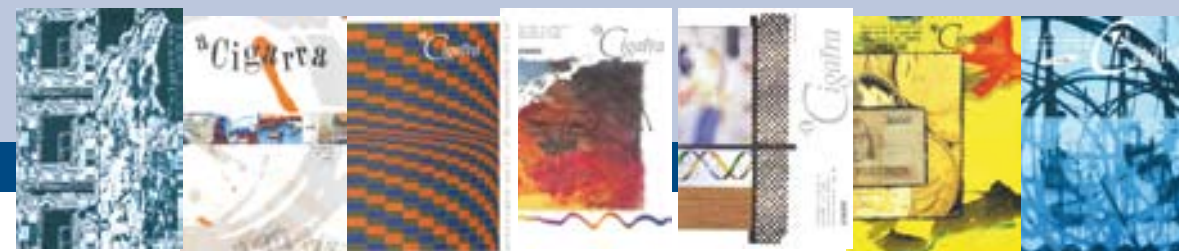
O Canto da Cigarra



A ideia do jornal literário alternativo A Cigarra surgira por iniciativa de Jurema Barreto de Souza e Terezinha Sávio, universitárias da FAFIL da Fundação Santo André, inspirada em algumas publicações alternativas como A Taturana, que durante muitos anos, passando de mão em mão, driblaram a censura. Mimeografadas, as primeiras duas edições da Cigarra lançaram poemas de professores e alunos e se alçaram à imprensa alternativa circulante pelo correio. Os números seguintes atraíram vários correspondentes e a tiragem teve que ser elevada e feita em fotocópias.

Em 1994, Jurema convida Zhô Bertolini, poeta e artista plástico, para ser coeditor. Zhô colabora tanto com uma transformação visual do jornal para o formato de revista com impressão off-set, quanto no fortalecimento do caráter independente, irreverente, alternativo e criativo da publicação. Em 1997, já em cores, artistas plásticos da cidade como Luiz Sacilotto, João Suzuki, Ricardo Amadasi, Damara Bianconi e os próprios editores passam a decorar as edições com suas artes gráficas. Música, fotografia, escultura e grafite também ganham espaço na revista gerando curiosas experimentações artísticas.

Em 2007, o número quarenta e dois da revista comemora as bodas de prata de uma publicação que se configurou, ao longo dos anos, como um espaço de resistência poética gerando encontro de poetas, literatos e outros artistas, colocando lado a lado novatos e veteranos, de Santo André, do resto do país e até estrangeiros. Não por acaso se tornou uma das principais referências literárias do Grande ABC com projeção nacional, se metamorfoseando sempre que necessário para se manter viva e independente.



Acordes Dissonantes

Em 1953 o maestro Leonides Urbenin, que já havia sido regente da Orquestra Sinfônica de Moscou, ajudou a fundar a Sociedade Amigos da Música com o objetivo de se formar uma orquestra sinfônica municipal. O projeto vingou, uma vez que veio ao encontro dos preparativos das comemorações do quarto centenário da fundação da cidade. A estréia da Orquestra Sinfônica de Santo André encerrou a programação cultural do aniversário de Santo André em 1954 com público de mais de mil pessoas.

Urbenin regeu engenheiros, comerciantes, estudantes, pedreiros e outros músicos amadores cuja idade variava entre os onze e os setenta e dois anos e conduziu a orquestra ininterruptamente até sua morte em 1964. A companhia é novamente convocada em 1972 sob a regência do maestro Tibor Reiner, húngaro que, antes de vir ao Brasil, preso num campo de concentração soviético confeccionou instrumentos com couro de porco e sal e outros materiais, formando uma orquestra de presos. Em Santo André, entre outros concertos conduziu a Orquestra na execução de O Lamento dos Escravos, de sua própria composição e na gravação do hino municipal com o Coral da Fundação do ABC, que ele mesmo selecionou. Lamentavelmente a segunda geração da sinfônica andreense e o coral tiveram vida curta e se encerraram em 1974 por falta de verbas e políticas que garantissem sua manutenção.

Embora Reiner já tivesse obtido verba para pagar os músicos, foi sob a batuta de Flávio Florence e condições previstas por lei que a Orquestra se tornou de fato realidade. Florence, filho de Álvaro Cezar Florence, membro da primeira formação, garantiu a formação de uma orquestra-escola jovem profissionalizando músicos para compor o corpo principal. Sob sua regência, a Orquestra promoveu diversos músicos da região em seus concertos e, em um dos momentos mais especiais de sua história, executou O Messias de Haendel integralmente, com as vozes do Coral Municipal e participação da soprano Martha Herr dentro da Igreja Evangélica Luterana de Santo André durante a madrugada. O concerto foi gravado



1ª. apresentação da Orquestra Sinfônica de Sto. André - regência de Leonid Urbenin - Teatro Carlos Gomes, 1953. Col. Cleopatra Tschesbutchenko - Ac. Museu de Sto. André Dr. Octaviano A. Gaiarsa

e dele foi feito um CD.

A Orquestra Sinfônica de Santo André apresenta-se regularmente no Teatro Municipal e é presença constante nos Festivais de Inverno de Campos de Jordão, que reúne os principais nomes da música erudita do país. Apresenta-se também em outros lugares alternativos em Santo André e em outros municípios, com a mesma qualidade e refinamento, buscando difundir o gosto pela música orquestral a uma grande diversidade de pessoas.

Outras manifestações musicais significativas também tomaram os palcos da cidade. Movimentos operários em Santo André são quase tão antigos quanto a própria industrialização da cidade. Conhecido palco de ação sindicalista e de partidos políticos, o município também foi espaço de manifestações culturais expressivas provenientes de grandes contingentes de trabalhadores. Marcado por visual metalúrgico, letras politizadas, sonoridade rude e comportamento agressivo e contestador, o movimento do Punk Rock do Grande ABC foi um dos mais importantes do país durante a década de 1980. Nessa época havia grande procura do Teatro Municipal também para apresentações de rock.

A prefeitura de Santo André, percebendo o expressivo potencial manifesto nas bandas de garagem as inclui então nas políticas culturais do município na primeira gestão do prefeito Celso Daniel. O coordenador cultural Marco Moretto, que havia fundado a União



Paulista de Rock e vinha trabalhando com música e conscientização na zona leste de São Paulo, se encarregou de mapear o movimento Punk andreense e organizar eventos. Moretto foi um dos principais idealizadores do evento chamado Rock In Rua, que consistia em promover shows de Rock com apresentações de bandas em espaços públicos da cidade se utilizando da mídia da imprensa alternativa, como os fanzines (revistas de fãs), para divulgação.

O Rock In Rua funcionou durante três anos quinzenalmente com mais de três mil bandas da região cadastradas, entre elas Garotos Podres, Kaes Vadius, Devotos de Nossa Senhora Aparecida, e Mentecaptos Eróticos. Metade das bandas inscritas era da região do ABC, a outra metade vinha de vários lugares do país como Brasília e Recife, e até mesmo da Argentina. O Rock In Rua também ganhou uma versão especial em que bandas locais de destaque abriam shows de um artista ou banda consagrado. Nessas edições tocaram em palcos andreenses Lobão, Ira, Golpe de Estado, Ed Motta e Kiko Zambianchi. O evento ainda abriu espaço para o Rap comemorando o mês da consciência negra em 1991, trazendo os Racionais MC's, e também um mês só com bandas femininas.

A expressão maior do movimento Punk em Santo André aconteceu após as comemorações dos vinte anos de sua origem com palestras, debates, passeatas e apresentações, na criação de uma Ópera Punk chamada Existe Alguém + Punk do que Eu? escrita pelo dramaturgo Antonio Bivar, com participação de Antonio de Pádua, ex-vocalista da banda Passeatas, na produção, e encenada pelo grupo andreense Motim Punk em comemoração aos vinte anos do movimento.

Experiência semelhante foi constituída através da ação dos Centros Comunitários que surgiram junto às escolas municipais no início dos anos noventa abertos para a participação da comunidade. Cada núcleo possuía um agente para mapear as manifestações culturais nos bairros. Nesse mapeamento o Hip Hop vai pouco a pouco tomando for-

ma, entrando nas políticas culturais do município e conjugando o exercício da cidadania à linguagem do jovem. Ações desse tipo resultaram no programa Redescobrimdo a Cidade, do qual Marco Moretto era coordenador e Vânia Ribeiro era gerente. Ambos muito colaboraram para um olhar mais apurado sobre a cultura da população andreense geralmente restrita a guetos e bairros e cerceada por preconceitos e estereótipos.

O programa resultou em ações culturais como a Ópera Punk e uma série de oficinas que trabalhavam todas as linguagens do Hip Hop, situando Santo André como referência nacional da cultura de rua. Os eventos atraíram nomes tão diversos quanto os rappers Mano Brown e Thaíde, e personalidades como Henry Sobel e Marcelo Rubens Paiva discutindo questões como violência e vida urbana. Um dos eventos de destaque foram as mostras de grafite que trouxeram como resultado a decoração de alguns espaços públicos conhecidos da cidade, como os muros da estação ferroviária.

Redescobrimdo a Cidade se aproximou de lideranças locais importantes como MC Enézi-mo, MC Robson Luis do grupo musical Ua-fro, que chegaram a ser conselheiros de cultura da cidade, MC Arnaldo Tifu, Marcelo Buraco, membro fundador da posse Negroatividade e membro da nação Hip Hop, e o grafiteiro Tota, todos bastante atuantes em questões de cidadania e luta contra a desigualdade social.



MOVIMENTO PUNK: Surgiu na década de 1970 como uma espécie de tribo urbana pregando sobretudo o questionamento das regras sociais e a defesa da liberdade individual. Questionava a mídia e o estilo de vida consumista e também não defendia partidos políticos nem criava um novo, embora historicamente apresente expressão política de forte protesto e aproximação ao anarquismo. A expressão punk geralmente aparece na música rude com acordes simples e fortes, no comportamento agressivo e anárquico, no visual urbano com calças jeans justas e rasgadas, jaquetas de couro e acessórios metálicos bem como penteados nada convencionais.



Sônia Guedes durante espetáculo "Aleijadinho- aqui e agora", no Teatro Municipal Santo André, 1972. Col. Sônia Guedes. Ac. Museu de Santo André Dr. Octaviano Gaiarsa

Do Teatro de Alumínio ao Teatro Municipal

As artes dramáticas em Santo André começam a ganhar corpo com a fundação da Sociedade de Cultura Artística, a SCASA, originada em 1953 no Clube Atlético Rhodia, que acabou se tornando o grande propulsor do teatro amador andreense. Suas primeiras apresentações eram realizadas no auditório da escola Júlio de Mesquita. Já na ocasião da fundação da Sociedade, trouxeram a peça *Ingênuo até Certo Ponto*, com Nicete Bruno e Paulo Goulart no elenco. Até 1955 a trupe já estava em altíssima atividade, visitando outras cidades e atraindo grupos profissionais para se apresentarem em Santo André.

O município carecia de um espaço adequado para o teatro e o auditório da escola Júlio de Mesquita não comportava o volume de eventos. Construir um novo espaço foi um projeto da SCASA, que cresceu na presidência de Paschoalino Assumpção em 1960. Paschoalino viu um anúncio de venda de um pavilhão denominado Palácio de Alumínio Sudan em Santos, com peças de zinco, palco, amplificador, caixas de som, cadeiras, gongos etc. Comprometendo os recursos financeiros da Sociedade ele fecha a compra e o Teatro de Alumínio é construído na esquina da Rua Coronel Alfredo Flaquer com a Rua Francisco Amaro, em um terreno emprestado pelo proprietário e com apoio de várias empresas.

Para a estréia do Teatro de Alumínio foi convidada a companhia de Bibi Ferreira para encenar *Diabinho de Saias*. A partir de então Antonio Chiarelli, Nina Neri, Sonia Guedes, Antonio Petrin e o resto do elenco do SCASA lotavam, com seus espetáculos, o auditório feito com caixotes de geladeira e peças de automóveis, folhas de zinco, telha brasilit e outros materiais "imprestáveis". Levaram o primeiro lugar do 1º Festival de Teatro Amador do Estado de São Paulo com a peça *Colégio Interno*, dirigida por Chiarelli. Nas finais, em Campinas, Sonia Guedes ganha prêmio de melhor atriz coadjuvante e com ele uma bolsa de estudos na Escola de Artes Dramáticas em São Paulo.

Em 1968 o Teatro de Alumínio teve que ser desinstalado a pedido da prefeitura para a construção da Avenida Perimetral. A SCASA então o desfaz e vende todas as suas peças, encerrando um curto e riquíssimo período da história do teatro regional. Simultaneamente, alguns alunos andreenses da EAD, Escola de Arte Dramática de São Paulo, percebendo que estavam em número considerável na escola, decidiram montar um novo grupo de teatro em Santo André. Sonia Guedes, Aníbal Guedes, Antonio Petrin, Antonio Natal, Dilma de Mello, Josias de Oliveira e Luzia Camela então fundam em 1968 o GTC, Grupo de Teatro da Cidade, que tinha como objetivos a descentralização do teatro paulistano, o aproveitamento do elenco local para geração de novos profissionais, a democratização da cultura ampliando o acesso da população ao teatro e a criação de uma nova maneira de fazer teatro na qual ele seria um serviço público, aberto e disponível a qualquer cidadão.

O GTC logo se aliou à SCASA, que continuava na vanguarda da produção teatral em Santo André. Juntos trabalharam pela inauguração do Teatro Conchita de



Aspecto do Teatro de Alumínio antes da construção Col. Octaviano Gaiarsa. Acervo: Museu de Santo André Dr. Octaviano Armando Gaiarsa

Moraes e do Teatro SCASA e ainda apelaram à prefeitura para que fosse construído um teatro municipal no centro cívico da cidade, cujas obras começaram em 1966.

Em 1971 o Teatro Municipal é inaugurado pelo GTC com o espetáculo A Guerra do Cansa Cavalo, drama com ambientação nordestina, toques cômicos e crítica social, de Osman Lins, mesmo autor de Lisbela e o Prisioneiro. A partir de então, sobretudo em decorrência da presença de Nair Lacerda e Miller de Paiva na Secretaria de Educação e Cultura, a Prefeitura Municipal investe intensamente em várias frentes culturais. O GTC organiza uma parceria com a prefeitura com os seguintes objetivos: formar um núcleo local de produção, apoiar montagens e formação de grupos amadores, atrair estréias de grupos profissionais para Santo André seguidas de temporadas populares e incluir a programação da cidade no roteiro paulistano. Com efeito, o Teatro Municipal de Santo André sediou grandes estréias nacionais, como O Homem de La Mancha, com Paulo Autran e Bibi Ferreira em 1972 e Casa de Bonecas, com Tonia Carreiro, em 1973.

A maior parte do público do GTC sempre foi de estudantes secundaristas e, para o elenco, eram trazidos profissionais disponíveis da capital e também eram recrutados amadores e aprendizes locais. Alcançando grande qualidade artística e técnica, trouxeram para o palco a crítica social e a discussão de mudanças com forte inspiração no Teatro de Arena, no Teatro Oficina, e na EAD, de onde o grupo surgiu. Sob rígida vigilância da Ditadura Militar, o GTC sobreviveu por dez anos em um período difícil para o teatro brasileiro e de forma independente, somente com subsídios municipais e arrecadação de bilheteria.

Segundo José Armando Pereira da Silva, poucas eram as cidades que podiam dispor de três casas de espetáculo em pleno funcionamento no início dos anos 70. Santo André era uma delas. O Teatro Municipal de Santo André, com seus três palcos, ótima acústica e elevada qualidade técnica, é uma conquista da mobilização do teatro amador da cidade, instalado em meio ao paço municipal com recepção digna de uma escultura de Burle Marx e tecnicamente um dos melhores teatros do país.

O GTC ao longo de sua existência resistiu à censura da Ditadura Militar. Sua primeira diretora, Heleny Guariba, da FFLCH-USP, foi capturada e morta pelos militares. Alguns espetáculos de autoria do grupo que fizeram sucesso no exterior foram censurados no Brasil, por exemplo, Heróica Pancada, de 1974, que falava sobre Getúlio Vargas e a Revolução Constitucionalista de 1932. Ainda assim o GTC

se manteve ativo e garantido por recursos captados nas bilheterias e nos subsídios da Prefeitura sem apelo ao investimento empresarial. O GTC não resistiu a algumas mudanças administrativas no poder público municipal e encerrou sua trajetória em 1978.



Apresentação da peça "Jorge Dandim" de Molière com direção de Heleny Guariba encenada no Teatro de Alumínio, 1968. Foto: Derly Marques. Col. PMSA. Acervo: Museu de Santo André Dr. Octaviano Armando Gaiarsa.

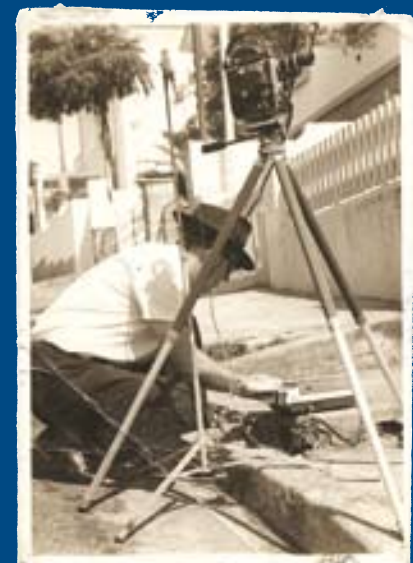
Anônimos Nacionais

Aron Feldman nasceu em uma colônia israelita no Rio Grande do Sul onde viveu até a adolescência. Em busca de condições melhores a família foi morar em Bauru, interior do estado de São Paulo, que estava em pleno desenvolvimento em função da expansão da malha ferroviária paulista. Em Bauru, onde comprou a primeira câmera fotográfica e se iniciou na fotografia, teve o primeiro contato com o cinema. Fundou o Foto Cineclube de Bauru com alguns amigos realizando excursões, cursos e promovendo exposições que chegaram a ter alcance internacional. Após adquirir sua filmadora, logo fez um filme que teve como tema as aventuras de dois garotos que fugiram de casa. Os atores eram seus próprios filhos.

Em 1958 muda-se para Santo André e mergulha de vez no universo do cinema, começando com pequenos filmes experimentais. Com olhar atento a questões sociais desde os tempos da infância entre os colonos, adere ao Cinema Novo com Casqueiro, um curta-metragem sobre meninos vendedores de caranguejo na beira da estrada em Cubatão, questão social que já rendera uma crônica de Nair Lacerda no jornal santista A Tribuna. Pouco depois fez o média metragem A Febre Nossa de Cada Dia sobre a classe média paulista.

Sobre a classe operária andreense fez dois filmes: O Pacote e Paraná e Greve, que trata de migração, desemprego e movimentos operários, falando diretamente à realidade vivida em Santo André e no Grande ABC. Entretanto, foi seu único longa metragem que teve repercussão nacional e marcou época. O Mundo de Anônimo Jr, protagonizado por seu filho Claudio Feldman, consistia em uma metáfora bem humorada dos anos de repressão da ditadura militar na qual um hospício simbolizava o Brasil e os enfermeiros, a repressão. No filme o poder é derrubado por uma simples lavadeira que derruba o maior repressor com um pontapé entre suas pernas. O filme foi vetado pela censura.

Por essas e outras, Aron Feldman sempre se manteve nos circuitos alternativos, não sendo conhecido talvez como merecia. Seus filmes alcançaram diversas mostras internacionais e serviram para discussão em universidades no Japão, na Alemanha, nos Estados Unidos e no Brasil. Aron contou com a colaboração de seu filho Claudio Feldman, importante escritor andreense (ver pág. 100), que fazia o roteiro da maioria de seus filmes e neles eventualmente atuava, de sua filha Ida Feldman, que se tornou produtora e seu filho Sérgio Alberto Feldman, historiador formado em Jerusalém. Seguindo os passos do pai e do avô, os filhos de Claudio, Fani e Bruno, começaram carreira na Escola Livre de Teatro de Santo André, em seguida partiram para a Escola de Artes Dramáticas da USP se tornando atores profissionais. Claudio por sua vez, depois de anos voltou a fazer roteiros e atuar em filmes colaborando por diversas vezes com a Escola Livre de Cinema de Santo André. Assim os Feldman continuam fazendo e difundindo cultura e arte pelo país.



Produções de cinema continuaram a acontecer em Santo André de diversas maneiras. A Escola Livre de Cinema e Vídeo, por exemplo, surgiu em 2001, a partir de um projeto do dramaturgo Luís Alberto de Abreu, inspirado em seus quase dez anos de experiência na Escola Livre de Teatro de Santo André. O projeto visa formar não só atores, mas profissionais de todos os setores da produção audiovisual. Luís Alberto aproveitou a acessibilidade cada vez maior de equipamentos audiovisuais para desenvolver exercícios de produção de baixo custo para que mesmo os cidadãos menos privilegiados tivessem condições de lidar com o universo cinematográfico sem deixar de desenvolver uma postura estética consistente. Para tanto, privilegiou uma ideia de escola que contemple não só a dramaturgia como também aspectos técnicos da produção dentro de uma linguagem de cinema que dialogue com a realidade do país e da região.

A primeira turma formada pela ELCV já rendeu contribuições sem precedentes para a produção audiovisual andreense, o que é atestado por alguns trabalhos como o curta metragem do diretor Diaulas Ulysses denominado *Os Alvos Que Queremos Virgens* que contou com a participação de Zhô Bertolini e Antonio Petrin e os trabalhos desenvolvidos pelo diretor e roteirista Alex Moletta, a produtora Simone Alessandra, o diretor de fotografia Celso Luz e o roteirista Sérgio Pires. Alex fundou a Cia Fatídicos de Teatro e Audiovisuais, onde também trabalha Simone. Com mais de cinco curtas produzidos desde 1995, para a maioria deles contaram com a experiência do diretor de fotografia Celso Luz e de Sérgio Pires, roteirista que de aprendiz passou a coordenador da ELCV. Juntos realizaram o documentário *O Pau da Missa* sobre a vila de Paranapiacaba.

BIBLIOGRAFIA

- ASSUMPÇÃO, Paschoalino. O Teatro Amador em Santo André A Sociedade de Cultura Artística (SCASA) e o Teatro de Alumínio. Santo André: Alpharrabio Edições, 2000.
- COLE, Artur, et al. Relatório Científico Final. Atividades desenvolvidas. 7Cidades: uma leitura perceptiva do Grande ABC. Contribuição metodológica para conhecer, reconhecer e intervir no espaço urbano. São Caetano do Sul: USCS; São Paulo: FAPESP, 2008.
- CORTO, Américo Del. Reminiscências de Ribeirão Pires que Vi e Vivi. Ribeirão Pires: Gemecê Empresa Jornalística, 2006.
- DEFAVARI, Olga. Imprensa Alternativa no ABC a história contada pelos independentes. Santo André: Fundo de Cultura do Município de Santo André, 2008.
- FERREIRA, João; PASSARELLI, Sílvia; SANTOS, Marco Antônio Perrone. Paranapiacaba - Estudos e Memória. Santo André: Prefeitura Municipal de Santo André, 1991.
- MELO, Tarso M. de. História da Literatura em Santo André: Um Ensaio Através do Tempo. Santo André: Fundo de Cultura do Município de Santo André, 2000.
- PASSARELLI, Sílvia Helena. Vitruvianas da Cidade. Santo André: Alpharrabio Edições, 2003.
- PREFEITURA MUNICIPAL DE MAUÁ. Cultura e Cidadania: meio século de autonomia em Mauá 1954-2004. São Paulo: Imprensa Oficial, 2004.
- RÉGIS, Iracema M. Vida e Obra de Aristides Theodoro (Um perfil quase completo). Mauá: Edições Mariposa, 2008.
- SACRAMENTO, Enock. Sacilotto. São Paulo: E. Sacramento, 2001.
- SERRANO, Maria Rita (org). O Desenvolvimento Socioeconômico de Rio Grande da Serra. São Paulo: Publisher Brasil, 2007.
- SILVA, José Armando Pereira da (org). Guido Poianas Retratos da Cidade. Santo André: Fundo de Cultura do Município de Santo André, 2002.
- SILVA, José Armando Pereira da. A Cena Brasileira em Santo André 30 Anos do Teatro Municipal. Santo André: Fundo de Cultura do Município de Santo André, 2001.
- SILVA, José Armando Pereira da. Província e Vanguarda. Santo André: Fundo de Cultura do Município de Santo André, 2000.
- THEODORO, Aristides. Manifestações Literárias em Mauá – Colégio Brasileiro de Poetas, seus fundadores, associados e outros escritores da cidade. Mauá: Edição do Fundo de Assistência à Cultura de Mauá, 2004.
- VERAS, Dalila Teles (org). Seduzir para a Poesia trajetória do Grupo Livrespaço 1983-1994. Santo André: Alpharrabio Edições, 2008.
- VERAS, Dalila Teles; VERAS, Luzia Maninha Teles. Alpharrabio 21 Anos: uma história em curso. Santo André: Alpharrabio Edições, 2004.
- <http://sites.google.com/site/maquetevertical/encontros-de-ferreomodelismo-mph/paranapiacaba-2009>
- <http://tabadecorumbe.blogspot.com/>
- <http://www.musicosdobrasil.com.br/> (João Dias Carrasqueira)
- <http://www.valdeckdegaranhuns.art.br/>
- www.ciafatidicos.com.br
- www.festivaldecortas.com.br
- www.historiaearte.net
- www.maua.sp.gov.br
- www.radiozfm.org
- www.ribeiraopires.sp.gov.br
- www.riograndedaserra.sp.gov.br
- www.sacilotto.com.br
- www.santoandre.sp.gov.br

AGRADECIMENTOS

Arthur Zobaran Pugliese, Alex Moletta, Francisca Araújo, José Mário, Kiko de Oliveira, Maria Aparecida Signoto Marques, Renato Gigliotti, Wal Volk, Valdeck de Garanhuns, Simone Santos, Anézia Santos, Toninho Orlando, Domingo Luiz Orlando, Douglas Soares, Gisela Leonor Saar, Assis dos Santos, Jô Rabelo, Juscelon Bispo Reis (Tico), Márcio de Oliveira, Cida Falsetti, Mestre Miro, Sonia Breyer, Vanessa Lima Ribeiro, Waldir dos Santos Oliveira, Américo del Corto, Assis Coimbra, Augusto Reis, Ednaldo Freire, Emerson Muzeli, Feihs Sabbag, Jerônimo de Oliveira, Luís Alberto de Abreu, Marta Rajabally, Passoca, Patrícia Fernandes Gonzalez, Rafael Francisco da Silva, Rene Alves dos Santos, Robert Rajabally, Robson Miguel, Silvana Luz, Sonia Reis, Ana Maria de Freitas, Aristides Theodoro, Cecília Camargo, Éderson de Oliveira, Edson Bueno de Camargo, Carlos Binder, Fabiana da Rocha, Gilberto Lima, Jaci Cesário, Osiris de Paula Soares, Renato Dotta, Ronaldo Batista de Moraes, Sonia Gerber e família, Claudio Feldman, Dalila Teles Veras, João Suzuki, José Armando Pereira, Jurema Barreto de Souza, Luiz Roberto Alves, Marco Moretto, Maria José Chaves Lucato, Suzana Kleeb, Valter Sacilotto, Vania Cristina Ribeiro, Zhô Bertolini, Rosângela Santos, Diretoria de Cultura de Rio Grande da Serra, Biblioteca Municipal de Rio Grande da Serra, ARCA (Associação Ribeirão Pireense de Cidadãos Artistas), AGRUPAR, iD Studio de Arte e Comunicação, Biblioteca Municipal de Olavo Bilac (Ribeirão Pires), Orquestra dos Violeiros de Mauá, Grupo Samba Lenço, Chácara das Flores, Eurípedes Barsanulfo, Seção de História e Memória da Prefeitura Municipal de Mauá, ABCs Núcleo de Referência e Memória Alpharrabio, Revista A Cigarra e Museu Municipal de Santo André Dr Octaviano Armando Gaiarsa, Pesquisa Sete Cidades USCS.

Foram fundamentais para a realização desse projeto a orientação e o apoio da Professora Doutora Silvia Passarelli, docente da Universidade Federal do ABC.



ÁGUAS, TRILHOS E MANACÁS - as cores da memória

Composto em Adobe Caslon pelo Fabricando Idéias Design Gráfico e impresso em papel couché fosco 150g por Bartira Gráfica e Editora

2010